

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPGCOM
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO**

**Movimentos sociais contemporâneos:
Uma análise das tecnologias de comunicação e informação como
ferramenta para liberdade de expressão.**

Mônica Schieck

Rio de Janeiro
Junho de 2011

Mônica Schieck Chaves Lopes

Movimentos sociais contemporâneos:
Uma análise das tecnologias de comunicação
e informação como ferramenta para liberdade de expressão.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como
quesito parcial para a obtenção do
título de Doutor.
Orientador: Prof. Henrique Antoun

Aprovada em: 02/jun./2011

Banca Examinadora:

Professor Doutor Henrique Antoun (orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Professora Doutora Ieda Tucherman
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Professora Doutora Ivana Bentes
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Professor Doutor Márcio Souza Gonçalves
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Professor Doutor Guilherme Nery Atem
Universidade Federal Fluminense - UFF

Suplentes:

Professor Doutor Paulo Roberto Gibaldi Vaz, Doutor em Comunicação - UFRJ

Professor Doutor Ricardo Freitas - UERJ

Reinaldo Leitão,
cheguei!

Ficha Catalográfica:

Schieck, Mônica.

Movimentos sociais contemporâneos: *Uma análise das tecnologias de comunicação e informação como ferramenta para liberdade de expressão* / Mônica Schieck; orientador: Henrique Antoun – Rio de Janeiro: UFRJ/CFCH/ECO, 2011.

169 fls.

Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação, CFCH

Referências bibliográficas: p. 160-169

1. Movimentos sociais. 2. Tecnologias de comunicação. 3. Livre expressão. 4. Ciberativismo. 5. Mobilização em Rede. 6. Autonomia.
I. Antoun, Henrique. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Escola de Comunicação. III Movimentos sociais contemporâneos

Agradecimentos:

Aos meus queridos amigos, Ieda Tucherman, Cecília C.B.Cavalcanti e Pedro Persechini por terem feito meu doutorado mais feliz. Obrigada, meus anjinhos!

Ao Henrique Antoun, meu orientador.

Aos membros da banca: Ivana Bentes, Márcio Gonçalves e Guilherme Nery. A cada um meu muito obrigada!

Aos professores e amigos Paulo Vaz e Ricardo Freitas por terem aceitado a suplência.

Ao professor Micael Maiolino Herschmann pela força.

Ao André Parente e a todos os professores que tive a oportunidade de compartilhar ideias durante esses seis anos (mestrado e doutorado).

Ao professor Guilherme Castelo Branco, pela atenção, gentileza e disponibilidade.

Ao professor Luiz Alberto Oliveira, pela atenção e gentileza.

A todos os amigos dos últimos seis anos. A academia é uma delícia!

Ao CNPq pelos dois anos de Bolsa de Doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação da ECO/UFRJ pela acolhida do projeto e pelo apoio durante o desenvolvimento pesquisa.

Aos meninos e as meninas da Secretaria, pela paciência.

A minha filha – Laís – pela paciência, compreensão e pela revisão! O que seria de mim sem a sua presença?

A minha mãe – Magda – pelo suporte. Sem o qual não teria possível chegar aqui.

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo apontar o uso da rede como um meio privilegiado para disseminar novas formas de organização e expressão política, destacando os atuais movimentos sociais. A análise desenvolveu-se a partir da conceitualização dos movimentos sociais e ações coletivas que aconteceram a partir da segunda metade do século XX – dos anos 50 até os anos 70. Ao explorarmos os movimentos sociais contemporâneos a partir da utilização das plataformas disponíveis na Rede, observa-se que, apesar da internet ter sido moldada no mundo acadêmico, é a cultura hacker que vai permitir a liberdade de acesso como também a sua utilização por qualquer indivíduo, transformando a Rede num espaço para livre expressão. Como metodologia de pesquisa, utilizamos a observação ativa, a partir de dois estudos de caso – o Movimento Estudantil da USP (2007) e as Eleições no Irã (2009). Verificou-se que a utilização das ferramentas da Rede Mundial de Computadores colabora na construção de uma autonomia política, permitindo os movimentos sociais amplificar suas reivindicações, frente às tradicionais instituições sociais.

Palavras-chave: movimentos sociais; tecnologias de comunicação; mobilização em rede; ciberativismo; liberdade de expressão; autonomia.

Abstract: The purpose of this study is to point out the use of the Web as a privileged mean of disseminating new forms of organizations and political expression highlighting the current social movements. The analysis was developed from the conceptualization of the social movements and collective actions that took place from the second half of the XX century – the 50's up to the 70's. In exploring the contemporary social movements from the use of platforms available on the Web, we may observe that although the Internet has been cast in the academic world, is the Hacker culture that will allow freedom of access as well as its use by any individual, transforming the Web into a space to free expression. As research methodology, we have used an active observation from two case studies – The USP (Sao Paulo University) Students' Movement of 2007 and the Elections in Iran of 2009. It was found that the utilization of the World Wide Web tools assists in the building of a political autonomy, allowing social movements to amplify their claims towards the traditional social institutions.

Keywords: social movements; communication technologies; web mobilization; cyberactivism; free expression; autonomy.

Résumé : Cette recherche a pour objectif de mettre en évidence l'utilisation du réseau comme un moyen privilégié de diffusion de nouvelles formes d'organisation et d'expression politiques, en particulier les mouvements sociaux. L'analyse effectuée s'est développée à partir de la conceptualisation des mouvements sociaux et des actions collectives qui ont eu lieu depuis la deuxième moitié du XXème siècle – des années 50 aux années 70 plus précisément. Lorsque nous analysons les mouvements sociaux contemporains à travers l'utilisation des plateformes disponibles dans le réseau, nous observons que, bien qu'internet ait été forgé dans l'univers académique, la culture *hacker* permet la libre expression. Notre méthodologie a été fondée essentiellement sur l'observation active de deux études de cas, à savoir, le Mouvement Etudiant de l'USP (Université de São Paulo) en 2007 et les Elections en Iran en 2009. Nous avons constaté que l'utilisation des outils du Réseau Mondial d'Ordinateurs contribue à la construction d'une autonomie politique et permet aux mouvements sociaux l'élargissement de leurs revendications face aux institutions sociales traditionnelles.

Mots-clés: mouvements sociaux ; technologies de communication; mobilisation en réseau, de cyberactivisme, liberté d'expression, autonomie .

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO: 1

OBSERVAÇÃO ATIVA (Considerações Metodológicas): 6

CAPÍTULO 1: Movimentos sociais & Ações Coletiva 10

- 1.1 - Movimentos sociais: como interpretá-los? 11
- 1.2 - Breve histórico das teorias dos movimentos sociais e ações coletivas. 14
- 1.3 - A mídia como estratégia dos movimentos sociais. 19
- 1.4 - Movimentos Sociais na era da informação. 22

CAPÍTULO 2: Os Movimentos 33

- 2.1 - Os Direitos Cívicos. 34
- 2.2 - A mística feminina. 40
- 2.3 - A rebelde contracultura. 45
- 2.4 - Sexo, drogas e rock'n'roll: a rebeldia dos 60. 51
- 2.5 - Maio de 1968. 61
- 2.6 - A imaginação no poder. 69
- 2.7 - Três dias de paz e música. 74
- 2.8 - O restabelecimento da ordem. 77

CAPÍTULO 3: Sociedade da Informação 81

- 3.1 - Panorama da história da internet. 83
- 3.2 - Os hackers e suas garagens. 91
- 3.3 - Comunidades virtuais. 96
- 3.4 - Da partilha do conhecimento à guerra da informação. 103

CAPÍTULO 4: Os movimentos conectados em rede 116

- 4.1 - Protagonistas da história. 117
 - 4.1.1 - Ocupa! Ocupa! 117
 - 4.1.2 - #iranelection 122
- 4.2 - Autocomunicação da massa. 129
- 4.3 - Alguma estatística. 136

Considerações finais: A luta por novos modos de viver 140

- A revolta árabe 142
- Recapitulando 146

Referências Bibliográficas: 153

INTRODUÇÃO

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle.
Gilles Deleuze

Nas últimas décadas foi possível perceber que estamos diante de profundas transformações tanto de ordem econômica, como na esfera social, científica e política. Através de diferentes recortes e perspectivas alguns estudos identificam que o modelo cultural e tecnológico da sociedade industrial não é mais suficiente para explicar este tempo que é o nosso. Denominado genericamente como: pós-industrial, pós-moderno, capitalismo tardio, capitalismo cognitivo, ou ainda no campo das ciências sociais, como era da informação, era do simulacro, era do virtual, sociedade de controle, sociedade do conhecimento, indicam por si só, a necessidade de buscarmos identificar o que estamos assistindo na sociedade contemporânea.

As sociedades são administradas por políticos e as mudanças, em qualquer esfera, somente se dão através de conflitos. Esses conflitos podem ser entendidos como disputa por hegemonia, embates de poder, forças sociais heterogêneas, como também por representações sociais e políticas diversificadas e antagônicas. Diante de uma sociedade globalizada e informatizada, os processos de articulação passam a receber influência das atuais tecnologias de informação, principalmente, por ser um meio eficaz de comunicação e organização onde é possível atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar.

Hardt e Negri (2005) apontam os movimentos do final do século XX como ‘movimento dos movimentos’ por suas características organizacionais insistirem na autonomia e recusarem qualquer hierarquia centralizada, líderes ou porta-vozes. A união de grupos, considerados até então como diferentes e contraditórios, se unem em torno de interesses em comum, deste modo assistimos “ambientalistas com sindicalistas, anarquistas com grupos religiosos, gays com lésbicas com os que protestavam contra o complexo carcerário-industrial” (p.124/125). A união desses grupos independe de uma autoridade única, se apresentam e se relacionam como uma estrutura em rede baseada em processos decisórios

democráticos. O que está em jogo aqui é a ação em conjunto, é a expressão da autonomia e da diferença que passa a coincidir com a articulação de todos.

David de Ugarte, indo de encontro ao pensamento de Hardt e Negri, sinaliza que as mudanças políticas são, em parte, causadas pela presença da internet no nosso cotidiano. O deslocamento na estrutura da informação passa a permitir a conexão de “milhões de pequenos computadores hierarquicamente iguais” (UGARTE, 2007, p.24), nascendo assim a Era das redes distribuídas que abre a possibilidade de passar de um mundo de poder descentralizado ao mundo de poder distribuído.

Seguindo um conselho de Castells (2006), definimos os movimentos sociais na sociedade em rede, por “ações coletivas deliberadas que visam à transformação de valores e instituições na sociedade [que] se manifestam na e pela rede” (p.114), ganhando novos contornos pela facilidade de articulação, pela visibilidade adquirida e pela capacidade de produzir impacto na esfera pública¹.

Ao seguirmos nesta direção, partimos do pressuposto que pensar os atuais movimentos sociais – objeto desta pesquisa - é refletir sobre as novas formas de organização e articulação diante de cenários políticos mais dinâmicos que, conseqüentemente, redefinem e ampliam os espaços políticos². De acordo com Lazzarato (2006), as estratégias dos movimentos ‘políticos pós-socialistas’, não perdem de vista as alternativas capitalistas/trabalhadores, homens/mulheres que estariam na origem das lutas, mas subordinam a ação a uma bifurcação, um desvio, um “estado de instabilidade que, ao suspender ou neutralizar as oposições binárias, abre um novo campo de possíveis” (p.20). Assim, efetuar a atualização dos possíveis não está subordinado à política como realização de um projeto ou mesmo vinculado a uma teoria revolucionária de tomada de consciência, mas sim a um processo imprevisível, aberto e arriscado.

¹ Esfera pública é aqui concebida como uma esfera da opinião pública que se contrapõe diretamente ao poder público. Conforme o caso “incluem-se entre os “os órgãos da esfera pública” os órgãos estatais ou então as mídias que, como a imprensa, servem para que o público se comunique” (HABERMAS, 2003, p. 15).

² O espaço político pode ser concebido, pelo marxismo clássico, com uma forma, uma forma-política que teria as mesmas propriedades da forma-mercadoria. Manuel Castells, ao observar nosso cotidiano, afirma que o espaço político foi capturado pelos meios de comunicação e que sem eles os fatos não conseguiriam desencadear o processo mobilizador da população.

O objetivo principal desta pesquisa foi, portanto, observar os meios de articulação dos movimentos sociais contemporâneos, a fim de identificar possíveis mudanças na organização e na atuação do sujeito a partir da utilização das atuais Tecnologias Informacionais da Comunicação (TIC's). Para tanto esta tese foi dividida em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, revisitamos o campo da sociologia para apresentar e fundamentar, através de referenciais teóricos, o que se entende por movimentos sociais e ações coletivas. Apesar de não haver um consenso nas diversas teorias e abordagens interpretativas no campo da pesquisa sobre os dois conceitos, não tivemos a pretensão de apontar um conceito único. Nosso objetivo, deste modo, foi delinear um referencial teórico que fosse capaz de nos auxiliar em nosso percurso de analisar os movimentos sociais contemporâneos.

Resumidamente, numa consulta a pesquisadora Ilse Scherer-Warren (2009), foi possível perceber que o conceito de movimento social é toda ação coletiva com caráter reivindicativo ou de protesto, independente do seu alcance. Por outro lado, aponta a socióloga, alguns pensadores entendem como movimento social um número limitado de ações coletivas em conflito, isso é, aquelas que têm em vista a passagem de um tipo de sociedade para outro. Já Maria da Glória Ghon (2008), diz que a teorização sobre os movimentos sociais é a parte mais difícil por serem eles interpretados, muitas vezes, seguindo a mesma lógica de análise que as lutas, os protestos, as revoltas, as revoluções, os quebra-quebras, as rebeldias e outras formas de ação coletiva. Sydney Tarrow (2009) vai analisar as ações coletivas como uma resposta as restrições políticas onde seus participantes atuam de forma dispersa aproveitando as oportunidades políticas diante de repertórios conhecidos, enquanto os movimentos sociais precisam estar baseados em pequenas redes sociais e estruturados em conectividade com marcos culturais em comum e orientadas contra possíveis adversários. Diante desta complexidade, Alberto Melucci (1999) chama atenção para esta dificuldade teórica e explica que, por nos encontrarmos numa fase de transição, os novos atores sociais ainda não possuem uma linguagem própria por estarem com suas raízes na memória e nos símbolos do passado. Isso designa toda ambiguidade e toda dificuldade para uma análise num momento de transição, inclusive por estarmos diante de novas formas de representação e demandas políticas.

Manuel Castells (2002, 2006, 2009) é enfático em afirmar que os movimentos sociais são o que dizem ser: suas práticas discursivas são sua autodefinição. Ao seguir uma linha de pesquisa voltada para o entendimento da relação entre os movimentos, ele os define a partir de suas práticas, valores discursivos, processos sociais, aos quais estão associados à globalização, informacionalização, crise da democracia representativa e predominância da política simbólica no espaço da mídia. Por estar atento a essas mudanças, Castells traz para sua análise a utilização das atuais tecnologias informacionais de comunicação e sustenta que elas se ajustam as características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. Deste modo, podemos argumentar que os movimentos sociais por estarem inseridos numa sociedade globalizada e informatizada, tenderam a ficar mais diversificados e complexos gerando, assim, cenários políticos mais dinâmicos.

No segundo capítulo, abordamos os mais relevantes movimentos sociais da segunda metade do século XX, focando, ao mesmo tempo, as condições históricas de cada época. Nos anos 50, marcados por um período pós - Segunda Guerra Mundial e o início de uma Guerra Fria, surgiram movimentos sociais determinados por políticas diversificadas e antagônicas, como os movimentos dos Direitos Civis e o Feminista. Estes movimentos acabaram por influenciar os movimentos das décadas seguintes, porém, estes últimos, mais concentrados em reivindicações, sobretudo da classe média, com interesses voltados muito mais para uma qualidade vida e para afirmação da diversidade de estilo de vivê-la do que para condições de vida e redistribuição de recursos. Percebemos, deste modo, que começava ali uma ruptura com o quadro referencial existente e a inauguração de novos discursos.

A internet foi moldada no mundo acadêmico, mas é a cultura hacker que fortalece os limites internos da comunidade dos tecnologicamente iniciados, libertando-a dos poderes constituídos. No terceiro capítulo, abordamos a importância dos hackers de criar tecnologia e compartilhá-la com a comunidade de forma livre. Sem nos atermos na história da Internet, este capítulo pontua os principais fatos relacionados ao surgimento da Rede, com o objetivo de levarmos adiante nossa análise sobre a apropriação das atuais TIC's pelos principais personagens dos movimentos sociais contemporâneos.

No quarto capítulo apresentamos a pesquisa empírica, a partir da análise de dois estudos de caso – o Movimento Estudantil da USP (2007) e as Eleições no Irã (2009). Partimos da hipótese que as atuais tecnologias informacionais de comunicação transformaram a relação

entre o poder institucionalizado e a política emergente de organização e manifestação dos movimentos sociais contemporâneos. Nestes movimentos percebe-se que as ferramentas da internet e das plataformas disponíveis, tais como: Facebook, Twitter, Orkut, YouTube, blogs como também, a utilização dos telefones celulares, foram os principais instrumentos que deram voz às reivindicações. Paralelamente, observamos como estas manifestações virtuais foram narradas nos tradicionais meios de comunicação de massa.

Esta pesquisa ao observar a atualidade buscou verificar a importância da utilização das ferramentas da rede mundial de computadores na construção de uma autonomia política, partindo do pressuposto que há uma autocomunicação que vem permitindo aos movimentos sociais amplificarem suas vozes, reivindicações, desejos, frente às tradicionais instituições sociais.

OBSERVAÇÃO ATIVA

(Considerações Metodológicas)

Ao partirmos da premissa que estamos experienciando um período singular da história contemporânea, identifica-se que alguns termos utilizados para qualificar este tempo - “era da informação”, “era do simulacro”, “era do virtual”, “sociedade de controle” - indicam por si que as mudanças são causadas em grande parte pelas atuais tecnologias de comunicação e informação (PARENTE, 2004). Para Parente, muitos filósofos e teóricos franceses contemporâneos estão de acordo com o fato de “que as máquinas info-comunicacionais estariam engendrando profundas transformações nos dispositivos de produção das subjetividades” (p.93), mas destaca que há uma gradação de posições entre a rejeição e a aceitação quase sem reservas sobre os impactos e efeitos das tecnologias de informação e comunicação.

Entretanto, um dos desafios com as quais se depara aquele que se dedica à pesquisa de uma situação presente, tais como as atuais tecnologias de comunicação, principalmente a Internet, é a sua constante atualização e a forma como as ferramentas são apropriadas pelos usuários. Vislumbrando que os múltiplos efeitos dessas apropriações seguirão em um campo aberto para futuros e profícuos debates, o que se objetiva nesta pesquisa é observar alguns movimentos sociais contemporâneos que foram percebidos como uma organização democrática, capazes de proporcionar ao indivíduo a experiência de manifestar-se para o mundo.

Observar requer perceber um conjunto de possibilidades atreladas ao conhecimento do objeto observado e, neste sentido, investigar seria uma tentativa de encontrar caminhos, ver a mesma coisa com outro olhar (CAVALCANTI, 2011). Para tal, deve-se relacionar o objeto a outras fontes, sejam “as próprias metodologias, técnicas de pesquisa, traçar objetivos claros, hipóteses e justificativas, a fim de provocar uma conversação com os referenciais teóricos, narrativas, enunciados, ideologias, imaginários, certezas e dúvidas” (MACHADO, online³).

³ Disponível em: http://www.maristas.org.br/sites_especificos/maristasul/img/file/juremir_machado.pdf

Deve-se lembrar aqui que a palavra ‘método’ não significa de jeito nenhum metodologia? As metodologias são guias a priori que programam as pesquisas, enquanto que o método derivado do nosso percurso será uma ajuda à estratégia (a qual englobará, de modo utilitário, segmentos programados, isto é, ‘metodologias’, mas comportará necessariamente descoberta e inovação) (MORIN, 1999, p. 35).

Especificamente no que concerne a esta pesquisa, recorreremos aos seguintes métodos de análise:

- No primeiro capítulo, no qual traçamos os conceitos e abordagens dos movimentos sociais e das ações coletivas, utilizamos como principais referências teóricas destacados sociólogos, tais como: Jeffrey C. Alexander, Octavio Ianni, Alberto Melucci, Angela Alonso, Manuel Castells, Maria da Glória Ghon e Sidney Tarrow, a fim de apreendermos os conflitos existentes.

Ressalta-se que a tarefa do pesquisador-observador é o de identificar o problema e considerar o que é dito como constituído de solução, já que partimos do pressuposto que,

(...) todo discurso é circunstancial (GILL, 2002, p.249) e, que todo conhecimento é socialmente construído, i.e., que nossas maneiras atuais de compreender o mundo são determinadas não pela natureza do mundo em si mesmo, mas pelos processos sociais (ibid.,id.p.245).

- No segundo capítulo foi realizada uma revisão bibliográfica, utilizando-se como principais referenciais teóricos: Ken Goffman e Dan Joy; Daniel Cohn-Bendit; Jacques Sauvageot; Alain Geismar; Jean-Pierre Duteuil; Mikal Gilmore; Leandro Karnal; Martha G. Narvaz e Sílvia H. Koller; e Maria Helena Simões Paes. Nossa intenção foi traçar uma historicidade dos principais movimentos sociais no período pós II Guerra e da Guerra Fria. Afinal, como nos alertava Michel Foucault, somente conhecendo as condições históricas é que vamos ser motivados para uma conceituação (Foucault In: DREYFUS & RABINOW, 1995, p.232).

Cabe, no entanto pontuar que, especificamente nesta pesquisa, a análise histórica realizada foi no intuito exclusivamente de observar as formas de organização dos grupos sociais dentro de cada contexto temporal e espacial.

- O objetivo do terceiro capítulo foi traçar os principais acontecimentos relacionados ao surgimento da internet, para perceber que a cooperação e a liberdade de informação, próprias da Rede, foram apropriadas pelos movimentos sociais contemporâneos. Neste sentido, não nos coube fazer um extenso relato da história do surgimento da internet, já que existem vários estudos sobre o tema. Deste modo, analisamos como a formação da internet coloca em relevo a capacidade das pessoas de “transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo” (CASTELLS, 2006, p.13).

Os principais referenciais teóricos nesta etapa foram: Manuel Castells; Howard Rheingold; John Arquilla e David Ronfeldt; André Lemos e Pierre Lévy.

- O quarto e último capítulo constitui a pesquisa empírica, com a análise do Movimento Estudantil da USP, em 2007 e das Eleições no Irã, em 2009. Neste período, foram observados ainda outros movimentos sociais ou ações coletivas que serviram de base para a análise final desta pesquisa, tais como a Campanha Eleitoral de Barack Obama (2008); a Lei Pécresse, promulgada pelo presidente Nicolas Sarkozy, cuja intenção era dar mais autonomia para as universidades (2008) e os estudantes não eram a favor; a petição online “em defesa da liberdade e do progresso do conhecimento na internet brasileira”, contra o Projeto de Lei do Senador Azeredo - PSDB/MG (2009) que, entre outras disposições, atentava contra a liberdade, a criatividade, a privacidade e a disseminação de conhecimento na internet brasileira, além de uma rápida observação do fenômeno Wikileaks (dez./2010) e dos últimos acontecimentos no Egito (jan./2011).

Em se tratando de uma pesquisa realizada no campo virtual (BATALHA, 2009, p.511), utilizamos, no quarto capítulo, preponderantemente o que vamos denominar como uma observação ativa, que constituiu na participação efetiva, através das ferramentas disponíveis, permitindo assim “retratar as visões de todos os atores da situação” (THIOLLENT, 1998). A partir daí, foi possível traçar um paralelo com as notícias veiculadas nos meios de comunicação clássica.

No caso do Movimento Estudantil da USP, as primeiras notícias nos jornais impressos relatavam um movimento “sem rosto”, “sem liderança”, mas qualificando-os como “arruaceiros” e “baderneiros” vinculados a um partido político, o que no desenrolar do movimento acabou por ser desmentido. Durante nossa investigação no campo virtual, foram

encontrados vários vídeos, blogs e comunidades no Orkut, onde foi possível perceber uma divergência entre o que os estudantes contavam sobre o movimento e as informações divulgadas pela imprensa.

Especificamente na observação das Eleições do Irã, o perfil do jornalista carioca Pedro Doria - @pedrodoria⁴ nos chamou atenção, num primeiro momento, para algo estranho que acontecia nas ruas de Teerã. Através do meu perfil no Twitter - @mschieck⁵ passamos a seguir, na sequência, os perfis @StopAhmadi⁶, @mousavi1388⁷ e @IranElection⁸, criados para disseminar informações sobre o que acontecia logo após a divulgação do resultado da eleição iraniana.

No período de 13 ao dia 17 junho, considerado como os dias de pico dos twettes, chegando a alcançar a média de 220 mil mensagens por hora, continuamos conectados aos perfis relacionados, dentre outros, em busca de informações em tempo real, uma vez que as TV's encontravam-se sob um forte controle estatal e os correspondentes estrangeiros com dificuldades para obter informações sobre a rebelião. A partir da postagem do twett "Internet, SMS, Phones...everything very limited in Iran #iranelection" pelo perfil @StopAhmadi, vários desdobramentos se seguiram através de outras plataformas, tais como: YouTube, sites, homepages, Google e Facebook.

Nossa observação ativa consistiu em dar um retweeting (RT), quando estávamos conectados, em quase todas as informações postadas pelos perfis @StopAhmadi, @mousavi1388 e @IranElection, além das geradas na página do Facebook 'Friends Of The Iranian People'⁹ e observar que a interação usuário-usuário é potencialmente o modo de colaboração que vem sendo utilizada para disseminar informações, partilhar ideias e coordenar atividades instantâneas no âmbito da rede.

⁴ <<http://twitter.com/pedrodoria>>

⁵ <<http://twitter.com/mschieck>>

⁶ <<http://twitter.com/StopAhmadi>>

⁷ <<http://twitter.com/mousavi1388>>

⁸ <<http://twitter.com/iranelection>. Atualmente (2009) está escrito no perfil: *I am in Pause mood.*>

⁹ <<http://www.facebook.com/group.php?gid=124615847192&ref=ts>>

CAPÍTULO 1:

Movimentos sociais & Ações Coletivas

A realidade dos movimentos sociais é bastante dinâmica e nem sempre as teorizações tem acompanhado esse dinamismo (SCHERER-WARREN, 2009, online¹⁰). Na sociedade contemporânea, diante da globalização e da informatização, os movimentos sociais tenderam a se diversificar e a se complexificar devido à emergência das novas formas de organização e articulação, gerando cenários políticos mais dinâmicos, especialmente nas sociedades em processo de democratização. Neste sentido, temos por objetivo abordar ao longo deste capítulo a questão dos conceitos de movimento social e ação coletiva, a fim de conhecermos um pouco melhor suas concepções. Esta abordagem torna-se necessária por partimos da premissa que ela nos ajudará a refletir sobre os movimentos sociais da atualidade.

Contudo, cabe destacar que não temos a pretensão de resolver uma possível falta de consenso no que diz respeito aos dois conceitos. Nossa intenção é apontar a problemática existente para assim trilharmos um caminho possível para compreendermos o tema que estamos abordando. Por estar no campo da sociologia, destacamos alguns sociólogos cujo referencial teórico se aproxima mais do nosso objeto de pesquisa.

Como veremos a seguir, partimos do pressuposto que o nosso presente não se enquadra nas categorias teóricas consagradas para classificar os tipos de movimentos sociais, portanto, nossa primeira intenção é apresentar essa discussão e levantar alguns aspectos que podem apontar caminhos que nos ajudem a elucidar as ambigüidades relativas aos conceitos. Manuel Castells, autor atento as mudanças sobre os movimentos sociais e a utilização das atuais tecnologias informacionais da comunicação (TIC's), sustenta que a internet se ajusta as características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. Na primeira década deste século XXI, os movimentos sociais são ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade que se manifestam na e pela internet (CASTELLS, 2006, p.114).

¹⁰ Disponível em: <<http://is.gd/U5RPEc>> Acesso em: 25 ago. 2010.

1.1 – Movimentos sociais: como interpretá-los?

La reflexión teórica sobre los movimientos sociales es mucho más pobre que la de los actores políticos.
Alberto Melucci

Em busca de uma definição que contemple o conceito de movimentos sociais e ações coletivas, propomos começar com uma consulta ao Wikipédia¹¹. O movimento, apesar de parecer estranho, tem por finalidade atestar o momento atual onde qualquer informação sobre os mais variados assuntos pode ser obtida na rede. Fizemos esta opção em função do objeto desta tese ser os movimentos baseados na e em rede, assim fomos observar o que estava sendo dito sobre o assunto. Ou seja, o que está sendo dito sobre os movimentos na própria rede.

As interpretações que lá encontramos sobre movimentos sociais podem ser divididas assim: como uma expressão técnica para denominar movimentos improvisados por atores sociais; uma categoria ampla que pode congrega, dependendo dos critérios de análise, organizações voltadas para promoção de interesses morais, éticos e legais e, finalmente, como uma realidade bastante dinâmica que nem sempre as teorizações acompanham esse dinamismo¹². As ações coletivas, por sua vez, são interpretadas nessas poucas linhas: “é a busca da realização de interesses comuns por mais de uma pessoa. É um termo que possui formulações teóricas em muitas áreas das ciências sociais” (online¹³).

Essas breves interpretações nos levaram a questionar como podemos então pensar os atuais movimentos sociais? Seriam eles ações coletivas? Podemos considerar algumas manifestações como movimentos sociais e outras como ações coletivas? Movimento social como resultado de uma ação coletiva? Ao levantarmos essas perguntas fomos direcionados para o campo da pesquisa sociológica e optamos por um recorte sintetizado por termos nos deparado com a problemática de não haver um consenso entre os dois conceitos.

Em grande medida, os conflitos se dão por alguns teóricos entenderem os movimentos sociais sob uma perspectiva separada das ações coletivas, outras por acreditarem que não há uma separação muito nítida, sendo um a decorrência do outro. A socióloga e pesquisadora brasileira, Ilse Scherer-Warren (2009b), confirma nossas suspeitas quando diz que não há um

¹¹ Wikipédia, a enciclopédia livre - <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>

¹² Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_social> Acesso: 02 mar. 2010.

¹³ Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_coletiva> Acesso: 02 mar. 2010.

acordo sobre o conceito de movimento social, “para alguns, toda ação coletiva com caráter reivindicativo ou de protesto é movimento social, independente do alcance ou do significado político ou cultural da luta” (p.18). No outro extremo, prossegue a socióloga, encontra-se o enfoque que considera movimento social apenas um número muito limitado de ações coletivas de conflito, ou seja, “aquelas que atuam na produção da sociedade ou seguem orientações globais tendo em vista a passagem de um tipo de sociedade a outro” (ibid., id.,p.19).

Maria da Glória Gohn, também socióloga brasileira, acrescenta que apesar do interesse dos cientistas sociais e da expansão nos ciclos dos diferentes movimentos sociais, cinco grandes questões permaneceram como lacunas ou problemas não resolvidos ainda que tenham alimentado grande parte dos debates a este respeito. Vejamos o que diz a autora: primeiro, o próprio conceito de movimento social: o que são esses movimentos? Segundo: o que os qualificam como novos? Terceiro: qual a diferença para outras ações coletivas ou organizações sociais como as ONGs? Quarto: o que ocorre quando uma ação coletiva expressa num movimento social se institucionaliza? E finalmente, qual o papel dos movimentos sociais neste início de século? (GHON, 2008, p.11). Alguns analistas interpretam os movimentos sociais como o fenômeno-chave deste novo século, outros como fazendo parte de um passado, de uma problemática superada pela institucionalização das práticas sociais sem fazer parte de agendas futuras, outros argumentam ainda que o papel de transformadores das relações sociais e de agentes de mudanças não foi realizado.

Ghon (2008) observa que “a teorização sobre os movimentos sociais é a parte mais difícil” (p.12), pois poucos pesquisadores se dedicaram a definir e a conceituar os movimentos sociais. Em grande parte esta problemática se dá por vários movimentos serem interpretados seguindo a mesma lógica de análise que as lutas, os protestos, as revoltas, as revoluções, os quebra-quebras, as rebeldias e outras formas de ações coletivas. Por outro lado, existem várias teorias sobre os movimentos sociais e cada uma tem um entendimento sobre o que eles são e a que tipo de manifestação se refere. Para alguns são fenômenos empíricos, para outros são objetos analíticos, teóricos. Deste modo, afirma a socióloga, “não há um conceito sobre movimento social, mas vários, conforme o paradigma¹⁴ utilizado” (ibid., id.,p.13). Talvez a única conclusão que se possa chegar é a de que não há uma teoria única,

¹⁴ Maria da Glória Ghon, explica, a luz de Thomas Kuhn, que na ciência um paradigma surge toda vez que é difícil envolver novos dados em velhas teorias.

como também não há uma só concepção sobre movimentos sociais ou um tipo singular de movimento social, pelo contrário “desde o início do século XX há várias teorias formadas em paradigmas teóricos explicativos” (GHON, 2008, p.328).

Na linguagem da sociologia, um paradigma compreende a articulação dos momentos lógicos essenciais da reflexão: aparência e essência, parte e todo, singular e universal, sincrônico e diacrônico, quantidade e qualidade, histórico e lógico, passado e presente, sujeito e objeto, teoria e prática (IANNI, 1991, online¹⁵). São momentos lógicos que se traduzem interpretativamente em evolução, causação funcional, estrutura significativa, redução fenomenológica, conexão de sentido e contradição.

Atentando para o objetivo desta pesquisa e por nos encontrarmos mais afinados com as análises teóricas do sociólogo Manuel Castells, consultamos o autor onde ele é categórico ao afirmar que os movimentos sociais devem ser entendidos em seus próprios termos: “eles são o que dizem ser. Suas práticas discursivas são sua autodefinição” (CASTELLS, 2002, p.94). Ao sustentar este ponto de vista, Castells se afasta da pretensão de interpretar a verdadeira consciência dos movimentos e segue uma linha de pesquisa direcionada para o entendimento da relação entre os movimentos, definidos por suas práticas, valores discursivos, processos sociais aos quais parecem estar associados, por exemplo, a “globalização, informacionalização, crise da democracia representativa e predominância da política simbólica no espaço da mídia” (ibid. id., p. 95).

No segundo ponto de sua análise, Castells aponta os movimentos sociais como podendo ser conservadores, revolucionários, ambas as coisas, ou nenhuma delas, e novamente é categórico ao concluir - “espero que em definitivo” (ibid. id.,p. 96) - que não existe uma direção predeterminada no fenômeno da evolução social, o único sentido da história é a história que nos faz sentido. Portanto, do ponto de vista analítico, “não há movimentos “bons” ou “maus””. Todos eles são sintomas de nossas sociedades, e todos causam impacto nas estruturas sociais, em diferentes graus de intensidade e resultados distintos que devem ser determinados por meio de pesquisas (ibid.,id.). Na opinião do autor, todos os movimentos sociais representam indícios significativos de novos conflitos sociais, germes de resistência social e, em alguns casos, de transformação social.

¹⁵ Disponível em: <<http://is.gd/xym2Uy>> Acesso em 10 dez. 2010.

1.2 – Breve histórico das teorias dos movimentos sociais e ações coletivas

Paralelo a essas problemáticas, parece existir certo consenso no que diz respeito a abordagem clássica sobre os movimentos sociais. O período clássico seria aquele abordado até os anos 60 do século passado por estar relacionado a tensões entre as classes sociais e a revolução política/partidária de tomada de poder. Os movimentos sociais eram concebidos como mobilizações de massa que visavam tomar o poder de um Estado antagônico.

Na visão do sociólogo Jeffrey C. Alexander, o modelo clássico dos movimentos sociais é fortemente impregnado por mudanças radicais que se desenvolveram nos últimos três séculos devido a emergência da sociedade industrial. Os intelectuais responsáveis pela organização e pelo conteúdo ideológico dos movimentos revolucionários geralmente os concebiam como o meio mais eficiente para alcançar a distribuição radical dos bens. Essas lutas, dependentes da coerção e da violência, eram associadas à ideia de revolução onde a questão era o controle do poder (ALEXANDER, 1998, online¹⁶). Na realidade, os líderes revolucionários concebiam seus movimentos como instrumentos, cuja eficácia estava interligada aos ideais e aos aspectos práticos tendo a sua garantia definida pelo modelo cultural gerado pela sociedade industrial. Qualquer mudança social deveria coincidir com o campo de relações econômicas. Como consequência, a narrativa revolucionária declarava que, somente depois de estabelecida as novas formas de estrutura e as transformações técnicas redistribuísem de forma justa os bens e os serviços, é que considerações de ordem ética, moral e cultural seriam levadas em conta.

A abordagem sobre as ações e os comportamentos coletivos norteou a sociologia norte-americana dos anos 20 até os anos 60 do século passado. A partir dos anos 60 o estudo sobre os movimentos sociais ganhou “espaço, densidade, status de objeto científico de análise e mereceu várias teorias” (GOHN, 2008, p.10) por terem conquistado, em parte na própria sociedade, visibilidade enquanto fenômeno histórico concreto. Tanto nos Estados Unidos como na Europa, alguns teóricos vislumbraram o movimento pelos direitos civis, o feminismo e o ambientalismo, para citarmos os mais relevantes, como um retorno do movimento operário, entretanto, logo se observou que eles eram bem peculiares. Desinteressados do poder do Estado ou mesmo de uma revolução política, a movimentação de milhares de

¹⁶ Disponível: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200001&script=sci_arttext&lng=en >
Acesso: 03 abr. 2010.

pessoas concatenadas, solidárias e ordeiras, não cabia nos dois grandes sistemas teóricos do século XX, o marxismo e o funcionalismo. Segundo a socióloga Angela Alonso, a ruptura está no próprio nome que o fenômeno ganhou. “Tratava-se seguramente de ‘movimentos’ no sentido de ações coordenadas de mesmo sentido acontecendo fora das instituições políticas” (ALONSO, 2009, p.50/51). Não sendo, de modo algum, protagonizados por proletários, eram jovens, mulheres, estudantes, profissionais liberais, sobretudo de classe média, “empunhando bandeiras [...] também novas: não mais voltadas para as condições de vida, ou para redistribuição de recursos, mas para qualidade de vida, e para afirmação da diversidade de estilos de vivê-la” (ibid., id.).

Devido a fragilidade dos estudos clássicos em explicar os movimentos sociais dos anos 60, surge uma nova teoria como um esforço de reflexão sobre sua dinâmica, seu desenvolvimento e sua organização. A teoria da Mobilização de Recursos (MR), como nos fala Ghon,

(...) reflete suas condições de emergência, dinâmica, desenvolvimento, estrutura de organização, etc., em contraste com as abordagens clássicas que procuravam explicar os movimentos de massa dos anos 20 e 30, os quais eram totalmente diferentes dos tipos de movimento dos anos 60 (GOHN, 2008, p.10).

Durante duas décadas a teoria MR predominou nos estudos sobre os movimentos sociais nos Estados Unidos, alterando-se ao longo deste período por incorporar temas e problemas que não vinham sendo contemplados, contudo manteve sua base explicativa principal: “os movimentos sociais são abordados como grupos de interesse” (ibid.,id. p.50/51). Ou ainda, como reforça Alonso, “a teoria da Mobilização de Recursos aplicou a sociologia das organizações ao seu objeto, definindo os movimentos sociais por analogia com uma firma” (ALONSO, 2009, p.52).

A ênfase colocada por esta teoria é a econômica e os movimentos sociais interpretados como partidos e lobbies que avaliam os custos e os benefícios em busca de metas e objetivos estratégicos para as ações. Como esclarece Melucci (1999), cada grupo calcula os custos e os benefícios associados com as várias opções para ação. A participação ou a liderança de um movimento social pode ser analisada como uma distribuição de recursos, onde os atores sociais irão calcular os custos e os benefícios procurando tirar o máximo proveito da mudança. As mesmas formas de controle social “podem ser analisadas em termos de

distribuição de recursos, por exemplo, a escolha entre a reforma e a repressão envolve um cálculo de perdas e benefícios” (MELUCCI, 1999, p.08).

O protesto político, neste caso, segue a base da teoria do utilitarismo e é visto como um recurso qualquer que pode ser trocado no mercado de bens políticos (GOHN, 2008, p.51). Obedecendo ao modelo de compra e venda, os líderes assumem o destacado papel de gerentes ou administradores de um grupo e passam a ser responsáveis, inclusive, por chamar atenção e manipular as imagens que seriam divulgadas pela mídia. Como ressalta Alonso (2009), a racionalização plena da atividade política fica clara no argumento da burocratização dos movimentos sociais que, “gradualmente, criaram normas, hierarquia interna e dividiram o trabalho” (p.52), especializando os membros, com os líderes como gerentes, administrando recurso e coordenando as ações.

Nos anos 70, em função das críticas direcionadas a metodologia desta teoria, passou-se a enfatizar a linguagem, as ideias, os símbolos, as ideologias e as práticas de resistência cultural. Ao contrário das análises pela lógica do econômico da MR, a teoria da Mobilização Política (MP) faz uma nova leitura dos movimentos dos direitos civis, das mulheres, contra a guerra e as armas, o conteúdo das pesquisas passa a valorizar a política do ‘politicamente correto’, como por exemplo, os conflitos raciais: “os negros deixam de ser chamados de black e passam a ser denominados african-american”(ALONSO, 2009, p.53). Nesta atual fase, outros movimentos surgiram e passaram também a ser analisados: os ecológicos, a medicina alternativa, o direito dos animais, Nova Era, novos movimentos religiosos, etc. O movimento ecológico ganha projeção internacional através de movimentos como Greenpeace, Rainforest, entre outros. O movimento de gays, lésbicas e o movimento das mulheres se alteraram essencialmente com a organização de conferências internacionais, com a participação de setores mais radicais e grupos mais institucionalizados. O movimento pela paz deixava de ser uma oposição a guerra ou de se concentrar no levante de bandeiras em nome da paz e do amor; “a criação de uma nova ordem mundial holística passou a ser uma das grandes ênfases” (ibid.,id.).

Vários teóricos se destacaram nesta nova fase da pesquisa reformulando ou ampliando suas abordagens, entre eles: William A.Gamson, Charles Tilly, Doug McAdam, David Snow e Robert Benfort, Craig J.Jenkis, Joseph R. Gusfield, Anthony Oberschall, Donatella Della Porta e John McCarthy (GOHN, 2008, p.71). Entretanto, as abordagens não são uniformes e

algumas investem na criação de novos conceitos ao chamar atenção para os recursos sociais da comunidade, para o contexto político e para a rede de relações sociais. Pesquisadores como Mayer Zald e John McCarthy, ao investirem em pesquisas empíricas demonstram que o movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos, por exemplo, não poderia ser analisado somente por variáveis econômicas. Como analisa Ghon, diante desta nova perspectiva os argumentos recaem sobre fatores macroestruturais que promoveram a geração dos protestos sociais, tais como: a capacidade de organização do grupo em seu estado de carência e a realidade política de confronto administrada pelos líderes, formando um esquema de rede de relações sociais entre os grupos coletivos. Em suma, os protestos, descontentamentos, ressentimentos, passam a ser reconhecidos como fontes de investigação e as análises voltadas apenas para os recursos econômicos, seguindo a lógica instrumental-racionalista, deixam de ser o fio condutor dos estudos. Por estar ainda em processo de constituição, a teoria da Mobilização Política (MP) possui caráter provisório (GOHN, 2008, p.112), contudo ao reintroduzir a psicologia social como instrumento para compreensão dos comportamentos coletivos, se aproxima das teorias européias denominadas por Novos Movimentos Sociais (NMS).

A teoria dos NMS, concebida a partir dos anos 70, deve-se a inadequação da abordagem clássica marxista aos movimentos sociais que começaram a surgir por toda Europa. Esta teoria é dividida por Ghon em cinco categorias gerais básicas: primeiro, a construção de um modelo teórico baseado na cultura; segundo, negar o marxismo como campo teórico capaz de explicar a ação dos indivíduos e, conseqüentemente, da ação coletiva social; terceiro, surge um novo sujeito coletivo difuso, não-hierárquico em luta contra as discriminações de acesso que se contrapõe ao sujeito histórico redutor da humanidade, predeterminado e configurado pelas contradições do capitalismo; quarto, a política é reintroduzida, e além de ganhar centralidade na análise é totalmente redefinida e por último a quinta, os atores sociais são observados pelos teóricos sob dois aspectos: “por suas ações coletivas e pela identidade coletiva criada no processo” (ibid.,id., p.120/123).

O sociólogo Sidney Tarrow, por suas análises sobre o movimento pela redemocratização da Itália na segunda metade do século passado, é tido como um dos principais pesquisadores a construir uma ponte de ligação entre a abordagem americana e a européia sobre os movimentos sociais e as ações coletivas. Em seu livro *El Poder en Movimiento* (2009), Tarrow, contextualiza a história dos movimentos sociais prestando uma

especial atenção aos efeitos sobre a vida das pessoas, as reformas e as instituições políticas oferecendo um quadro geral para compreensão dos ciclos de protestos e as transformações, numa categoria mais genérica, da ação coletiva e da política em geral. Como analisa Alonso, quando há mudanças nas estruturas de oportunidades políticas, ou seja, nas dimensões formais e informais do ambiente político, “se abrem ou se criam novos canais para expressão de reivindicações para grupos sociais de fora do governo” (ALONSO, 2009, p.55).

A partir deste interesse, Tarrow interpreta as ações coletivas como uma resposta as restrições políticas e seus participantes, ao responderem “a uma variedade de incentivos: materiais e ideológicos, partidários e grupais, prolongados e esporádicos” (TARROW, 2009, p.34), atuam de forma dispersa aproveitando as oportunidades políticas diante de repertórios conhecidos de disputa. Entretanto, somente quando baseados em pequenas redes sociais, estruturados em conectividade com marcos culturais em comum e orientadas para uma ação conflituosa contra possíveis adversários, estamos diante de um movimento social. Agora, quando uma ação coletiva se estende por toda sociedade e são organizadas “ao redor de soberanias opostas ou múltiplas, o resultado é uma revolução” (ibid., id.).

Ao observar o enfoque do sociólogo, Ghon, explica que o poder dos movimentos sociais tem origem num misto de recursos internos e externos, ou seja, para os organizadores de um movimento terem sucesso, passam a depender não somente de uma organização, como afirmavam as teorias norte-americanas, mas das redes sociais que dão suporte ao movimento e também das estruturas de mobilização que os ligam entre si (GHON, 2008, p.99). A mídia, na sociedade moderna, passa a ser outro elemento importante não só para se comunicar com os seus aliados como igualmente para inovar os repertórios e atingir um público mais amplo. Contudo, para que todo esse processo seja deflagrado, são necessárias oportunidades políticas favoráveis ou acessíveis, e este, na visão da pesquisadora, é o aspecto mais importante das análises de Tarrow. Quem cria as oportunidades é o Estado moderno ao promover um meio ambiente favorável de incentivos onde é possível mobilizar e difundir as ações coletivas para movimentos ampliados (ibid.,id.). Deste modo, os movimentos passam a depender do meio ambiente externo, especialmente diante das oportunidades políticas para coordenar e sustentar a ação coletiva.

1.3 - A mídia como estratégia dos movimentos sociais

Para além da dicotomia visibilidade interna/externa dos movimentos sociais, a visão de Tarrow nos parece útil para entendermos a mídia como parte da estratégia dos movimentos sociais. Afinal, não podemos ignorar o papel do rádio na difusão da informação durante os protestos de Maio de 1968 na França. Foram as rádios governamentais que contribuíram para extensão e o sucesso do movimento ao divulgarem as passeatas, as greves e as ocupações das fábricas para pessoas de diferentes lugares. Como também não podemos ignorar, durante a Guerra Fria, as rádios ‘BBC’ e a ‘Radio Free Europe’ que desempenharam um importante papel na difusão da informação no Leste Europeu, principalmente quando os dissidentes daqueles países aprenderam a passar informações da imprensa a essas rádios (TARROW, 2009, p.166). Porém, foi a televisão com a capacidade de transmitir situações complexas em imagens breves que trouxe com ela uma revolução nas táticas dos movimentos.

O alcance desta revolução televisionada manifestou-se pela primeira vez na década de 70, quando o movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos se transformou na notícia mais recorrente em função dos seus elementos visuais. A coincidência do surgimento deste movimento com o início das transmissões de notícias pela televisão ajudou o movimento em três aspectos: primeiro, atraiu a atenção da nação para queixas ignoradas por longo tempo; em segundo, contrastava visualmente os objetivos pacíficos do movimento com a truculência da polícia e por último, a televisão era um modo de fazer circular a comunicação no interior do movimento. Deste modo, acrescenta o autor,

a televisão ajudou na difusão do movimento mostrando visualmente como realizar uma ocupação pacífica, como manifestar-se calmamente pelos direitos civis e como responder quando fossem golpeados pela polícia com mangueiras de alta pressão (TARROW, 2009, p.166).

O exemplo clássico do papel dos meios de comunicação de massa, especificamente a TV, pode-se dizer que foi a transmissão da manifestação liderada por estudantes chineses na Praça Tiananmen contra a corrupção e o autoritarismo do Partido Comunista em 1989. Em torno de 100 mil manifestantes¹⁷, vindos de diferentes grupos – de intelectuais a trabalhadores da cidade – misturavam-se para protestar contra a inflação, o desemprego e a lentidão nas reformas econômicas.

¹⁷ Disponível: <<http://is.gd/jpt3OT>> Acesso: 10 nov. 2008

Os estudantes, durante as manifestações, utilizavam não só símbolos tradicionais do teatro chinês como também formas teatrais para ganhar a simpatia e a audiência da mídia internacional, entendendo que esta era a única esperança de exercer pressão externa sobre as autoridades do governo (TARROW, 2009, p.166). As notícias divulgadas através dos meios de comunicação acabaram se tornando uma importante ferramenta de distribuição de informação sobre o movimento que dificilmente seria alcançado por conta própria. Uma vez em marcha, os movimentos podem aproveitar-se dos periódicos simpáticos a sua causa, sem esquecer, entretanto, que o mais habitual é a mídia “estruturar a notícia de forma a vender mais jornais ou a atrair mais telespectadores” (ibid.,id.).

Aqui, torna-se interessante perceber, que Tarrow ao apresentar a mídia como um importante elemento para distribuição da informação não só entre os aliados ao movimento como também para o público em geral, aponta alguns cuidados sobre a influência desses meios no próprio processo da ação coletiva e ressalta,

(...) os meios de comunicação não são observadores neutros nem enquadram as atividades coletivas de modo neutro, [...] mesmo não trabalhando diretamente a favor da classe governante fica claro que não o fazem em favor dos movimentos sociais (ibid.,id.).

Nas sociedades capitalistas, a função da mídia é vender notícia e elas só se mantêm no mercado se transmitirem a informação que interessa aos seus leitores ou aos seus telespectadores; o que os editores pensam sempre irá prevalecer. David de Ugarte é um pouco mais taxativo e afirma que a lógica da mídia é a lógica da fábrica de notícias como mediação informativa insubstituível e necessária. Esta lógica gera seus próprios mitos: “o jornalista já não é um ativista, mas um técnico, um mediador necessário que protagoniza a liberdade de expressão e garante o direito coletivo à informação” (UGARTE, 2007, p. 28) sustentando assim o sistema informativo industrial.

Sendo assim, a forma como os movimentos são refletidos pelos meios de comunicação vai depender da estrutura da indústria informativa. Como observa Tarrow, os movimentos sociais ganham densidade na mídia quando apresentam acontecimentos dramáticos ou de grande impacto visual, quando os ciclos e os ritmos das notícias são de interesse, quando as fontes da mídia são as mais autorizadas e, finalmente, quando a influência dos profissionais de valor atinge certo nível de competência (TARROW, 2009, p. 169). Ou, dizendo melhor,

quando o resultado de uma atividade profissional especializada por sua posição na árvore hierárquica, supõe-se, como melhor informada.

Entretanto, ressalta Tarrow, este resultado pode ser interpretado como uma faca de dois gumes. Por um lado, a mídia ao classificar a vida pública como corrupta, proporciona um ponto de vista confortável para os leitores ou telespectadores porque justifica a falta de mobilização. Por outro lado, para ganhar atenção da mídia, os organizadores dos movimentos podem fazer uso de atos espetaculares, contudo se essas atividades não forem mantidas em um ritmo de troca ou numa escala em sua rotina, certamente a mídia perde seu interesse na divulgação. Desta forma, a tendência dos meios de comunicação é continuar cobrindo os acontecimentos dando prioridade aos aspectos mais violentos e extravagantes. “A tendência da mídia é centrar o seu interesse no que é notícia” (TARROW, 2009, p. 170¹⁸), principalmente quando privilegia a violência desordenada que, muitas vezes, faz parte dos ciclos de protesto.

Ampliando um pouco nosso foco sobre a análise das mídias como estratégia para os movimentos sociais, lembramos que Manuel Castells ao observar os meios de comunicação de massa e sua interação com a cultura e o comportamento social, ressalta que a difusão da televisão três décadas depois da Segunda Guerra Mundial (1939/1945) representou um novo formato para a comunicação. Não que os outros meios de comunicação tivessem desaparecido, pelo contrário, o que assistimos foi uma reestruturação e uma reorganização em torno de um sistema de “válvulas eletrônicas cujo rosto atraente era uma tela de televisão” (CASTELLS, 2003, p.415). O rádio perdeu sua centralidade, mas ganhou penetrabilidade e flexibilidade, adaptando modalidades e temas ao ritmo da vida cotidiana das pessoas. Jornais e revistas especializaram-se no aprofundamento de conteúdos ou no enfoque de sua audiência, apesar de continuarem atentos ao fornecimento de informações estratégicas ao meio televisivo dominante (ibid.,id., p.416).

O sistema dominado pela TV pode ser facilmente caracterizado como meio de comunicação de massa ou grande mídia pela capacidade de enviar ao mesmo tempo uma mensagem similar de um pólo emissor centralizado para uma audiência de milhões de receptores. Isto é o que David de Ugarte conceitua como estrutura descentralizada, onde os meios de comunicação são como os “guardiões da informação, que extraem profissionais da mesma realidade, chamados de jornalistas, dando-lhes sua primeira forma textual: a notícia”

¹⁸ Grifo do autor.

(UGARTE, 2007, p.28). A materialização dessa figura mítica do jornalista é o correspondente, um indivíduo descontextualizado, que é enviado, com alto custo, a lugares longínquos no qual ocorrem fatos que se julgam dignos de serem relatados como notícia. Mesmo com o progresso dos meios de comunicação a estrutura deste sistema não evoluiu nem se modificou, o que aumentou até o limite foi o imediatismo como, por exemplo, o jornalista destacado para cobrir a guerra do Iraque em 2003 (ibid.,id.).

Voltando a cena das válvulas eletrônicas, perguntamos: o que era essencialmente novo na televisão? Certamente a novidade não era seu poder centralizador ou seu potencial como instrumento de doutrinação, afinal Adolf Hitler já tinha mostrado como o rádio poderia ser um instrumento admirável de “ressonância para mensagens de mão-única e com um único só propósito” (CASTELLS, 2003, p.417). A novidade que a TV representou, antes de tudo, foi o fim de um sistema de comunicação fundamentalmente dominado pela mente tipográfica e pela ordem do alfabeto fonético.

1.4 – Movimentos Sociais na era da informação

Percebemos até aqui que o conceito de movimento social é uma noção presente em diversos e diferentes espaços sociais, como o acadêmico, o erudito, passando pela arena da política e dos políticos, chegando mesmo ao meio popular. Tanto na teoria quanto na prática, é possível apreender que todos têm uma representação do que seja movimento social. De certa forma esta representação sempre envolve um coletivo demandando algum bem material ou simbólico (GHON, 2008, p. 242). Contudo, se pedirmos a várias pessoas que nos dêem exemplos de movimentos sociais, certamente ouviremos citações de fatos históricos bastante distintos.

Apesar de termos apontado as interpretações teóricas sobre os movimentos sociais e as ações coletivas, foi possível avaliar que existem várias interpretações e enfoques sobre os conceitos que, de alguma forma, dificultam uma conceituação mais elaborada. Parte dessa lacuna deve-se a multiplicidade de interpretações (GHON, 2008, p. 242). Por exemplo, se perguntarmos para pessoas comuns sobre suas simpatias ou identificações com alguns movimentos como o pela paz, os antinucleares ou os ecológicos, “todos tem pouca dificuldade em identificar o que é um movimento social, ao contrário dos cientistas sociais” (GHON,

2008, p.243). Isto porque tais pessoas atentam para as dimensões e o conteúdo da demanda dos movimentos. Elas observam o movimento como um todo homogêneo, a partir da imagem que suas ações projetaram na sociedade. Os cientistas sociais, por outro lado, compreendem outras dimensões, crenças, valores, diferenças internas, a dimensão de suas ações e os eventos em si e as práticas sociopolíticas desenvolvidas.

As diferentes interpretações sobre o que é um movimento social na contemporaneidade resultam das alterações de um conjunto de fenômenos sociais que passam a ser designados como movimentos sociais. Essas mudanças podem ser observadas no conteúdo, nas práticas e nas formas de organização social das ações coletivas, assim como nas mudanças estruturais da economia e da política das estatais, que conseqüentemente acarretam uma mudança nos “paradigmas de análise dos pesquisadores” (ibid., id.). A tentativa de resolver essas questões designa novas taxionomias ou tipologias empíricas sem fundamentação teórica. Citando Melucci, Gohn conclui, que há mais definições empíricas que conceitos analíticos sobre os fenômenos sociais arrolados como movimentos sociais.

No entender de Melucci o campo dos movimentos sociais é um dos mais indefinidos que existem. Como esclarece o autor, os movimentos são difíceis de definir conceitualmente por existirem várias abordagens que dificultam uma comparação (MELUCCI, 1999, p.12). Dizendo melhor, a tentativa de diferentes autores em assinalar alguns aspectos empíricos dos fenômenos coletivos acaba por enfatizar diferentes elementos que dificultam uma comparação entre as definições.

Em relação às abordagens funcionalistas e marxistas dos anos 70, Melucci observa que dois problemas ficaram sem definição. As teorias estruturais explicam o ‘porque’, mas não ‘como’ um movimento se estabelece e mantém sua estrutura; enquanto as teorias baseadas na mobilização de recursos explicam o ‘como’ porém não o ‘porque’ dos movimentos sociais (MELUCCI, apud: Queiroz, 2003, p.02). Uma abordagem que ultrapasse esta dualidade e que compreenda a interação como uma “interação de objetivos, recursos e obstáculos; como uma orientação intencional que se estabelece dentro de um sistema de oportunidades e coerções” (ibid.,id.), no entender do autor, pode nos ajudar a conceber as novas formas de ação coletiva. Deste modo, os movimentos sociais podem ser definidos como uma forma de ação coletiva que abrange a solidariedade, o conflito e a ruptura com os limites do sistema no qual ocorre a ação. A presença destas três variáveis permite que uma ação coletiva seja separada de outros

fenômenos coletivos. Agora, se por acaso faltar uma dessas três variáveis a ação coletiva não pode ser entendida como um movimento social.

Diante desta complexidade, Melucci destaca que a dificuldade de hoje reside no fato de nos encontrarmos numa fase de transição; “um novo embrião está nascendo” (MELUCCI, 1999, p.12). Como sempre aconteceu na história dos movimentos sociais, os novos atores se expressam através de uma linguagem antiga porque ainda não possuem uma linguagem própria. Utilizando a que herdaram dos movimentos precedentes buscam manter suas raízes alojadas na memória e nos símbolos do passado. Por esse motivo a tradição marxista e a herança do movimento operário ainda se constituem na forma pela qual os novos atores tentam definir a especificidade dos conteúdos incluídos. Na opinião do autor, esta situação designa toda a ambiguidade e a dificuldade num momento de transição por também suscitar o problema das novas formas de representação política e suas demandas (ibid., id., p.39). Ao voltar sua análise para as condições político-ideológicas de um dado contexto histórico, Melucci enfatiza que não devemos ter dúvida de que estamos diante de fenômenos que nada tem em comum com os tradicionais movimentos de luta que as vezes se referem.

Na realidade, os movimentos sociais nas sociedades complexas¹⁹ não podem ser considerados como uma simples reação às crises e aos problemas de exclusão do mercado político. Para ele torna-se necessário reconhecer que os fenômenos coletivos que atravessam as sociedades contemporâneas são sintomas de novas lutas antagônicas (ibid., id., p.13). Hoje, produzir não significa mais simplesmente transformar os recursos naturais e humanos em valores de troca, organizar as formas de produção, dividir o trabalho e integrar o complexo técnico-humano da fábrica, significa sim controlar sistemas mais complexos de informação, de símbolos e de relações sociais. Em sua análise, o funcionamento e a eficiência dos mecanismos puramente econômicos e dos aparatos técnicos são confiados aos sistemas de gestão e controle no qual as relações tornam-se predominantes em relação às variáveis técnicas (ibid.,id.). O mercado não funciona mais simplesmente como um lugar de circulação de mercadorias, mais sim como um sistema onde símbolos são trocados. Aqui, podemos argumentar que Melucci, ao investigar as novas formas de ação coletiva, distingue dos

¹⁹ A respeito das sociedades complexas, Melucci considera que as definições para a atualidade, tais como: capitalismo tardio, pós-industrial, complexas, pós-materialistas indicam uma dificuldade em definir a “grande transformação” em curso (MELUCCI, 1999, p.39). Por este motivo ele prefere denominá-las como complexas.

movimentos de classe que buscavam subverter a ordem social e transformar o modo de produção e as relações de classe.

Por efeito, os conflitos agora se movem em direção à defesa e a afirmação da identidade contra dispositivos distantes e impessoais que fazem da sua racionalidade instrumental sua razão e, sobre esta base, exigem uma identificação. Para o sociólogo, as demandas antagônicas não se limitam a atacar o processo de produção, mas consideram o tempo, o espaço, as relações e os indivíduos. As ações ficam assim relacionadas ao nascimento e a morte, a saúde e a doença, colocando em primeiro plano a relação com a natureza, a identidade sexual, os recursos de comunicação, a estrutura biológica e afetiva do comportamento individual (MELUCCI, 1999, p.39). De acordo com o autor, são nestas áreas que os aparatos de controle e manipulação aumentam e também uma reação difusa é manifestada para as definições de identidades externas. Vimos surgir, assim, demandas de reapropriação que reivindicam o direito dos indivíduos serem eles mesmos. Ou dizendo melhor, em sua visão, a nova contestação não tem como objetivo criar um novo tipo de sociedade, menos ainda libertar as forças de progresso e de futuro, mas mudar a vida, defender os direitos do homem, “assim como o direito à vida dos que estão ameaçados pela fome e pelo extermínio, e também o direito à livre expressão ou à livre escolha de um estilo e de uma história de vida pessoal” (GOHN, 2008, p.152).

Diante destas considerações, perguntamos: onde podemos situar os movimentos sociais contemporâneos? Qual o seu campo de ação? Alberto Melucci nos responde dizendo que as sociedades complexas produzem uma crescente integração entre as estruturas econômicas, os aparatos de gestão política e as agências culturais (MELUCCI, 1999, p.64). Assim, os bens materiais são produzidos através da mediação entre os sistemas informativos e os universos simbólicos controlados pelas grandes organizações que se convertem em signos que circulam pelos mercados de âmbito mundial. No entender do autor, é aí que os conflitos se deslocam do sistema econômico-industrial para o âmbito cultural, por estarem agora centrados na identidade pessoal, no tempo e no espaço da vida, na motivação e nos códigos de atuação cotidianos. Esses conflitos revelam que a lógica está se impondo em sistemas muito diferenciados conferindo aos indivíduos um crescente número de recursos que acaba por transformá-los em centros autônomos de ação, mesmo com os sistemas precisando cada vez mais da integração social. Os conflitos contemporâneos, de acordo com a abordagem do autor, revelam essas contradições por situarem, num primeiro momento, a não

correspondência entre os atores e as formas de ação em “categorias convencionais ao conflito industrial ou a competência entre os grupos de interesse” (MELUCCI, 1999, p.64). O ponto de partida para produção e apropriação do significado parece ser o núcleo dos conflitos contemporâneos e isso implica uma cuidadosa redefinição do que é um movimento social e suas formas de ação. Neste sentido esclarece Melucci,

(...) será necessário investir muito tempo e muito esforço antes que se possa elaborar um marco teórico satisfatório capaz de definir as mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea, e é possível que ele exija uma verdadeira mudança de paradigma (MELUCCI, apud: Queiroz, 2003, p.04).

Castells, por estar atento a essas mudanças traz para sua análise sobre os movimentos sociais a utilização da comunicação via internet e sustenta que a internet se ajusta as características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. Esses movimentos, por terem encontrado a internet como um meio apropriado de organização, abriram e desenvolveram novas vias de troca social, que acabaram aumentando o papel da internet como mídia privilegiada (CASTELLS, 2006, p.115). Ao propor uma analogia história, o autor aponta que os movimentos operários da Era Industrial não podiam ficar isolados da fábrica industrial como cenário organizacional como também não podiam ficar distantes dos pubs. Deste modo, na atualidade a internet funcionaria como o meio de comunicação ou como os pubs daquele período e a rede, como era fábrica, funcionaria como a infraestrutura material de uma forma organizacional.

Os movimentos sociais da Era da Informação, por serem essencialmente mobilizados em torno de valores culturais, lutam por uma mudança nos códigos de significação das instituições e na prática da sociedade. Contrapor os velhos movimentos sociais como os novos é em grande medida enganoso, porque o movimento operário da Era Industrial redefiniu-se em termos de valores sociais e alargou o significado desses valores: “por exemplo, a reivindicação de justiça social para todos” (CASTELLS, 2006, p.116) toma o lugar de interesses de classe. Por outro lado, os movimentos nacionalistas ou religiosos, apesar de serem muito antigos em seus princípios, assumem um novo sentido quando se tornam “trincheiras de identidade cultural para a construção de uma autonomia social” (ibid.id.) num mundo dominado por fluxos de informação globais.

Aqui ao se aproximar de Tarrow, principalmente quando este diz que para um movimento ter sucesso depende das redes sociais que dão suporte ao movimento e das estruturas de mobilização que os ligam entre si, Castells contextualiza que a comunicação e a mobilização em torno de significados tornam-se fundamentais, porque os movimentos culturais²⁰ formam-se em torno de sistemas de comunicação, essencialmente a internet e a mídia. Pois, somente através deles que os movimentos conseguem alcançar aqueles capazes de aderir a seus valores e, a partir daí, atingir a consciência da sociedade como um todo.

Outro aspecto levantado por Castells, quanto aos movimentos sociais na sociedade em rede, é de que eles têm que preencher um vazio deixado pela crise das organizações verticalmente integradas da Era Industrial. Os partidos políticos de massa, quando e onde ainda existem, “são conchas vazias, mal ativadas com máquinas eleitorais a intervalos regulares” (CASTELLS, 2006, p.116). Os sindicatos só sobrevivem abandonando suas formas tradicionais de organização. Mas isso não significa que as pessoas deixaram de se organizar ou de se mobilizar na defesa de seus interesses ou na afirmação de seus valores, pelo contrário, as coalizões frouxas, as mobilizações semi-espontâneas e os movimentos do tipo neo-anarquista substituem as organizações formais, estruturadas e permanentes.

A internet torna-se um meio essencial de expressão e organização para esses tipos de manifestação, que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações (empresas, por exemplo) por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública. Esses movimentos pretendem conquistar poder sobre a mente, não sobre o Estado (ibid.,id., p.117).

O movimento antiglobalização não tem uma organização profissional e permanente, não tem um centro, uma estrutura de comando ou um programa comum, como nos lembra o autor. No mundo todo existem centenas, milhares de organizações e indivíduos que convergem em alguns protestos simbólicos, para depois dispersar e focalizar suas questões específicas ou simplesmente desaparecem para serem substituídos por novos contingentes de ativistas recém-surgidos. A eficácia desse movimento advém precisamente desta sua diversidade, por um lado atinge desde as bordas enfurecidas, violentas da sociedade, por outro lado atinge até as alturas da autoridade moral e religiosa (ibid., id.,p.118). Sua influência vem da capacidade de suscitar questões e forçar um debate sem entrar numa negociação, pois ninguém negocia

²⁰ Castells aqui explica que o sentido dos movimentos culturais são os movimentos voltados para a defesa ou para uma proposta de modos específicos de vida e significado (CASTELLS, 2006, p.116).

em nome do movimento. Pode-se assim argumentar que se trata de um puro movimento e não de um precursor de novas instituições.

Outro ponto relevante destacado por Castells é de que o poder funciona cada vez mais em redes globais, passando em grande parte ao largo das instituições nacionais, fazendo com que os movimentos se defrontem com a necessidade de obter o mesmo alcance global dos poderes vigentes, exercendo seu próprio impacto sobre a mídia, através de ações simbólicas. Em outras palavras, “a globalização dos movimentos sociais é um fenômeno distinto do movimento contra a globalização, e muito mais importante do que ele” (CASTELLS, 2006, p.119) por ser este último uma manifestação específica do advento de um terreno global disputado. A partir de suas pesquisas, o autor revela que os movimentos sociais mais influentes da atualidade são os enraizados em seu contexto local e ao mesmo tempo direcionados para um impacto global. Eles precisam da legitimidade e do apoio fornecido por seu embasamento em grupos locais, mas não podem permanecer localizados, ou perderiam sua capacidade de agir sobre fontes reais de poder em nosso mundo. Invertendo o conceito de algumas décadas atrás, “os movimentos sociais devem pensar localmente (respondendo a seus próprios interesses e identidade) e agir globalmente – no nível em que realmente importa hoje” (ibid., id.).

Na Era da Informação os processos conflitivos de mudança social giram em torno das lutas para transformar as categorias de nossa existência através da formação de redes interativas como formas de organização. Essas redes, que emergem da resistência de sociedades locais, visam superar o poder das redes globais, reconstruindo assim o mundo a partir de baixo (ibid., id.). A internet fornece a base material que permite a esses movimentos engajarem-se na produção de uma nova sociedade. Ao fazê-lo, eles transformam por sua vez a internet: de ferramenta organizacional para as empresas ela se converte também numa alavanca de transformação social.

Em seu mais recente livro, Castells retoma de forma menos enfática o conceito de movimento social e ação coletiva e começa sua análise explicando que a mudança, seja ela evolutiva ou revolucionária, é a essência da vida. E que as mudanças tanto na conduta individual como na ação coletiva, vão influenciar ou modificar de forma gradual as normas e as instituições que estruturam as práticas sociais. Essas práticas são as cristalizações das práticas sociais de momentos anteriores da história que estão, sem dúvida, enraizadas nas

relações de poder²¹. Observa-se que essas instituições são o resultado de conflitos e acordos, entre os atores sociais, que representam a constituição da sociedade segundo seus valores e interesses. “Portanto, a interação entre a mudança cultural e a mudança política produz a mudança social” (CASTELLS, 2009, p.393). Este conjunto de mudanças, com suas contradições, convergências e divergências, constituem o tecido da transformação social.

Contudo, as mudanças não são automáticas, pelo contrário, elas resultam da vontade dos atores sociais, inspirados por suas capacidades cognitivas e emocionais, em suas interações recíprocas e com o restante. Por outro lado, ressalta o autor, nem todos os indivíduos se envolvem neste processo de mudança social, mas ao largo da história sempre encontramos aqueles que se comprometem e que por isso são considerados os atores sociais. Os outros, como ele mesmo define, são somente os aproveitadores ou os “parasitas egoístas do curso da história” (ibid.,id.). Os atores sociais que almejam as mudanças culturais (mudanças de valores) são percebidos como os movimentos sociais, enquanto os processos que ambicionam a mudança política (mudança institucional) em descontinuidade com a lógica incorporada nas instituições políticas “eu defino como políticas insurgentes” (ibid.,id., p.394).

A hipótese lançada por Castells é a de que as políticas insurgentes provocam uma transição entre a mudança cultural e a política mediante a incorporação de sujeitos mobilizados que buscam transformar o sistema político ao qual pertenciam anteriormente por diferentes razões. Deste modo, os movimentos sociais e as políticas insurgentes podem originar-se tanto da reafirmação de um projeto cultural ou político como de um ato de resistência contra as instituições políticas, principalmente quando as ações dessas instituições são consideradas injustas, imorais ou, em última instância, ilegítimas (ibid.,id.). A resistência pode ou não dar lugar aos projetos adotados pelos movimentos sociais ou pelas políticas insurgentes, mas somente quando surgem tais projetos é que uma transformação cultural pode acontecer. Esta transformação só poderá ser observada através de sua repercussão, pois nada pode antecipar o resultado dos movimentos sociais e das políticas insurgentes.

²¹ Castells refere-se ao poder como um processo fundamental da sociedade, uma vez que a sociedade é definida com base em valores e instituições, e aquilo que é valorizado e institucionalizado é definido por relações de poder. O poder que reside nas instituições da sociedade é emoldurado pela dominação. “A capacidade relacional de poder está condicionada, porém não determinada, pela capacidade estrutural de dominação” (CASTELLS, 2009, p.33).

Castells nos lembra que a única questão que podemos responder de forma mais específica é quando fazemos uma pesquisa de uma mudança social concreta e nos centramos nas questões como, quando e quantos novos valores se institucionalizaram nas leis e organizações da sociedade (CASTELLS, 2009, p.395). Em termos analíticos, não podemos fazer um juízo normativo acerca das mudanças sociais por haver muitos tipos de movimentos sociais. A transformação social, como aponta o autor, não pode ser predeterminada por profecias ideológicas ou pelo gosto pessoal do analista, pelo contrário, deve-se observar que qualquer mudança estrutural de valores institucionalizados em uma determinada sociedade “é o resultado de movimentos sociais, independente de quais sejam os valores propostos por cada movimento” (ibid.,id.). Assim, um impulso coletivo para estabelecer uma teocracia é tão movimento social quanto pode ser a luta pela emancipação da mulher. Independente das preferências pessoais, a mudança social é uma transformação que se espera alcançar quando há uma mobilização.

Prosseguindo com sua análise, destaca o autor, a estrutura dos movimentos sociais é formada, em grande medida, pelos meios de comunicação. Deste modo, os movimentos sociais e políticos, insurgentes ou não, nascem e vivem no espaço público ou no espaço da interação social, “onde as ideias e os valores se formam, são transmitidos, se respaldam e se combatem” (ibid.,id.). Em último caso, este espaço se converte no campo de treinamento para ação ou para reação. Por isso, ao largo da história, o controle da comunicação por parte das autoridades ideológicas, políticas ou pelas elites era a fonte determinante do poder social. “Atualmente as redes de comunicação multimodal constituem, em conjunto, o espaço público da sociedade em rede de forma que os diferentes modos de controle e manipulação das mensagens e da comunicação estão no centro da construção do poder” (ibid.,id.). Precisamente isto é dizer que as redes de comunicação podem incluir e abranger uma diversidade cultural e uma multiplicidade de mensagens com um maior alcance como em nenhum outro espaço público na história.

Pierre Lévy e André Lemos, ao se aproximarem desta análise de Castells, recordam que o estabelecimento do Estado e da Lei são indissociáveis da invenção da escrita, ou seja, a cidadania e a democracia supõem o alfabeto por permitir a cada cidadão a possibilidade de ler, aplicar, criticar a lei ou mesmo participar de sua elaboração. “A imprensa permitiu a edificação dos Estados-nações, assim como o desenvolvimento de opiniões nacionais graças a uma esfera pública” (LÉVY e LEMOS, 2010, p.52) inicialmente estruturada pela imprensa,

depois pelo rádio e pela televisão. Atualmente a rede de telefonia móvel, a televisão por satélite, a multiplicação de canais de televisão e a interconexão mundial de computadores, que integra todas as mídias precedentes em um meio de comunicação interativo original, “fazem nascer um novo espaço público” (LÉVY e LEMOS, 2010, p.53). E este novo espaço redefine as condições de governança e vai, provavelmente, engendrar novas formas políticas, ainda de difícil previsão.

Castells ao evidenciar essa redefinição do espaço público, analisa que o crescimento da auto-comunicação da massa abre muitas possibilidades para que os movimentos sociais e as políticas insurgentes entrem no espaço público. Ou seja, ao utilizarem tanto as redes de comunicação horizontais como os meios majoritários para difundir mensagens e imagens, acabam por aumentar as possibilidades de promoverem uma mudança política e cultural (CASTELLS, 2009, p.397). Sem dúvida, essas mensagens alternativas devem adaptar-se a linguagem dos meios e aos formatos de interação das redes de comunicação, porque, em conjunto com a auto-comunicação das massas proporcionam maiores oportunidades de autonomia. No entanto, aponta o autor, para que se produza esta autonomia, os atores sociais devem reafirmar o direito da auto-comunicação das massas “preservando a liberdade e a justiça na gestão das infra-estruturas da comunicação em rede bem como no funcionamento do setor multimídia” (ibid.,id.). A liberdade e a mudança social se entrelaçam com o funcionamento institucional e organizacional das redes de comunicação.

Destacamos, assim, uma declaração de Alberto Melucci, principalmente quando ele diz que os movimentos sociais são um sinal;

(...) eles não são meramente o resultado de uma crise. Assinalam uma profunda transformação na lógica e no processo que guiam as sociedades complexas. Como profetas, eles falam antes: anunciam o que está tomando forma mesmo antes de sua direção e conteúdo tornarem-se claros. Os movimentos contemporâneos são os profetas do presente (MELUCCI In Ghon, 2008, p.157).

Como vimos, o campo de pesquisa dos movimentos sociais é um campo de disputa entre várias teorias e abordagens interpretativas, que também sofre “as suas revoluções seguindo as transformações político, sociais e tecnológicas” (BATALHA, 2009, online²²).

²² Disponível: <<http://www2.pucpr.br/sssc/a/anais.htm>> Acesso: 10 mai. 2009.

Assim, os paradigmas interpretativos dos movimentos sociais representam um conjunto de teorias, conceitos e categorias que possibilitam uma interpretação sobre determinado fenômeno em determinado contexto ou realidade social.

Finalmente, para efeito desta tese, entendemos os movimentos sociais como redes sociais complexas, que transcendem organizações empiricamente delimitadas e que conectam, “de forma simbólica, solidarística e estratégica, sujeitos individuais e atores coletivos em torno de identificações comuns, de uma definição de um campo de conflito e de seus principais adversários políticos dentro de um projeto de transformação social” (SCHERER-WARREN, 2009, online). Castells interpreta os movimentos sociais deste início de século como ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade que se manifestam na e pela rede. “O ciberespaço tornou-se a ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques” (CASTELLS, 2006, p.115).

Diante deste contexto, no próximo capítulo estaremos revisitando os principais movimentos sociais do século passado com o objetivo de estabelecer um contraste com os atuais movimentos sociais. Uma das principais características que já podemos antecipar é que os movimentos a serem delineados a seguir possuíam como característica um líder na organização e conseqüentemente no comando, enquanto na atualidade o que estamos assistindo são movimentos sociais sem liderança que surgem da improvisação da rede.

CAPÍTULO 2:

Os Movimentos

No capítulo anterior foi possível observar que a dinâmica realidade dos movimentos sociais muitas vezes não é acompanhada pelas teorizações. Deste modo, entendemos a pertinência de retornarmos aos anos 50 do século passado a fim de observarmos os movimentos sociais que emergiram no final da Segunda Guerra Mundial e que exerceram influência nos movimentos mais marcantes da década de 60/70. Afinal, como nos alertava Foucault, um trabalho analítico requer uma verificação constante e que somente conhecendo as condições históricas é que seremos motivados a uma conceituação de uma situação presente (Foucault In: DREYFUS & RABINOW, 1995, p.232).

O turbulento cenário norte-americano daquele período, símbolo da expressão remanescente do Sonho Americano e marcado por uma crise de moralismo rígido que não conseguia mais empolgar sua juventude, os projetos culturais e ideológicos alternativos anunciavam o que estava tomando forma antes mesmo de sua direção e conteúdo tornarem-se claros. Como profetas do presente, os movimentos dos Direitos Civis, o Feminista, da Contracultura, dos Estudantes, etc., ganhavam espaço, densidade e status de objeto científico de análise passando a merecer várias teorias.

Os movimentos sociais, até os anos 60, eram interpretados como período clássico e estavam relacionados às tensões entre as classes sociais e a revolução política/partidária que visava à tomada de poder de um Estado antagônico. Neste período, qualquer mudança social estava relacionada com uma mudança nas relações econômicas. A partir da década de 60 instaurou-se uma ruptura, os movimentos sociais deixavam de ser protagonizados por proletários e de estarem vinculados a políticos/partidários, passando a ser coordenados por negros, mulheres, estudantes, sobretudo da classe média, que empunhavam novas bandeiras voltadas muito mais para uma qualidade vida e para afirmação da diversidade de estilo de vivê-la do que para condições de vida e redistribuição de recursos.

Esses movimentos sociais ocorrendo fora das instituições políticas, concentravam-se na recusa a valorização da produção material típica do regime disciplinar, suas fábricas em massa, e sua estrutura familiar nuclear. De outro modo, os movimentos da década de 60 valorizavam uma dinâmica criativa mais flexível e outras formas de produção, que observados

sob a ótica dos segmentos político tradicionais, permitiu o surgimento de várias formas de experimentação cultural que teve efeitos políticos e econômicos muito profundos. Percebemos, deste modo, que começava ali uma ruptura com o quadro referencial existente e a inauguração de novos discursos.

2.1 - Os Direitos Civis

[...] Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças
vão um dia viver em uma nação onde elas não serão julgadas
pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter.
Eu tenho um sonho hoje! [...]
Martin Luther King, Jr.

Na década de 50, depois de quase meio século de um descontentamento silencioso, os negros norte-americanos ergueram-se contra a situação de inferioridade e exclusão que as leis dos brancos os condenaram. Por todos os estados do Sul dos Estados Unidos a discriminação e a segregação racial, aliada as velhas leis racistas, fizeram dos negros párias sociais ou mesmo um meio-cidadão. Convocados para servir o exército e lutar nas guerras, eram impedidos de votar e de frequentar uma escola pública com os demais brancos. A hospedagem em hotéis era negada e nas lanchonetes nem eram atendidos²³.

Este cenário chocante começava então a ser questionado pelo Movimento dos Direitos Civis tendo como pano de fundo a luta pela descolonização dos povos de cor da Ásia e da África que encontravam-se submetidos e subjugados aos colonizadores europeus. Houve, portanto, uma influência mútua entre o processo de Descolonização do Terceiro Mundo e a retomada do Movimento dos Direitos Civis pelos negros norte-americanos. Das grandes personalidades que emergiram nesse duplo movimento de emancipação, africano e americano, nenhuma atingiu a universalidade e a popularidade do reverendo Martin Luther King Jr..

Um século depois de ter sido concedida a cidadania aos negros, uma costureira negra chamada Rosa Parks, negou-se a ceder seu lugar no ônibus a um branco na cidade de Montgomery, capital do Alabama. Acusada de desordem por infringir as leis segregacionistas locais, Rosa foi presa e multada. A prisão da costureira desencadeou um boicote de 381 dias ao sistema de ônibus, organizado então, por Martin Luther King. Este fato ocorreu em 1º de

²³ Fonte de consulta: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/martin_king7.htm> Acesso: 05 jun. 2010.

dezembro de 1955, e ficou marcado como o estopim do movimento denominado ‘Boicote aos ônibus de Montgomery’. Manifestações e outras mobilizações políticas contra a segregação e a violência racial no Sul dos Estados Unidos foram iniciados por mulheres como Rosa Parks, Jo Ann Gibson Robinson e Ella Baker, ativistas de base que tiveram um papel crucial no sucesso do movimento, que continuaria na década de 1960. Como nos fala o historiador Leandro Karnal, “os homens lideraram, mas as mulheres organizaram” (KARNAL et al., 2010, p.232).

Martin Luther King, tomando como base o movimento da não-violência de Mahatma Gandhi para libertar a Índia do Império Britânico, e seguindo a teoria “say at less... I'm black, I'm proud”, comandou o boicote aos ônibus até que um tribunal federal revogou a lei segregacionista. Com o sucesso do movimento, que causou elevados déficits ao sistema de transporte público de Montgomery, Luther King, tornou-se uma personalidade nacional por sua habilidade em falar em público sendo capaz de atrair tanto a elite negra quanto pessoas comuns. King então explicava:

(...) não estamos defendendo a violência. A maior glória da democracia americana é o direito de protestar por direitos. Não estamos pedindo o fim da segregação. Isso é uma questão para a legislatura e os tribunais. Buscamos apenas justiça e tratamento honesto nos ônibus (Powell, 2009, online²⁴).

Do final da década de 1940 até meados da década de 50, o período foi de intensa patrulha anticomunista, perseguição política e desrespeito aos direitos civis nos Estados Unidos. Joseph McCarthy, eleito para o Senado norte-americano, no seu primeiro dia de mandato propôs que os mineiros em greve fossem mobilizados para o exército, caso recusassem, deveriam ser julgados pelo Tribunal Marcial norte-americano. Este foi clima que norteou os dez anos de mandato do senador anticomunista. A histeria contra o comunismo ficou conhecida como uma nova ‘Caça aos vermelhos’ ou mais popularmente como ‘Macartismo’ (KARNAL et al., 2010, p.230). A campanha contra subversão em todos os aspectos da vida americana foi muito mais abrangente do que a carreira do senador. Silenciando as vozes de vários artistas famosos como Charlie Chaplin, Richard Wright, Orson Welles, Arthur Miller, Bertold Brecht, Leonard Bernstein, entre outros, a década foi marcada

²⁴ Disponível: Biografia: Martin Luther King, Jr. Disponível: <<http://www.ordemlivre.org/node/482>>
Acesso em: 29 mai. 2010

por inúmeras demissões, centenas de sentenças de prisão e algumas execuções como a do casal comunista Julius e Ethel Rosenberg (KARNAL et al., 2010, p.230). Em 1954 os excessos paranóicos do presidente McCharty finalmente provocaram a sua queda (GOFFMAN e JOY, 2007, p.255).

Entretanto, a esquerda americana mal teve tempo de recuperar o fôlego e já sofreu outro golpe em 1955. “O premier soviético Nikita Kruchev revelou a verdadeira história de massacre e opressão sob Josef Stalin” (ibid.,id., p.256). Milhares de humanistas bem-intencionados que tinham negado a repressão de Stalin como propaganda capitalista, descobriram que tinham sido enganados. Alguns seguiram o caminho da extrema-direita e outros, os intelectuais pacifistas antiautoritários e anarquistas que tinham desprezado Stalin, fizeram com que a esquerda norte-americana, uma corrente intelectual vital, desaparecesse por toda uma década. O movimento pelos Direitos Civis certamente deu aos “perdidos da esquerda algo para fazer com seus corpos enquanto retrabalhavam sua ideologia” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.257).

Neste mesmo período, Martin Luther King transferia a luta dos tribunais para as ruas, das bibliotecas de direito para os púlpitos das Igrejas. Até então a luta anti-segregacionista era travada na justiça onde os advogados militantes da NAACP - National Association for the Advancement of Colored People, procuravam constranger os juízes demonstrando a incoerência entre as leis de igualdade enquanto um princípio constitucional da democracia americana e a realidade da discriminação racial.

Canalizando as energias despertadas pelo fim da segregação, ainda que só em uma cidade, Luther King fundou a SCLC - Southern Christian Leadership Conference²⁵ para ser a base de suas operações em todo o Sul. Tornou-se, deste modo, um peregrino da causa dos direitos civis e um combatente da liberdade, cultivando uma política fortemente “moral e religiosa que apelava para retórica americana do valor da liberdade bem como para a justiça social bíblica” (KARNAL et al., 2010, p.244). Ao impulsionar a luta por direitos baseada na desobediência civil, uma forma de resistência pacifista, Luther King procurou atrair para sua grande causa outros líderes religiosos com a intenção de evitar que, em algum momento, o movimento resvalasse para a violência. Depois de uma viagem a Índia, em 1959, retornou

²⁵ Este movimento existe até hoje. A última convenção foi realizada nos dias 7 a 11 de agosto de 2010, na cidade de Atlanta. Disponível: <<http://www.sclcnational.org/>> Acesso: 06 jun. 2010.

ainda mais convencido de que a não-violência era o melhor caminho para os oprimidos lutarem por sua liberdade.

Em 1961, o CORE - Congress of Racial Equality, um antigo grupo do Norte responsável pela luta contra a discriminação no emprego desde a Segunda Guerra Mundial, passou a organizar ‘Viagens da Liberdade’ transportando negros e brancos em ônibus interestaduais para, simbolicamente, quebrar a segregação no transporte público. O ‘SNCC - Student Nonviolent Coordinating Committee’ organizou semelhantes protestos entre 1961 e 1964, que culminaram no ‘Verão da Liberdade’ (KARNAL et al., 2010, p.244). Em 1964 universitários brancos e negros do Norte viajaram para o Sul a fim de ajudar os negros de lá a tirarem título eleitoral. A política inclusiva e “democrática do SNCC e sua cultura de protesto – canções, comícios e práticas de solidariedade - ajudaram a forjar um sentimento de comunidade e a abrandar o medo gerado pela resposta violenta dos brancos” (ibid.,id.). Alguns movimentos foram influenciados pela coragem e pelo humanismo universal do movimento pelos Direitos Civis, tais como o ‘Movimento do Índio Americano’ e as comunidades latino-americanas na Califórnia e Nova York. Os católicos da Irlanda do Norte adotaram as políticas e canções dos negros americanos nas suas lutas contra os britânicos no fim dos anos 60.

A grande maioria da população branca do Sul, políticos locais e policiais respondiam com truculência as reivindicações que abalavam o poder. Militantes negros em passeata foram espancados e presos, Igrejas negras sofreram atentados e ativistas foram assassinados. Contrapondo a esta brutalidade, em 1963, Luther King, organizava uma série de protestos não violentos em Birmingham, Alabama. Diante das câmeras de televisão nacional, o chefe de polícia local supervisionava pessoalmente os ataques contra a manifestação, “prendendo centenas de pessoas e usando cachorros de ataque, gás lacrimogêneo, aparelhos de choque elétrico e jatos de água contra os manifestantes, inclusive crianças e idosos” (ibid.,id. p.245). A cobertura de eventos como este pela mídia chocou a nação e teve um impacto importante no apoio crescente de brancos e negros em favor de direitos civis e no próprio governo, que foi forçado a agir.

O ápice das mobilizações aconteceu de junho a agosto de 1963, quando o “Departamento de Justiça documentou mais de 1.412 manifestações distintas; em uma semana de junho, mais de 15 mil americanos foram presos por conta de protestos em 186 cidades”

(KARNAL et al., 2010, p.245). Em agosto do mesmo ano, a passeata conhecida como ‘Marcha de Washington’ levou até a capital em torno de 200 mil manifestantes para ouvir Martin Luther King em seu famoso discurso Eu tenho um sonho²⁶.

O presidente Lyndon Johnson, ao assumir o cargo em 1963, logo após o assassinato de John Kennedy no estado de Dallas, começa a ser pressionado por ativistas e simpatizantes. Preocupado com os efeitos negativos das crises raciais na opinião mundial, estabelece vários atos legislativos a partir de 1964 proibindo a discriminação no emprego, nos serviços públicos e nas eleições (ibid.,id.). No final deste mesmo ano, Martin Luther King, recebia o Prêmio Nobel da Paz por seus esforços pacíficos na luta pelo fim da segregação racial e pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Várias campanhas e movimentos continuaram reivindicando o fim das discriminações raciais e econômica contra os negros. Ativistas por direitos civis deram sequência a longa tradição de intelectuais negros ao se preocuparem com a política internacional como o anticolonialismo na África. James Baldwin, primeiro escritor a dizer aos brancos o que os negros americanos pensavam e sentiam, ironizava na sua literatura dizendo que seria muito mais fácil os países africanos ganharem independência do que afro-americanos tomarem café numa lanchonete para brancos.

O governo, por outro lado, em 1965 implementava programas sociais como a ‘guerra a pobreza’ e os programas de ‘ação afirmativa’ eram colocados em prática para todas as instituições que recebessem dinheiro ou fizessem negócios com o governo federal (ibid.,id. p.247). Sob a influência dessas ações algumas empresas e muitas universidades implementaram o programa de ‘ação coletiva’ e o ‘sistema de cotas’ em 1970.

As limitações da legislação formal, a miséria econômica contínua, a insatisfação com a política de cooptação e repressão e a influência de políticas esquerdistas deram origem a uma segunda fase do movimento negro. “Ativistas negros ampliaram seu discurso político, criticando não somente a discriminação, mas também a exploração econômica e a política internacional norte-americana” (ibid.,id.). Nos seus dois últimos anos de vida, Martin Luther King também radicalizou, passando a definir transformação social em termos econômicos, combatendo a pobreza e a falta de poder, inclusive, entre muitos brancos e fazendo críticas

²⁶ A título de curiosidade, ‘A Marcha de Washington’ pode ser assistida, na íntegra, no YouTube através deste link: <<http://www.youtube.com/watch?v=HbQC9ikiKII>> Acesso: 04 jun. 2010.

mordazes a Guerra do Vietnã. Em 1968, durante uma visita de apoio a uma greve de trabalhadores negros em Memphis, Martin Luther King era assassinado.

Nesta segunda fase do movimento pelos Direitos Civis, considerada a mais radical, o casal Grace Lee e James Boggs, sindicalistas negros e socialistas, desempenharam um influente papel ligando as lutas contra o racismo a questões econômicas nas fábricas e ao imperialismo norte-americano. O casal foi responsável por organizar metalúrgicos negros em várias fábricas automobilísticas nos anos 70 sob a ‘Liga Revolucionária dos Trabalhadores Negros’. Por sua vez, muitos outros negros começavam a seguir o movimento ‘Nação do Islã’, um movimento político e religioso muçulmano que pregava ideais militantes de autoajuda e separatismo. O ‘nacionalismo negro’ se fortaleceu com a crescente popularidade de Malcolm X, ex-líder do movimento, que argumentava a autodefesa contra a violência racista e também defendia a valorização das tradições afro-americanas (KARNAL et al., 2010, p.248). Conforme a premiada biografia cinematográfica de Malcolm X, dirigida por Spike Lee, em 1992, o líder chegou a ser tão popular nas comunidades negras quanto Luther King, de quem se aproximou antes de ser assassinado em 1965.

Seguindo a direção de Malcolm X, emergiu o movimento ‘Black Power’ que na sua luta militante contra a discriminação racial, enfatizava não só o orgulho racial como também fundava instituições culturais e políticas para cultivar e promover interesses coletivos e garantir a autonomia aos negros. O orgulho da raça e o poder negro inspiraram canções populares e religiosas com um grande número de artistas ligando ritmos musicais como o soul, o rhythm and blues e o funk (KARNAL et al., 2010, p.248) aos movimentos pelos Direitos Civis e o ‘Black Power’. Estas linguagens foram responsáveis pela sustentação da energia dos movimentos. O primeiro brasileiro famoso a assumir o penteado encarapinhado foi Tony Tornado. Impossível não lembrar o V Festival Internacional da Canção, realizado em 1970, no Maracanãzinho (RJ), onde o cantor junto ao Trio Ternura defendeu e venceu com a canção em ritmo soul, ‘BR-3’.

Segundo o historiador Leandro Karnal, os ganhos dos movimentos negros dos 60/70 foram contraditórios. Havia mais rostos negros nas manifestações culturais, nos esportes profissionais e na política. “Negros podiam comer em restaurantes, hospedar-se em hotéis e usar serviços públicos” (ibid.,id.). No Norte e no Sul, escolas em áreas de população misturada acabaram com a política de segregação. As ações afirmativas e, principalmente, as

cotas raciais permitiram que mais negros tivessem acesso não só as universidades como também ao funcionalismo público. Negros de classe média chegaram a exercer poder político em muitas cidades grandes. Os presidentes Lyndon Johnson e Richard Nixon indicaram alguns negros para posições importantes no governo federal e criaram programas para empresários negros. A classe média negra expandiu.

No entanto, uma recente pesquisa divulgada pela Pew Research Center²⁷ em 2009, aponta que quase meio século depois dos tumultos, triunfos e tragédias da era dos Direitos Civis, a maioria dos negros ainda duvida da justiça racial na sociedade americana. Oito em cada dez negros – comparados com mais de um terço dos brancos – alegam que o país precisa de mais mudanças para garantir aos negros direitos iguais aos dos brancos. Os negros continuam ficando atrás dos brancos no grau de satisfação com suas vidas nas comunidades locais, e a maioria permanece cética com a política de tratamento igual para negros e brancos. Por outro lado, a eleição em 2008 de Barack Obama, primeiro presidente negro do país, parece estar estimulando o otimismo entre os afro-americanos que nutrem expectativas de um futuro melhor.

2.2 - A mística feminina

[...] um desejo indefinido de ‘algo mais’ do
que lavar pratos, passar a ferro, castigar
e elogiar crianças.
Betty Friedan

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher
Simone de Beauvoir

As várias gerações ou as várias fases do feminismo, conhecidas como ondas do feminismo, ocorreram em épocas distintas, historicamente construídas conforme as necessidades políticas, o contexto material e social e as possibilidades pré-discursivas de cada tempo. A primeira onda, ou geração, é representada pelo surgimento do movimento feminista, que emergiu como um movimento liberal de “luta das mulheres pela igualdade de direitos

²⁷ ‘Blacks Upbeat about Black Progress, Prospects’ - Social & Demographic Trends Pew Research Center – Disponível: <<http://pewsocialtrends.org/pubs/749/blacks-upbeat-about-black-progress-obama-election>> Acesso: 15 jun. 2010.

civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens” (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 649).

As primeiras ativistas, conhecidas como ‘The Suffragettes’²⁸, iniciaram um movimento a favor da concessão, às mulheres, do direito ao voto na Inglaterra. Millicent Fawcett fundou em 1897, a ‘União Nacional do Voto das Mulheres’, acreditando que um protesto pacífico, sem qualquer tipo de violência, seria capaz de persuadir os homens fazendo-os acreditar que as mulheres deveriam ter o direito ao voto. Utilizando a paciência e argumentos lógicos, Fawcett argumentava que se as mulheres podiam ocupar cargos de responsabilidade na sociedade e por estarem subordinadas as Leis do Parlamento, deveriam também fazer parte do processo de gestão das Leis. Tendo se estruturado na Inglaterra, o movimento logo se expandiu para França, Estados Unidos e Espanha, e os objetivos foram ampliados para luta contra a discriminação das mulheres, pela garantia de seus direitos, inclusive o direito ao voto, e denunciar a opressão à mulher imposta pelo patriarcado. Várias Suffragettes, como ficaram denominadas, foram mortas, presas e torturadas até que em 1918, depois de terem apoiado de todas as formas o Governo inglês durante a Primeira Guerra Mundial, o Parlamento concedeu as mulheres acima de 30 anos de idade o direito de votar. Nem todas as mulheres tiveram este direito assegurado, contudo foi um grande começo²⁹.

A segunda fase do feminismo, de acordo com Narvaz e Koller (2006), ressurgiu nas décadas de 1960 e 1970, especialmente na França e nos Estados Unidos. Enquanto as feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e buscavam a igualdade, as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as “diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada” (p. 649).

No nosso entender, é importante destacar, que nos Estados Unidos, 40% da mão de obra ativa na década de 70, era composta por mulheres que ainda sofriam de discriminação no emprego, na família e na sociedade como um todo (KARNAL et al., 2010, p.251). A atmosfera da década de 60, como veremos mais adiante, criou condições para o ressurgimento do feminismo e das lutas contra a discriminação sexual tendo como pano de fundo, pelo menos nos países ocidentais típicos, a entrada das mulheres casadas, em grande parte mães, no mercado de trabalho aliada a expansão da educação superior. Esses dois fatores acabaram

²⁸ Disponível: <<http://www.historylearningsite.co.uk/suffragettes.htm>> Acesso: 10 mai. 2010.

²⁹ (*ibid.*, *id.*).

contribuindo para o impressionante reflorescimento dos movimentos feministas a partir da década de 60 (HOBSBAWM, 2008, p.305).

Em 1963, a escritora feminista Betty Friedan escrevia o clássico livro ‘The Feminine Mystique’, como resultado de anos de pesquisa. Entrevistando mulheres que seguiam os preceitos das décadas anteriores (as atividades femininas eram restritas a função de donas-de-casa), empresários, médicos e publicitários, Friedan, observou que a mulher foi mistificada após a Crise de 1929 e mobilizada para durante a Segunda Guerra Mundial ser uma mãe e esposa zelosa. Deste modo, a educação da menina desde a infância não era estimulada para ser independente, mas sim para desenvolver habilidades voltadas para o casamento e viver em função dos filhos e do marido. Com o passar dos anos, a mulher se sentia frustrada e desenvolvia diversos distúrbios psicológicos que hesitavam da depressão ao consumismo³⁰.

O período pós-Segunda Guerra foi também o de consolidação do progresso dos Estados Unidos e do “american way of life” onde era possível perceber que a frustração feminina de apenas viver para os outros estava sendo canalizada para o aumento do consumo neste período. Assim, as desigualdades de tratamento entre mulheres e homens eram usadas para justificar uma obrigatória dedicação ao lar que era compensada pelo estímulo a economia da época através do incremento das frustrações e da opressão feminina no âmbito doméstico³¹.

Em 29 de outubro de 1966, Betty Friedan junto com Pauli Murray, primeira sacerdote episcopal afro-americana e Shirley Chisholm, primeira mulher negra a concorrer à presidência dos EUA, fundavam a ‘NOW - National Organization for Women’. Considerada a mais abrangente organização nacional de defesa dos direitos da mulher, seu objetivo principal era a obtenção da igualdade política, profissional, educacional e sexual plena em todos os aspectos da sociedade. Adotando os consagrados lobbies para obter legislação, aliavam-se aos políticos do Partido Democrata simpáticos a sua causa e Betty Friedan, na qualidade de organizadora, tornava-se, desta maneira, na porta voz da luta pela igualdade de direitos para as mulheres. Sua atuação foi extremamente eficaz quanto as mudanças concretas nas leis e na política, principalmente quanto a ampliação das oportunidades para as mulheres e a proteção dos seus direitos³². Por três décadas, independente das repetidas crises ideológicas e organizacionais, este grupo passou a exemplificar o feminismo liberal típico, “concentrando seus esforços na

³⁰ Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/The_Feminine_Mystique> Acesso: 15 mai. 2010.

³¹ (*ibid.*, *id.*)

³² Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/National_Organization_for_Women> Acesso: 16 mai 2010.

obtenção de direitos iguais para as mulheres em todas as esferas da vida social, econômica e institucional” (CASTELLS, 2002, p. 212).

Aproximadamente na mesma época, mulheres passaram a se integrar aos movimentos estudantis, por direitos civis e antiguerra, começaram a criticar o machismo dos colegas ativistas homens e a falta de mulheres na liderança dos movimentos (KARNAL et al., 2010, p.251). Em 1965, o workshop ‘Mulheres engajadas no Movimento’, durante a convenção da ESD – Estudantes por uma Sociedade Democrática, articulou-se como Liberação Feminina e gerou uma enxurrada de grupos femininos autônomos tendo a maioria se separado dos movimentos políticos revolucionários predominantemente masculinos, dando início ao feminismo mais radical (CASTELLS, 2002, p. 213). A partir de 1968, este grupo amplia as críticas às instituições tradicionais do casamento, da família e das relações heterossexuais.

Também neste período, revistas e jornais espalharam-se, especialmente a revista ‘Ms Magazine’, em 1972, teve um papel preponderante por atingir mulheres americanas fora do círculo de atuação do movimento feminino organizado (ibid.,id.). De igual importância foi a presença nos meios de comunicação de mulheres jornalistas, elas próprias feministas ou simpatizantes das causas feministas. Assim, mulheres começavam a se destacar na cultura pop, na mídia, nas universidades e nas políticas públicas (KARNAL et al., 2010, p.251). Nos anos 60, inúmeros atos legislativos proibiram a discriminação sexual no emprego e, em 1973, por decisão da Suprema Corte, o aborto foi legalizado nos Estados Unidos.

No rastro dessas vitórias femininas, outros grupos questionaram publicamente valores sexuais dominantes na sociedade. “Lésbicas e gays organizaram-se em movimentos para a liberação gay. Sua referência mais marcante foi a sublevação contra a repressão policial ocorrida no bar Stonewall Inn, em Nova York, em 1969³³” (ibid.,id., p.252). Como acontecia com o movimento feminista, ativistas lésbicas e gays estavam dando continuidade às políticas e práticas de formação de comunidade.

Embora esses movimentos pertencessem, essencialmente, ao ambiente de classe média educada, é provável que na década de 1970, e sobretudo na de 1980, uma forma política e ideologicamente menos específica de consciência feminina se espalhasse entre as massas do

³³ O bar destinado ao público homossexual foi palco de uma batida policial em 27/06/1969. Embora o bar não fosse assumidamente gay, o que era proibido naquela época, a maior parte de seus clientes fazia parte deste segmento. Os motins de Stonewall podem ser considerados como o início do movimento pela libertação gay. Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/Stonewall_Inn> Acesso: 27 jul. 2010.

sexo, muito além de qualquer coisa alcançada pela primeira onda de feminismo (HOBSBAWM, 2008, p.306). As feministas francesas, influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista que prevalecia na França, passam a destacar a questão da diferença, da subjetividade e da singularidade das experiências, “concebendo que as subjetividades são construídas pelos discursos, em um campo que é sempre dialógico e intersubjetivo” (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 649). Surge desta forma, a terceira fase (onda ou geração) do feminismo, cuja proposta concentra-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. O campo de estudo sobre as mulheres e sobre os sexos desloca-se para o campo do estudo sobre as relações de gênero.

Na verdade, ao politizar a subjetividade, as mulheres tornavam-se uma força política importante, como não eram antes. Como lembra o historiador Hobsbawm, o primeiro e talvez mais impressionante exemplo dessa nova consciência de gênero foi a revolta das mulheres fiéis nos países católicos contra as doutrinas impopulares da Igreja, “como foi mostrado notadamente nos referendos italianos em favor do divórcio (1974) e de leis de aborto mais liberais (1981)” (HOBSBAWM, 2008, p.306). Não é de se admirar, que no início da década de 90, as pesquisas de opinião registrassem divergências de opiniões políticas entre os sexos em vários países e os políticos, sobretudo a esquerda, começassem a cortejar essa nova consciência feminina.

Outras tensões internas surgiam no movimento feminista devido a sua expansão por toda uma gama de classes sociais e grupos étnicos dos Estados Unidos. As pioneiras, que redescobriram o feminismo nos anos 60, majoritariamente faziam parte da classe média, eram brancas e possuíam um alto nível educacional. Nas três décadas seguintes “os temas feministas focalizaram as lutas das mulheres afro-americanas, latinas e de outras minorias étnicas em suas respectivas comunidades” (CASTELLS, 2002, p. 219). Através de sindicatos e organizações autônomas, operárias mobilizaram-se em torno de suas reivindicações, aproveitando-se da legitimidade concedida às lutas femininas. Como resultado a diversificação cada vez maior do movimento feminista acarretou numa falta de clareza quanto a autodefinição feminista. O feminismo tornou-se assim a palavra (ou a bandeira) comum contra todas as causas de opressão feminina à qual cada mulher, ou categoria feminina, vincularia seus lemas e reivindicações (ibid.,id.).

Assim, não obstante o feminismo estar presente em muitos países e as lutas e organizações feministas irromperem por todo mundo, “o movimento feminista apresenta formas e orientações muito diferentes, dependendo dos contextos culturais, institucionais e políticos do local em que surgem” (CASTELLS, 2002, p.224). Entretanto, não resta dúvida, que a defesa dos direitos da mulher é o ponto crucial do feminismo. A afirmação das mulheres enquanto seres humanos e não como bonecas, objetos ou coisas, torna-se uma extensão do movimento pelos direitos humanos.

2.3 - A rebelde contracultura

Eu vi os expoentes de minha geração destruídos
pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus,
arrastando-se pelas ruas de bairro negro
de madrugada em busca de uma
dose violenta de qualquer coisa [...].
Uivo – Allen Ginsberg³⁴

Paralelo a este fervilhar de movimentos, a América ‘branca’ exaurida pela Primeira Guerra Mundial e pela Grande Depressão, encontrava na economia em ascensão a possibilidade de comprar novos bens de consumo como lavadoras de pratos, televisores e automóveis rabo-de-peixe (GOFFMAN e JOY, 2007, p.255). Controlada por três grandes redes e seus patrocinadores corporativos, a televisão, reforçava as atitudes homogêneas, ‘brancas’ e precavidadas em favor do capitalismo, do consumo e da conformidade social. Em 1962, em torno de 90% das famílias já possuíam um aparelho de TV e a indústria cultural exercia um papel decisivo na disseminação do consumismo e do apoio aos valores sociais e culturais do capitalismo americano. A televisão, o cinema e a literatura de grande público apresentavam famílias harmoniosas: um pai trabalhador, mãe dona-de-casa e alguns filhos morando nos crescentes subúrbios em casas com quintais próprios demarcados com cercas brancas. Na época os mais “populares dos seriados de TV – Papai sabe tudo, Eu amo Lucy e as Aventuras de Ozzie e Harriet – glorificaram o modelo da família nuclear americana e o “jeito americano de viver” (KARNAL et al, 2010, p.231/233).

As ofertas culturais de Hollywood também celebravam as virtudes do capitalismo americano. O filme Sindicato dos Ladrões de 1954, dirigido por Elia Kazan, que denunciou

³⁴ Ginsberg, Allen *apud*: GOFFMAN e JOY, 2007, p.252

“pessoalmente os ‘comunistas’ de Hollywood ao governo, contava a história da corrupção num sindicato de estivadores, [como] uma alegoria sobre os supostos perigos do protesto social” (KARNAL et al., 2010, p.233). Os jornais bem como as revistas de grande circulação e as produções intelectuais convencionais da época enalteciam o bem estar do país, o suposto fim da ideologia e o triunfo dos valores do mercado capitalista. No entanto, destacam os autores, a televisão e o cinema podiam expressar de forma não intencional as contradições da sociedade americana (KARNAL et al., 2010, p.234). Essas contradições, por um lado, podiam levar muitas mulheres, trabalhadores e jovens, tratados como subordinados, a serem encorajados a abraçar ideais de igualdade e liberdade. Por outro lado, a influência dos seriados da TV, ao celebrarem a abastada classe média branca, apresentava o que muitas pessoas supostamente poderiam conquistar na sociedade graças às oportunidades oferecidas. Isso podia tanto acentuar a alienação quanto o desejo por mudança.

Nesta fase de conformismo a oposição política era potencialmente proibida, mas uma linhagem jovem e soturna tinha começado já em 1940, a formar uma subcultura que preencheu o vazio rebelde: os hipster³⁵.

Inspirados pelos sons impetuosos e espontâneos do bebop, particularmente Charlie Parker, e se desenvolvendo mais ou menos em paralelo com a evolução do existencialismo francês e sua visão da vida humana como um espaço vazio cercado de um abismo sem sentido, os hipster eram personagens furtivos – os rebeldes perfeitos para uma época paranóica (GOFFMAN e JOY, 2007, p.256).

Sem vislumbrar a esperança de uma mudança positiva, o hipster, não desejava enfrentar o aparato repressivo político bem como não tinha o menor interesse em ofender os conformistas ‘caretas’. Como qualificou a escritora Caroline Bird, em um artigo publicado na revista Harper’s Bazaar, em 1957, “não é possível entrevistar um hipster porque o seu principal objetivo é se manter fora da sociedade” (ibid.,id.).

Identificar um hipster não era uma das tarefas mais difíceis, eles eram inter-raciais, uma visão rara nos Estados Unidos dos anos 50, boêmios, brancos e negros e viviam nos limites da economia, saiam juntos, especialmente frequentando clubes de jazz. Gostavam de maconha e,

³⁵ Bill Wasik, o organizador das primeiras Flash Mobs em Nova York (2003) e editor da revista Harper’s, retoma o movimento hipsters para explicar a onda das Flash Mobs: “o que há de novo nos *hipsters*, em oposição as vanguardas de épocas anteriores, está em como a Internet lhes permite convergir sobre produtos culturais quase instantaneamente” Fonte: Jornal Folha de São Paulo, Ilustrada, Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/inde20072006.htm>> Acesso: 20 jul. 2006.

em alguns casos, de heroína, ferramentas indispensáveis para abandonar a mente racional e mergulhar no bebop³⁶ do saxofonista Charlie Parker e do pianista Theolonious Monk (GILMORE, 2010, p. 30). Um mundo novo, em grande parte ainda oculto, estava começando a nascer, e eles ansiavam por isso.

A possibilidade de um apocalipse instantâneo que os ‘caretas’ tentavam esquecer proporcionou aos hipsters a desculpa perfeita para fugir das responsabilidades e das recompensas atrasadas da vida adulta comum. Por que construir cuidadosamente uma carreira, uma família e uma reputação quando não havia futuro? “O hipster estava livre para viver o momento. (...) Embora o intenso agora do hipster fosse baseado no desespero, e seu aspecto geral fosse sombrio”, (GOFFMAN e JOY, 2007, p.257) ele mantinha uma sensação de espontânea vivacidade que não era encontrada nas cuidadosamente planejadas rotinas de escritório dos burocratas e seus subúrbios maquiados. Reagindo a essa subcorrente, Hollywood produziu filmes que os romantizavam. Filmes populares como Êxito fugaz (1950) e o Homem do braço de ouro (1956), estrelado por Frank Sinatra, mantinham os consumidores numa distância segura dos estímulos hipsters (ibid.,id.).

A arte e a literatura normalmente são consideradas o refúgio dos boêmios. A margem da vida hipster havia um pequeno círculo que formava uma exceção: os hipster literários. Jack Kerouac e Allen Ginsberg, dois universitários da Universidade de Colúmbia, se juntaram ao mais experiente William Burroughs e começaram a desenvolver seus estilos literários evitando uma participação mais ativa nos excessos de alguns dos seus conhecidos hipsters (GILMORE, 2010, p.29). A principal motivação para essa união era a capacidade de cada um confessar honestamente para o outro seus sentimentos mais profundos. “Uma tal exposição de assuntos particulares contrariava o espírito da época, mas levou a descobertas estéticas e intelectuais” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.260).

Jack Kerouac foi o primeiro a publicar o livro *The Town and the City*, em 1950. Um romance no qual o autor comparava suas memórias bucólicas de cidade pequena com a desesperada e trágica dos seus amigos hipsters. Enquanto isso, Allan Ginsberg começava a escrever poesia convencional no jornal dos estudantes da Universidade de Colúmbia. William Burroughs, por sua vez, não tinha a menor pretensão de ser escritor, mas enquanto um gay

³⁶ “O Bebop representa uma das correntes mais influentes do Jazz. Seu nome provém da onomatopéia feita ao imitar o som das centenas de martelos que batiam no metal na construção das ferrovias americanas, gerando uma "melodia" cheia de pequenas notas. Disponível: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bebop>> Acesso: 05/06/2010.

viciado em heroína tinha certamente muita história para contar (ibid., id.). Seu primeiro romance *Junkie* contava sua história hipster de vício em heroína seguindo o estilo de uma história de detetive. Publicado em uma edição modesta sob o pseudônimo de William Lee, o romance vendeu extremamente bem. No ano seguinte, 1953, ele escreveu a continuação, *Queer*, seguindo o mesmo estilo sem, no entanto, encontrar editor. Nos anos 50 tudo que os heterossexuais não queriam eram ler descrições explícitas de sexo gay e a última coisa que os homossexuais queriam eram ser vistos com um livro intitulado *Queer*.

Curioso perceber que somente em 1957 essas tendências culturais conseguiram ser conhecidas pela população como um todo. O poema *Uivo*, de Ginsberg e o revolucionário livro *On the Road*, de Kerouac, foram publicados e distribuídos por todos os Estados Unidos, transformando os beats³⁷ em uma obsessão de massa (GOFFMAN e JOY, 2007, p.261). A leitura do poema *Uivo* é considerada um dos eventos mais incandescentes da história literária ou da cultura pós-guerra e seu aparecimento garantiu aos beats um “lugar no mapa dos tempos modernos” (GILMORE, 2010, p.33).

Os três rapazes escritores, considerados como os principais beats, tinham vozes e estilos diferentes com muitos pontos em comum. Por exemplo, todos eram radicais quanto à revelação de pensamentos íntimos e/ou aspectos da realidade dos quais todos os outros autores mantinham-se afastados. Todos os três aplicavam o fluxo de consciência como método cuja intenção era superar qualquer impulso no sentido de cautela e de autocensura. “Todos eles demonstravam desprezo por símbolos de autoridade, particularmente os burocratas do governo, tiras e profissionais de controle social como os psicólogos que dirigiam as instituições mentais” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.264).

Na Costa Oeste dos Estados Unidos, Elvis Presley colaborava, a sua maneira, a abrir as portas. “Nós amamos Elvis”, diria mais tarde o poeta Gregory Corso, lembrando-se da noite em que ele e Kerouac viram Elvis no programa de televisão ‘*The Ed Sullivan Show*’. “Nós nos identificamos com aquele requebrado sexual” (GILMORE, 2010, p.34). Nada seria igual depois de *Uivo* e Elvis; a libido e as possibilidades na América estavam abertas.

No início dos anos 60, os beats se tornaram muito famosos e podiam ser vistos em todas as mídias. Apareciam em artigos nos principais jornais e revistas, faziam conferências com o

³⁷ Em um artigo publicado no *New York Times*, “This is the Beat Generation”, John Clellon Holmes, apresentou o termo beat ao mundo. Na época os termos hipster e beat eram equivalentes (GOFFMAN e JOY, 2007, p.262).

apoio de grandes nomes do jazz, a revista Life classificou os beats de “a única rebelião a vista” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.266). Ginsberg e Kerouac apareciam em entrevistas para TV – lembrando que nesta época só existiam três redes – e uma tentativa para produzir um programa de TV baseado em *On the Road* acabou não se concretizando. No seu lugar foi criado o programa *Route 66*³⁸, uma pálida evocação dos temas de Kerouac.

Era o começo da era da televisão e os beats se exilaram da cultura hegemônica não pelo isolamento físico, mas por intermédio da arte, da percepção e da forma de se vestir. Eles se tornaram significativos para a cultura da mídia, particularmente, por serem rebeldes e por terem um estilo próprio na forma de se vestir. Esse elemento de significado contracultural foi levado adiante para outras gerações, como resultado da divulgação pelos modernos meios de comunicação, como uma diversão.

Na realidade, o que os beats queriam colocar em prática era um projeto de emancipação desvinculada da personalidade autoritária. Explorar e expandir a consciência humana, “expressar e demonstrar maior simpatia para com os oprimidos e marginalizados, derrubar pequenas e grandes tiranias e superar os programas mentais de produção de miséria e ao mesmo tempo partilhar livremente com o público os métodos e os resultados” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.267). Esses eram os princípios contraculturais. Antiautoritários por natureza e nômades, Ginsberg passou por várias mutações, de herói beat a guru psicodelista e então a líder yippie, antes de chegar a uma mistura de budismo e ativismo pacifista. Deixou seu corpo para trás em 1997. Burroughs saiu de um forte libertarismo individualista para alcançar a simpatia pela esquerda revolucionária no final dos anos 60 e, mais tarde, chegou a ser um chefe cínico e cômico dos punks de Nova York nos anos 70. Logo após anunciar ao mundo a frase “o amor é a resposta”, deixou seu corpo para trás logo depois de Ginsberg. Segundo Goffman e Joy, a fama não foi boa para Jack Kerouac. De voz beat da compaixão se transformou num conservador amargo, antissemita e paranóico. Morreu em 1969, aos 47 anos, de cirrose hepática pelo excesso do álcool (GOFFMAN e JOY, 2007, p.266; GILMORE, 2010, p.37).

As liberdades conquistadas por esses movimentos foram parcialmente colocadas em prática por estarem constantemente sendo ameaçadas pela persistência das características autoritárias tanto daqueles que governavam como daqueles que se deixavam governar. A

³⁸ Route 66 cortava os Estados Unidos, no sentido leste/oeste, saindo de Chicago, Illinois, e chegando a Santa Mônica, Califórnia. Com uma extensão 3.840 quilômetros, passava por oito estados e 217 cidades.

maioria dos jovens que haviam se dirigido para o Greenwich Village, a North Beach de São Francisco e a outros pontos para participar do fenômeno beatnik logo retornaram a normalidade e alguns se tornaram conservadores. Contudo, um número bastante significativo, mesmo que retornando ao conforto da classe média, fazia parte das “tendências liberais no início da década de 60 como o movimento pelos direitos civis, o movimento contra a proliferação nuclear e uma maior abertura acerca da sexualidade” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.267).

Na frente cultural, esses jovens alienados eram retratados nos filmes *Rebelde sem causa* (1955), protagonizado por James Dean e em *O selvagem* (1953), dirigido por László Benedek. Mudanças também foram introduzidas pelo best-seller de Benjamin Spock, *Meu filho, meu tesouro*, onde ele alertava aos jovens pais sobre o totalitarismo doméstico e aconselhava métodos menos proibitivos às crianças. A revista *Mad*, uma revista em quadrinhos para o público pré-adolescente, aliava um humor juvenil simplório com sátiras sofisticadas e maliciosas que debochavam do mundo adulto (ibid.,id., p.269). A também revista *Playboy* levou pornografia leve para casa da classe média combinando um jornalismo liberal hegemônico com a eloquente defesa da liberdade sexual, embora carregasse uma imagem dos homens como consumidores fingidos e superficiais e as mulheres como brinquedos sexuais.

Não resta dúvida que a maior explosão da rebelião adolescente contra as pressões restritivas dos anos 50, foi o rock and roll. Batizado em função do ato sexual e enraizado no blues e no boogie-woogie afro-americano, o rock and roll, embora não fosse precisamente contracultural ou explicitamente antiautoritário, se estabeleceu como uma distinta identidade jovem rebelde que transformou a revolta contracultural da década de 60 e ganhou o mundo. Entre os maiores fãs do rock and roll estava um estudante de arte de Liverpool que em 1957 publicava sua pequena revista alternativa de arte e literatura *The Daily Howl* e ouvia todos os discos de Elvis Presley e Chuck Berry que conseguia encontrar. “John Lennon sabia que alguma coisa estava acontecendo, embora ainda não soubesse o que era” (ibid.,id.).

2.4 - Sexo, drogas e rock'n'roll: a rebeldia dos 60

“Faça amor, não faça guerra!”
“Peace and Love.”
“Ban the Bomb.”

Nos anos 60, como não podia deixar de ser, assistimos a uma variedade de movimentos sociais caracterizados pela valorização da juventude, ideias antielitistas, com ênfase no combate a hipocrisia e a alienação da sociedade americana em detrimento da preocupação com luta de classes e miséria econômica. A nova esquerda, como ficou conhecida, levou projetos culturais e ideológicos alternativos, lançados na década anterior, para as ruas em alto e bom som. “Parecia que alguma espécie de prisão psíquica tinha sido aberta e todos os jovens estavam tentando escapar de lá” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.272). Atuando entre os estudantes, grupos e povos oprimidos (negros e vítimas do imperialismo americano), a nova esquerda alimentava manifestações contra a guerra do Vietnã, pelos direitos estudantis nas universidades e por maior liberdade individual na vida cotidiana (KARNAL et al., 2010, p.249).

No limite dessa explosão, os ideais libertários colidiam com a busca poética dos românticos de contato humano mais profundo, experiência e libertação da alma, “dando luz a movimentos culturais e políticos baseados no desejo de criar uma sociedade que fosse ao mesmo tempo humana e arrebatadora... Agora!” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.272). No mundo inteiro a democracia participativa era enfatizada, a espontaneidade e as ações diretas deram o tom para as tendências táticas e estratégicas para os movimentos sociais.

Correntes antimaterialistas estimuladas por movimentos como o transcendentalismo e os beats despertaram uma tentativa de viver no agora eterno, como se controles burocráticos, regras de prosperidade e a hipótese de vender o tempo para ganhar a vida fossem somente cansativas barricadas a serem ignoradas, “ao redor das quais dançar e depois, finalmente, serem derrubadas. (...) A liberdade, significando ausência de controle emocional, cultural e mesmo biológico. (...) Essa ideia é Autonomia” (ibid.,id.). Naturalmente, esses ideais e impulsos produziram uma estrondosa ação rebelde e uma violenta reação repressiva. Lendas nasceram, revoluções pareciam possíveis, comunidades e comunas nasceram e morreram, novas filosofias eram concebidas, os sistemas de crenças e as mentes das pessoas expandiram-se, as vezes para além do ponto de ruptura. Manifestantes foram alvos de tiros, mandados de

prisão foram emitidos e alguns extremistas políticos contraculturalistas levaram ao suicídio seus movimentos e, em alguns casos, eles mesmos.

Era 1960 e o democrata John F. Kennedy assumia a presidência dos Estados Unidos no lugar do general republicano Dwight D. Eisenhower. Simpático ao movimento pelos Direitos Civis e sintonizado com a nascente geração idealista, JFK, pouco antes de seu assassinato, mudou a postura de confronto com a então União Soviética defendendo o desarmamento e a negociação. A imagem progressista do presidente animava os primeiros anos da década, (mesmo com a angustiante crise dos mísseis em Cuba) a sensação de possibilidade representava uma ruptura (GOFFMAN e JOY, 2007, p.274).

Outros acontecimentos no início dos anos 60 representariam o verdadeiro início de uma formação contracultural que, segundo Goffman e Joy, colocariam a civilização ocidental de cabeça para baixo no final da década. Timothy Leary, professor de psicologia da Universidade de Harvard, era expulso, por pressão da CIA, depois de ter promovido uma experiência psicotrópica com cogumelos psilocibinos³⁹ para uma turma inteira de estudantes de psicologia. Esta aura de rebeldia despertou o interesse da maioria dos estudantes universitários por todos os Estados Unidos. Em 1962, universitários escreveram a ‘Declaração de Port Huron’, um eloquente manifesto que definiu a política de esquerda pós-comunista mais radical, seguindo os conceitos existencialistas de identidade individual forjados através do ativismo e alienação jovem. Esses dois pequenos “blips na tela do radar sociopolítico dos Estados Unidos se mostrariam os pontos de lançamento de grandes movimentos que mais tarde iriam convergir para o divino caos que foi o final dos anos 1960” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.274; GILMORE, 2010, p.52).

Neste mesmo ano a organização universitária liberal de esquerda mais importante, SDS – Student for a Democratic Society, surgia com estudantes fruto da geração baby boom⁴⁰ e da expansão da educação superior. Fortemente inspirados pelos movimentos negros, os estudantes começaram a organizar sua solidariedade para com a luta pelos direitos civis, o desenvolvimento econômico em comunidades pobres e, especialmente, o movimento contra a

³⁹ Ao receber uma ordem para abrir mão de seu estoque de psilocibina, Timothy Leary comentou: “estas drogas provocam pânico e insanidade temporária em muitos funcionários que nunca as utilizaram” (Goffman e Joy, 2007, p.278).

⁴⁰ O termo popularizou-se no pós Segunda Guerra Mundial, quando houve um aumento importante da natalidade nos Estados Unidos.

Guerra do Vietnã (KARNAL et al., 2010, p.249). O SDS chegou a ter seções em várias faculdades, incontáveis afiliados e trabalhou com diversos grupos.

Conscientes do marcatisimo quando crianças, marcados pela leitura das revistas Mad, pelo rock and roll, pelo Rebelde sem causa, James Dean e pelas ameaças das bombas atômicas e de hidrogênio, esses intelectuais estavam mergulhados até o pescoço na tendência filosófica existencialista, especialmente a de Albert Camus, onde de uma forma muito reducionista pode-se dizer que o indivíduo é responsável pela sua própria vida; “nem a divindade, nem o governo farão isso por você. É melhor você aproveitar essa vida com toda intensidade que conseguir, porque não existe nada depois dela” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.281).

A questão para a nova esquerda não era a realidade de seus pais que cumpriam uma carga horária de trabalho de nove as cinco, muito menos os compromissos imponentes e as soluções políticas burocráticas e abstratas, a questão da vida era ocupar o seu lugar, o aqui agora e jogar-se no mundo. Um dos primeiros slogans do SDS foi “Um homem, uma alma”, que segundo Goffman e Joy (2007), fizeram “Lenin se revirar no túmulo e Trotski tossir e se mexer!” (p.281). Majoritariamente brancos, escolheram o movimento pelos Direitos Civis para expressar seu compromisso existencial. Como apresentado anteriormente, alinharam-se ao CORE e ao SNCC nas ‘Viagens da Liberdade’ a fim de colocar em prática a experiência On the Road.

Identificados com o clima geral de revolta e com a liberdade sexual, o estilo descontraído podia ser observado pelos cabelos um pouco mais desgrenhados que o normal e pelos ilegais baseados de maconha que circulavam, principalmente, na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Vale lembrar que os padrões da época eram muito rígidos e o sexo antes do casamento era considerado um tabu e a coabitação uma grave ofensa. As universidades tinham um poder semelhante à autoridade paterna. Aqui, torna-se imprescindível citarmos Michel Foucault e seu minucioso estudo sobre a sociedade disciplinar, principalmente quando atinge seu apogeu no século XX.

A disciplina, em primeiro lugar, procede à distribuição dos indivíduos no espaço e para tanto utiliza diversas técnicas. Estando os vagabundos e os miseráveis encarcerados nas prisões e nas clínicas outros encarceramentos mais discretos, porém não menos insidiosos e eficientes, aconteceram. O colégio, seguindo o modelo do convento, impõe um regime interno

de educação perfeito. Os quartéis, por sua vez, isolados com suas grandes muralhas servem para fixar o exército e manter a tropa disciplinada e em ordem (FOUCAULT, 2003, p.122). Entretanto, o princípio de clausura não é constante, nem indispensável, nem suficiente nos aparelhos disciplinares, o espaço é esquadrihado de forma mais flexível e elaborada a fim de dispor “cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo” (ibid.,id., p.123).

No processo disciplinar o que importa é anular o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa ao utilizar a tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. O importante é

(...) estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou méritos. Procedimento, portanto, para conhecer dominar e utilizar (ibid.,id., p.122).

Contudo as disciplinas também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam e que se precipitaram depois da Segunda Guerra Mundial: “sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser” (DELEUZE, 2000, p.220). Deste modo, podemos argumentar, estávamos diante de uma crise generalizada de todos os meios de confinamento, porque os novos-esquerdistas eram claros em seu desprezo pelas regras escolares e eram mais claros ainda em seu desprezo pelos tradicionais padrões sexuais e, evidentemente, se irritavam com a limitação de dormitórios separados e com os toques de recolher. Essa postura rebelde-com-causa os transformou na coisa mais sensual dos campi atraindo, assim, um maior número de membros e simpatizantes. Afinal, por mais arrogantes que pudessem parecer, sua sinceridade intelectual também era clara. Pensar era importante porque somente deste modo as ideias produziriam consequências. “Dissecando, repensando, recusando-se a considerar algo como definitivo, pensando sem limites” (GOFFMAN e JOY, 2007, p. 282) sempre partindo da premissa que tudo era possível.

Diante deste cenário, a esquerda jovem, libertina e defensora das liberdades civis ganhou espaço e sua liderança no movimento de protesto pelo desarmamento nuclear se conectou a uma crescente noção de conflito de gerações. Vários estudantes universitários culpavam a geração de seus pais por terem deixado para eles um planeta, praticamente, em situação terminal. A evolução da cultura política não foi interrompida quando, em 1963, o semiliberal JFK foi assassinado nas ruas de Dallas. O choque de ver Kennedy e depois Lee

Harvey Oswald ininterruptamente nas telas da TV causou uma reação pública mais de tristeza do que de vingança. “O que fazer com as repetições infundáveis de assassinatos dramaticamente reais de tal importância política vistas a uma distância segura na TV de nossas casas?” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.283). No mínimo, essa difusa sensação de desassossego só fez com que os novos esquerdistas existencialistas parecessem mais fascinantes para seus jovens colegas.

No ano seguinte, 1964, aconteceu a primeira grande mobilização do movimento estudantil na Universidade da Califórnia, em Berkely, a favor do direito dos estudantes organizarem atividades políticas no campus. Nos anos que sucederam, o SDS – Student for a Democratic Society, e outras organizações montaram campanhas nacionais contra a guerra e contra o serviço militar obrigatório. Em torno de 50 mil estudantes migraram para o Canadá a fim de escapar do serviço militar. Até 1968, manifestações, motins e ocupações eram comuns em faculdades de todo o país. Inúmeras manifestações nacionais realizadas em Washington, entre 1967/1970, inflamavam a oposição contra a guerra, “quebrando o consenso político nacional e enfraquecendo a resolução dos governos de continuar o conflito” (KARNAL et al., 2010, p.250). Gradualmente, artistas, políticos locais, muitos sindicalistas, jornalistas, esportistas e até empresários passaram a ficar contra a guerra por questões morais, políticas ou mesmo em função da instabilidade social gerada por ela.

Enquanto a lógica militarista da Guerra Fria continuava firme para maioria dos americanos no início da década de 1960, as tendências contraculturais antiautoritárias deixadas pelos anos 50 dos beatniks começaram a evoluir num estilo mais alegre e absurdo.

Em 1964, o filme de Stanley Kubrick, *Dr.Fantástico ou: como eu aprendi a parar de me preocupar e amar a bomba*, transformou em farsa o malabarismo nuclear e o patriotismo de direita. “O filme, em grande parte roteirizado pelo gênio do humor Terry Southern, influenciado pelos beats e um devorador de drogas, continua a ser um dos mais ultrajantes atos de desrespeito ao establishment militar e político dos Estados Unidos” (GOFFMAN e Joy, 2007, p.284). Na pintura, a desesperada busca de liberdade representada pelos expressionistas abstratos e seu estilo de vida boêmio deu lugar a atuação tresloucada, elegante, irônica de artistas pop com Roy Lichtenstein e Jasper Johns. Na Inglaterra, ainda em 1961, o grupo Op art, com Bridget Riley, defendia uma arte com menos expressão e mais visualização. Mesmo respeitando o rigor com que é construída, simbolizava um mundo

mutável e instável, que não se mantém nunca o mesmo. O grupo Fluxus, criado em Nova York, “conquistou a imaginação do público de artes plásticas com happenings ao estilo dadaísta que substituíram a antiga raiva pós-guerra do movimento por pura fantasia” (GOFFMAN e Joy, 2007, p.284). Os concertos Fluxus, seus festivais e encontros se espalharam também pela Europa. Como se fosse uma Arca de Noé frente ao dilúvio de uma sociedade cada mais uniforme, o Fluxus incorporava todas as disciplinas: “a nova música, a dança, o happening, certas atuações pessoais que anteciparam a performance, a poesia, a crítica e a teoria estética, o vídeo, as artes plásticas, o teatro, etc.” (GLUSBERG, 2005, 134). O Fluxus, segundo Glusberg, representou um momento decisivo da arte de vanguarda e marcou uma militância com todos os setores da criação artística.

Não podemos nos esquecer de Bob Dylan, aclamado astro jovem por suas canções de protesto como ‘Masters of War’ e ‘The Lonesome Death of Hattie Carroll’ que se comportava como um engraçado e irritante surrealista adolescente em suas entrevistas a imprensa, atacando repórteres por serem sérios demais.

Paralelo ao espírito contracultural, a rebeldia encontrava espaço também na literatura, no jornalismo, no cinema e até na televisão, mas foi a música popular que expressou brilhantemente as correntes políticas e sociais do período. Apesar das exigências de sucesso comercial, os processos sociais e políticos foram mais abrangentes influenciando a inovadora expressão musical da época. “O centro criativo da efervescência da música popular brotou nos compromissos políticos e sociais contra a alienação, o militarismo e o racismo” (KARNAL et al., 2010, p.252). Artistas como Joan Baez, Pete Seeger, Phil Ochs, Judy Collins e também Bob Dylan cresceram junto com os movimentos e suas músicas de protesto tornaram-se hinos de manifestação na época.

O rock and roll, claro, foi a mais popular forma de música nos Estados Unidos e em todo mundo. Nesses agitados anos refletiam e expressavam os impulsos pela liberação pessoal e da comunidade, que permeavam a contracultura, bem como a rebeldia da juventude (ibid.id.). Os Beatles, que até então viviam no universo secreto do rock inglês, com seus longos cabelos caindo sobre os colarinhos, botas de salto alto, calças pescando-siri, blusas escuras de gola rolê e outras camisas de colarinho alto, misturando o dândi inglês e o beat americano, lançaram moda e todas as garotas ficaram loucas por eles. No início de 1964, a beatlemania explodia nos Estados Unidos e, enquanto as garotinhas se debulhavam, toda

população adulta momentaneamente parou de se preocupar com os comunistas e passaram a se preocupar com o cabelo (GOFFMAN e JOY, 2007, p. 287). Depois dos Beatles foi a vez dos Rolling Stones que, embora partilhassem a incipiente sensação de insatisfação jovem não estavam ali para subverter o paradigma dominante ou qualquer coisa assim. O que os roqueiros dos dois grupos queriam era apenas se divertir tocando as músicas que adoravam e conseguir algum dinheiro.

Nos três anos seguintes, as letras e as músicas do rock evoluíram num ritmo alucinante. Enquanto os Beatles cantavam rimados clichês sobre namoricos e os Stones imitavam temas mais simples do blues, (ibid.,id., p.288) o poeta da esquerda Bob Dylan gravava o álbum intitulado 'Bringing It All Back Home' trazendo para o rock and roll letras como: "palavras desiludidas como balas ferem" ou do grande sucesso 'Like a Rolling Stone' que expressava a existência de um mundo duro e feio lá fora além dos subúrbios e que nós poderíamos não nos importar ou sair para conferir. Bob Dylan, mais uma vez atingiu em cheio a classe média e sua tentativa medrosa de levar uma vida com uma distância segura consumindo as experiências por intermédio dos meios de comunicação. E, finalmente, os Beatles suplantaram todo mundo com a psicodelia musicalmente sofisticada do disco 'Revolver', onde era possível escutar diversas canções assombradas e saturadas de LSD de George Harrison e John Lennon. Inspirada no livro de Timothy Leary, a música 'Tomorrow Never Knows' foi uma das primeiras músicas ao estilo do emergente rock psicodélico.

Ainda em 1964, o romancista americano Ken Kesey, autor do livro 'Um estranho no ninho', e seu grupo Merry Pranksters encheram de amigos e de LSD um ônibus com uma pintura psicodélica e, vestidos como super-heróis das histórias em quadrinhos, cruzaram os Estados Unidos para drogar as pessoas e ver como o país, fora de seu lar na hip Bay Area de São Francisco, parecia estar sob sua influência (GOFFMAN e JOY, 2007, p.289). Certa vez em Phoenix, Arizona, terra do então candidato conservador republicano a Presidência, Barry Goldwater, eles apareceram com a indumentária completa, agitando bandeiras americanas e utilizando alto-falantes do lado de fora do ônibus. Esse bando freak barulhento, amigável e confuso, carregava um grande cartaz com a frase "Votar em Goldwater é votar na brincadeira". Não tendo semelhança alguma com os manifestantes pelos direitos civis como também com os melancólicos beatniks vestidos de preto: "quem era então aquelas estranhas pessoas felizes vestindo capas e máscaras?" (ibid.,id., p. 290).

Novamente havia algo de novo em gestação. Misturados com as ideias de comunhão, amor e êxtase dos hipsters dos anos 50, esses boêmios psicodélicos migraram do North Beach para Haight-Ashbury aproveitando o preço baixo dos alugueis de grandes casas arruinadas. Apesar de ainda apreciarem Charlie Parker e Miles Davis, formaram ali um novo som que fazia você levantar, sorrir e dançar: o rock and roll. Em 1965 chegava à cidade Chet Helms e sua amiga Janis Joplin e logo abriram uma casa de rock chamada 'Family Dog'. A comunidade foi em bando, introduzindo um novo estilo de dança – livre. “As frenéticas celebrações roqueiras carregadas de sexualidade deram um brilho diferente à experiência psicodélica” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.291). Nesse espaço mental único de investigação e celebração, ao contrário da síndrome de alienação e desespero dos beatniks, a ênfase tinha mudado de solidão para comunhão, do pessoal para o interpessoal.

Esta festa descontrolada de jovens selvagens começava a preocupar as autoridades, sobretudo nos Estados Unidos. Em 1966, os neoboêmios de Haight-Ashbury se jogavam em festas por toda noite, com luzes piscando, nudez, sexo, Hell's Angels e gente balbuciando besteiras cósmicas (GILMORE, 2010, p. 110). A nova esquerda de Berkeley também estava presente. De acordo com os padrões sociais vigentes, alguma coisa inadequada estava acontecendo, mas como o LSD ainda era legal, não havia muito o que ser feito. Não tardou muito para a imprensa e os políticos se mobilizarem em defesa da realidade comum. Os meios de comunicação assumiram o “apoplético papel produzindo manchetes como ‘Garota de 5 anos come LSD e enlouquece ou ainda ‘Droga excitante deforma a mente’” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.291; GILMORE, 2010, p. 111). Um pesquisador do governo anunciou que o LSD causava danos aos cromossomos e que poderia ser perigoso para o bem-estar dos filhos dos usuários. Mais tarde o mesmo pesquisador confessou que era tudo mentira. Timothy Leary e Allen Ginsberg, defensores dos psicoativos, testemunharam oferecendo ideias sensatas e conciliatórias sobre a regulamentação da droga ao invés de proibi-la. No final do mesmo ano, depois do discurso de Art Kleps, um Pankster, todos os estados do país começaram a aprovar leis proibindo o LSD.

Expresso na legislação cerceadora, as forças conservadoras provocaram aquilo que talvez fosse a principal consequência contracultural daquela época. Com a tentativa de eliminar a liberação transcendente da consciência por intermédio de plantas e substâncias químicas, a resposta lógica era a cobrança de uma expansão de direitos democráticos liberais. “Leary chamou isso de a quinta liberdade, o direito de um ser humano controlar seus próprios

estados de consciência” (GOFFMAN e JOY, 2007, p. 292). Em uma sociedade livre, o Estado não pode impedir as pessoas de alcançarem qualquer estado mental desde que as pessoas não se metam com as outras. Embora pareça óbvio, este discurso está além dos limites do discurso legal e reagir as pressões políticas não era uma especialidade hippie. Seguindo Ginsberg e Leary, a cultura jovem freak era influenciada por religiões transcendentais orientais e as variações contraculturais do taoísmo e do zen-budismo. A ideia subjacente era mais contemplativa: mude a si mesmo que isso pode mudar o mundo; do que ativista: mude o mundo e no processo mude a si mesmo.

No meio dessa revolução comportamental um grupo que se autodenominava diggers surgia na comunidade Haight. Sem interesse pela farra midiática, pela ideia de que a consciência psicodélica iria produzir uma sociedade legal, excitante e liberada em si mesmo, eles estavam mais interessados em desenvolver suas próprias formas econômicas independentes e alternativas. Seguindo o lema: não cobre comida, pegue e distribua, os diggers abriram um armazém e começaram a servir refeições grátis no parque Golden Gate todo dia às quatro da tarde. Embora acreditassem que mudanças radicais fossem produzidas a partir de uma ação local, nas ruas, aqui e agora seguindo um modelo espontâneo (GOFFMAN e JOY, 2007, p.293), os criadores do jornal alternativo de Haight-Ashbury – The Oracle – acreditavam que podiam mudar o mundo. Allen Cohen, o editor do jornal, escrevia o que esperava daquele dia: “uma união entre o amor e a política, antes separados por dogmas categóricos e rótulos exagerados, se dará em êxtase [...] de maneira que uma revolução seja consumada” (GILMORE, 2010, p. 106). Para festejar e divulgar a crescente cultura hippie eles decidiram promover um “Be-In” no Parque Golden Gate.

O Human Be-In, divulgado como uma ‘reunião das tribos’ e uma ‘dança da paz’ para ser celebrada com os líderes dessa geração atraiu cerca de 15 mil freaks para o parque Golden Gate e foi considerado primeiro evento da contracultura hippie. Subiram ao palco diante de uma multidão alucinada, Allen Ginsberg, o poeta Gary Snyder, Timothy Leary e o radical de Berkeley, Jerry Rubin. Leary experimentou seu novo slogan, “Sintonize em dropout” e conquistou a multidão ali reunida. Mas, o sucesso da noite ficou a cargo de Jerry Garcia, um herói local que, com sua banda Grateful Dead, “falava a língua da alma profunda e da psique errante por intermédio de sua guitarra” (GOFFMAN e JOY, 2007, p. 294; GILMORE, 2010, p. 105).

A mídia nacional se fartou do Be-In e dos hippies em geral, transmitindo imagens de jovens chapados, sorridentes e em êxtase para sala de estar de todo os Estados Unidos. Não demorou muito para que jovens suscetíveis assumissem a ideia que isso parecia mais divertido do que quatro anos de universidade, quarenta anos em um escritório vestindo terno e gravata, seguidos por uma aposentadoria. E assim eles fizeram.

O mundo começava assim a falar dos hippies. Em 1967, a palavra hippie já tinha sido adotada por muitos membros da comunidade de Haight e vários outros grupos menores em outros estados. Originalmente o termo hippie era uma expressão de desprezo. Em 1940 os hipsters negros começaram a chamar os hipsters brancos de hippies (GOFFMAN e JOY, 2007, p.295). Na década de 50 os hipsters brancos passaram a chamar os hipsters de final de semana de hippies. Só nos anos 60 que a versão mais moderna começava a aparecer e em 1967 os hippies se tornariam a coisa mais hipster da área (GILMORE, 2010, p.107).

Enquanto a maioria das pessoas enxergava os hippies como um agrupamento de pirralhos crescidos e perturbados pela droga que não queriam tomar banho, outros estavam impressionados com a noção de paz e comunhão, chegando mesmo a suspeitar que eles pudessem representar um novo estágio para humanidade. Livres da maioria das preocupações materiais onipresentes, alguns analistas chegavam a vislumbrar que os hippies representariam o futuro da humanidade, onde os avanços tecnológicos eliminariam a miséria humana e a necessidade de fazer trabalhos chatos. ‘Deixe a máquina fazê-lo’ era uma resposta hippie a ética do trabalho (GOFFMAN e JOY, 2007, p.295).

Os jovens rebeldes desses primeiros anos da contracultura representaram o florescimento da criatividade por estarem num caldeirão de mudança constante. Faziam experiência com o livre pensamento e comportamentos livres e testavam sua capacidade de inserir ideais contraculturais no mundo. Além de provarem que a cultura ocidental hegemônica era muito mais variada do que qualquer um poderia suspeitar durante a década de 50, conseguiram expandir as fronteiras pelas quais os indivíduos buscavam a liberdade, tanto interna quanto externa, de forma massiva.

O que aconteceu em San Francisco e em toda cultura jovem daquele tempo ainda vive em nós, muito daquilo está assimilado, aquela atmosfera constituía a dinâmica central de uma guerra de valores (GILMORE, 2010, p.126). Desde então, nossa história tem sido marcada pela reação, pelo esforço para fazer recuar o espírito de transformação e de resistência daquele

tempo, mas a história não pode ser desfeita e aquele rompimento tem, ainda hoje, uma ressonância em quase todas as disputas políticas e rupturas culturais.

2.5 - Maio de 1968

Acontece que estamos sempre de acordo com a situação.
O que quero dizer é que temos a possibilidade de mudar
a situação, que esta possibilidade existe sempre.
Não podemos nos colocar fora da situação, em nenhum
lugar estamos livres de toda relação de poder. Eu não
quis dizer que somos sempre presos, pelo contrário,
que somos sempre livres. Enfim, em poucas palavras,
há sempre a possibilidade de mudar as coisas.
Michel Foucault

A ‘longa década’, como ficou conhecido os anos 1960, foi marcada por uma série de rebeliões de base com várias greves direcionadas aos patrões, ao governo e até as lideranças sindicais. Movimentos de base de mineiros, caminhoneiros, carteiros, criticavam a burocracia, a corrupção e o conservadorismo dos seus líderes sindicais, conseguindo, desta forma, democratizar alguns aspectos do movimento sindical ligados às suas atividades profissionais (KARNAL et al., 2010, p.251). Esta atmosfera acabou por contagiar inúmeras bandeiras democráticas e cidadãs, como por exemplo, os ambientalistas começaram a se manifestar contra a preocupante destruição do meio ambiente. Igrejas, professores, estudantes e ativistas por direitos humanos se engajaram em campanhas de solidariedade junto às vítimas de ditaduras no Brasil, no Chile e na Argentina.

Os movimentos sociais dos anos 60 moldaram e foram influenciados por novos desenvolvimentos culturais. “Críticas aos valores e convenções da classe média foram expressas em novos estilos de vida” (ibid., id., p.253). O mais famoso exemplo, como já abordado, é o dos hippies com suas roupas rústicas, cabelos compridos e utilizando drogas, rejeitavam a banalidade da sociedade moderna, expressando desejos sexuais e instintos individuais mais livremente e procurando refúgio numa vida mais simples e pacífica em bairros boêmios como Haight-Ashbury, em São Francisco, ou mesmo em comunas rurais que se espalharam pelo país (GOFFMAN e JOY, 2007, p. 311). É verdade que poucos abraçaram essa vida completamente, mas muito dessas práticas sociais refletiram-se em correntes culturais na sociedade como um todo.

Não tardou para a repressão entrar em cena. Com o governo de Richard Nixon assumindo o poder, um grande programa secreto de investigação foi implementado nos Estados Unidos. Conhecido como COINTELPRO⁴¹ - Counter Intelligence Program e conduzido pelo FBI - Federal Bureau of Investigations, o programa tinha por objetivo desestabilizar grupos de protestos, novos-esquerdistas, líderes hippies, democratas liberais e até mesmo astros do rock e outras personalidades.

No início de 1968, os cabeludos eram sujeitos a assédio quase diário por parte da lei. Mas como a contracultura era jovem e ainda estava conquistando seu espaço, inclusive sendo frequentemente defendida por intelectuais respeitáveis e copiados entusiasticamente pela cultura do entretenimento, o clima nas comunidades hip era mais de arrogância que de intimidação. “Eles sabiam que eram o futuro” (GOFFMAN e JOY, 2007, p. 312). Ainda assim, a severidade da reação estava criando uma diferente dinâmica entre esquerdistas e entre alguns hippies, a palavra revolução deixava de ser sussurrada para ser gritada.

O primeiro grito pegou todo mundo de surpresa. Na França, os jovens não tinham adotado o estilo contracultural psicodélico com a mesma intensidade que nos Estados Unidos e na Inglaterra, mas uma importante subcultura de estudantes franceses estava se encaminhando para um conjunto muito particular de anarquistas de esquerda que não eram diferentes da visão digger de relações espontâneas. “Nada podia antecipar o que aconteceu em Paris no mês de maio de 1968” (ibid., id., p.313).

Aparentemente a pretexto de uma “vulgar reforma de ensino” (SILVA, 2007, online⁴²), se iniciou uma agitação que incendiaria não só a Europa, mas também os EUA e a América Latina, somando manifestações em mais de 40 países. Movimentos contra a guerra do Vietnã, ao anticapitalismo na crítica à inserção da classe operária na lógica do trabalho e do consumo, gerando uma concepção alienada da realidade, e a crítica ao socialismo real em suas lógicas burocráticas e autoritárias, marcaram as relações que se colocaram

(...) contra todas as formas ou/e instituições autoritárias de poder: escola, universidade, família, casamento, empresas, organizações, sociedade política, etc. Contra a tradição e a coação. Neste sentido inscreve-se o direito ao prazer, ao corpo e ao desejo, colocando-se contra a culpabilização moral de base religiosa (MONTEIRO, 2007, online⁴³).

⁴¹ Disponível: <<http://en.wikipedia.org/wiki/COINTELPRO>> Acesso: 21 jun. de 2010.

⁴² Disponível em: <<http://www.cedap.assis.unesp.br/cantolibertario/textos/0005.html>> Acesso: 15 dez. 2007.

⁴³ Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/secXX.html>> Acesso: 17 dez. 2007.

Evidenciando a dimensão de um confronto de gerações, o embate se estabeleceria para além do político, principalmente na França. A partir da Universidade Paris-Nanterre, erguida na periferia para acolher estudantes que não ingressavam no circuito superior tradicional, um mal estar estudantil pode deflagrar uma crise nacional de proporções, a princípio, inimagináveis. Dentre os fatores mais importantes para radicalização dos estudantes, estava a oposição às más condições de educação e ao autoritário regime universitário, sobretudo a proibição dos moradores da residência estudantil de visitar residências do sexo oposto.

O líder estudantil Daniel Cohn-Bendit, descreve que os conflitos levariam a intervenção policial que acabou por fechar a Universidade. A Sorbonne, que sairia em apoio a Nanterre, também seria fechada. É neste momento que o movimento se deflagra e recebe o apoio de alguns grupos e coletivos como, o Movimento do 22 de Março, a União Nacional dos Estudantes Franceses e o Sindicato Nacional dos Professores de Ensino Superior. Contudo, cabe ressaltar, mesmo sendo, naquele momento, uma importante participação não chegaram a se constituir como líderes, pois o movimento não tinha chefe; aconteceu sem dirigentes e sem hierarquia, propondo a ação direta tão cara aos anarquistas (PAES, 1997, p. 29). Ou como classifica Cohn-Bendit, estes grupos seriam a minoria ativa deste processo que (COHN-BENDIT et al., 1968, p. 35), inicialmente, não pretendiam grandes transformações no âmbito político nacional, mas que acabou gerando uma crise governamental.

Num diálogo com o filósofo Jean-Paul Sartre, Daniel Cohn-Bendit, atesta que a força do movimento estudantil estava justamente no fato de que ele se apoiava não só na espontaneidade ‘incontrolável’ como também por não utilizar em proveito próprio a ação que ele desencadeou. Era preciso evitar, imediatamente, que se criasse uma organização, definisse um programa, o que seria inevitavelmente paralisante.

A única chance do movimento é, justamente, esta desordem que permite a todos falar livremente e que pode levar a uma certa forma de auto-organização. Por exemplo, é preciso, agora, renunciar as reuniões monumentais e chegar a formação de grupos de trabalho e de ação. É isso que tentamos fazer em Nanterre (ibid.,id., p. 37).

Não se trata de encontrar uma fórmula para fazer revolução, continua Cohn-Bendit, o que houve, simplesmente, foi um “mal estar estudantil” (COHN-BENDIT et al., 1968, p. 38) aliado a vontade de ação por parte da juventude, enojada com a falta de atuação das classes do

poder. Os outros poderiam seguir ou não seguir. Acontece que seguiram sem a menor pretensão de exercerem papel de direção.

No dia 10 de maio as barricadas tomavam as ruas e os choques com a repressão seriam intensos. Os operários e outros segmentos sociais entraram no confronto, entretanto, a autonomia de cada grupo era mantida. Uma greve geral de 10 milhões de trabalhadores era deflagrada, com diversas ocupações de fábricas que passam a ser administradas a partir de então por um sistema de auto-gestão (MONTEIRO, 2007, online⁴⁴; SOLIDARITY, 2003, online⁴⁵). O turbilhão, cujo epicentro teria sido a Universidade de Nanterre, tomava conta de quase toda cidade.

Paris, com o calçamento revirado, vidraças partidas, postes caídos e carros incendiados, assumiu ares de cidade rebelada. No alto dos prédios e casas as bandeiras negras dos anarquistas tremulavam⁴⁶. No período de 18 maio a 07 de junho, aproximadamente dez milhões de franceses declararam-se em greve geral. No dia 13 de maio cerca de um milhão e duzentos mil franceses marcharam pelas ruas em protesto contra o governo de Charles de Gaulle. Liderados por Daniel Cohn-Bendit, Alan Geismar e Jacques Sauvageot, que formavam a linha de frente da contestação, os estudantes colocavam em xeque o regime do general. Estudantes e trabalhadores não queriam apenas os seus direitos, ou um novo conjunto de benefícios e privilégios, buscavam uma nova sociedade. Para tanto bradavam frases como “Governo do povo” ou de protesto “Todo poder à imaginação”, “Seja realista. Peça o impossível” (GOFFMAN e JOY, 2007, p. 313).

Uma parte integrante da revolucionária Paris de Maio de 1968 era a propaganda inscrita e desenhada em muros e paredes. Tornando-se uma atividade de massa como parte da auto-expressão da Revolução. Os muros do Quartier Latin se transformam assim num depositário “de uma nova racionalidade”, (SOLIDARITY, 2003) não mais confinada nos livros, mas sim democraticamente exposta no nível da rua e tornada disponível a todos. “O trivial e o profundo, o tradicional e o exótico, o convívio íntimo nessa nova fraternidade, quebrando rapidamente as rígidas barreiras e divisões na cabeça das pessoas” (ibid.,id.).

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/secXX.html>> Acesso: 17 dez. 2007.

⁴⁵ Disponível em: <www.ebooksbrasil.org/adobeebook/maio68.pdf> Acesso: 12 nov. 2007.

⁴⁶ Fonte de consulta: <www.memorial.rs.gov.br/cadernos/1968.pdf> Acesso: 15 nov.2009.

Várias frases podiam ser lidas nos muros e paredes tal como descritas no texto do grupo inglês Solidarity em junho de 1968⁴⁷: “Désobéir d’abord: alors écris sur les murs (Loi du 10 Mai 1968)”; “Si tout le peuple faisait comme nous”. Alguns eram mais diretos, precisos e mais ortodoxos: “Libérez nos camarades”, “Fouchet, Grimaud, demission”, “A bas l’État policier”, “Greve Générale Lundi”, “Travailleurs, étudiants, solidaires”, “Vive les Conseils Ouvriers”. Outros refletiam novas preocupações: “La publicité te manipule”, “Examens = hiérarchie”, “L’art est mort, ne consommez pas son cadavre”, “A bas la société de consommation”, “Debout les damnés de Nanterre”. O slogan “Baisses-toi et broute” é obviamente direcionado àquelas pessoas mais conservadoras. “Contre la fermentation groupusculaire”, queixa-se uma grande inscrição fora de compasso. Em todos os lugares há uma profusão de cartazes e periódicos colados: “Voix Ouvrière”; “Avant-Garde e Révoltes” (dos trotskistas); “Ser-vir le Peuple Humanité Nouvelle” (dos devotos do líder Mao); “Le Libéraire” (dos anarquistas); “Tribune Socialiste” (do PSU – Parti Socialiste Unifié). Até mesmo estranhas edições del’Humanité estão coladas. É difícil lê-las, de tão cobertas que estão por comentários críticos.

Já os Situacionistas, difundiam slogans para serem divulgados por todos os meios: panfletos, falando em microfones, tiras de quadrinhos, músicas, grafite, falando em auditórios, durante filmes, balões nos quadros de aviso do metrô, antes de fazer amor, após fazer amor, no elevador, cada vez que você levantar seu copo em um bar. “Ocupe as fábricas”; “Acabe com a sociedade de classe”; “Acabe com a alienação”; “A humanidade só será livre quando o último burocrata for enforcado nas tripas do último capitalista”; “Morte aos policiais”; “Acabe com a universidade” (SITUACIONISTAS, 2002, p.134).

Não demorou para o Estado abrir o processo de negociações. A classe trabalhadora, que não era mais tão alienada e tendo participado do movimento, acabou rendendo-se e aceitando acordos com o governo, acordos esses responsáveis pela queda considerável dos lucros dos chamados 30 anos gloriosos, em função das conquistas, como aumento de salário, redução da jornada de trabalho, etc. (MONTEIRO, 2007, online). Quando o movimento se estendeu para classe trabalhadora, o governo compreendeu que estava enfrentando uma revolução em potencial (TARROW, 2009, p.239). A primeira tarefa do governo foi resistir a tentação de reprimir brutalmente as manifestações; o modo como a polícia enfrentaria os protestos na

⁴⁷ Disponível em: <www.ebooksbrasil.org/adobeebook/maio68.pdf> Acesso: 12 nov. 2007.

França marcou 1968. Separar a classe operária de seus novos aliados e ativar a economia foi a segunda tarefa do governo. A política do Primeiro Ministro Georges Pompidou negociou espetaculares aumentos salariais com os sindicatos para isolar os estudantes em seus redutos universitários. “O objetivo final era amedrontar a classe média com a iminência de uma revolução, o que De Gaulle conseguiu com a ameaça de recorrer ao exército e uma contramanifestação massiva de seus seguidores” (TARROW, 2009, p.239). Quando os partidos de esquerda anunciaram sua disposição para formar um governo, De Gaulle encontrou a oportunidade que precisava. A Assembléia Nacional foi dissolvida, a oposição sofreu uma incontestável derrota e os gaullistas e seus aliados regressaram ao poder com uma maioria esmagadora.

Tarrow relembra que nos meses posteriores as eleições de junho, as exigências por mudanças educacionais, que haviam sido reclamadas em Maio, foram reduzidas – não sem oposição – a uma grande lei de reforma, a Loi d’orientation. Um novo Ministro da Educação, com tendências esquerdistas, Edgar Faure, recebeu carta branca para articular a educação superior em torno da participação, da multidisciplinaridade e da autonomia das universidades (ibid.,id., p.240). Uma troca de tamanha relevância não poderia ter acontecido na rígida estrutura educacional francesa sem o impulso desse grande terremoto político.

Mesmo com a influência dos estudantes reduzida e apesar da truculência nos confrontos, os atos de rua eram marcados por uma enorme energia libidinal: beijos, cantos, corridas, abraços e palavras expressavam, como no lema “tudo já” (MONTEIRO, 2007, online), a face de mudanças ambicionadas nos costumes. Este era o ponto essencial, a discussão estava para além do que os sistemas conhecidos podiam oferecer. Seguindo contra o modelo soviético, o imaginário da revolução cultural, liderada por Mao-Tsé-Tung, iria ser construído na Europa a partir de sua proposta básica: construir o socialismo como uma nova forma de viver. Perspectiva essa que se torna a grande referência nas discussões das mentes envolvidas no processo francês de 68 (ibid.,id.).

Este breve e inquietante retorno ao passado serviu para apontarmos que o ano de 1968 tornou-se um ano mítico, o ponto de partida para uma série de transformações que afetaram tanto o campo da política, como o comportamental, sexual e ético de uma forma irreversível. Naquele momento, como lembra Johnatan Monteiro (2007), alcançou-se uma liberdade plena de mentes e corpos que até hoje nem a democracia burguesa nem a revolução socialista

proporcionaram. A partir de 68 o autoritarismo, baseado na moral religiosa e na tradição, jamais seria aceito de forma inquestionável. Como enfatiza Deleuze, tomando como base o pensamento de Nietzsche, Maio de 68 foi como um “tempo intempestivo, por ter sido a manifestação em estado puro, a irrupção de um devir em estado puro” em oposição à história que somente designa o conjunto das condições (DELEUZE, 2000, p.210). O devir não é a história e a única oportunidade dos homens está no devir revolucionário, “o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável” (ibid., id.).

Também neste período, a importância do impacto da televisão sobre os movimentos sociais começava a ser observado por estudiosos. Sidney Tarrow aponta que as imagens simultâneas das manifestações estudantis pelo mundo ocidental em 1968, muitas com os mesmos slogans e formatos de ação, em parte foi resultado da televisão (TARROW, 2009, p. 167). Por outro lado, cabe ressaltar, novamente, que se a função da mídia é vender notícia seguindo a lógica da fábrica de notícias, iniciava-se, simultaneamente, uma clara rejeição aos processos de manipulação da opinião pública pela mídia que, funcionando como um aparelho ideológico incutia os valores do capitalismo e repudiava o socialismo. Desta forma, podemos argumentar que a década de 60 foi marcada pelo crescimento dos meios de comunicação e estes, por sua vez, eram interpretados como instrumentos de persuasão, dominação e considerados como um meio alienante das massas⁴⁸.

Manuel Castells nos lembra que os meios de comunicação de massa estruturados em torno da televisão, já foram analisados em seus pormenores (CASTELLS, 2003, p.415). Entretanto, um sistema dominado pela TV, que pode ser também interpretado como grande mídia - tem como característica principal a distribuição de uma mensagem similar para milhões de receptores com um conteúdo e um formato de mensagens personalizadas para um denominador comum. Esta estratégia foi utilizada pelas TVs privadas dos Estados Unidos, berço deste veículo de comunicação. Para maior parte do mundo,

(...) dominada pela televisão governamental até pelo menos os anos 80, o padrão era o mais baixo denominador comum na cabeça dos burocratas no controle da transmissão, embora a importância dos índices de audiência fosse cada vez maior (CASTELLS, 2003, p.416).

⁴⁸ Este tema foi desenvolvido no artigo publicado e pode ser lido em Cavalcanti e Schieck (2008).

Em ambos os casos, a audiência era considerada em geral homogênea ou possível de ser homogeneizada. O conceito cultura de massa, que surge a partir da sociedade de massa, “foi uma expressão direta do sistema de mídia resultante do controle da nova tecnologia de comunicação eletrônica exercido por governos e oligopólios empresariais” (CASTELLS, 2003, p.417).

No capítulo anterior desenvolvemos, mesmo que brevemente, como os meios de comunicação de massa podem ser um importante elemento para distribuição da informação dos movimentos sociais, entretanto, sublinhamos que a mídia não é neutra e que seu principal interesse é vender notícia. Entendemos que resolver esta problemática demandaria, conseqüentemente, uma abordagem mais ampla que nos levaria para uma série de outras discussões, entre as quais, o poder de manipulação dos interesses econômicos e políticos exercidos pelos meios de comunicação, essencialmente a TV. Como nosso principal foco são as atuais tecnologias informacionais de comunicação - como veremos nos capítulos a seguir - seguiremos com a hipótese que os tradicionais meios de comunicação possuem a modalidade de veículos de mão única cujo objetivo final é vender notícia acatando, deste modo, interesses econômicos e políticos.

Sigamos então na linha do tempo analisando a ação política como um duplo devir, ou seja, a criação de um possível e sua efetuação que se confronta com os valores dominantes. Como nos revela Lazzarato, é aqui que se introduz o conflito com aquilo que já existe. As novas possibilidades de vida entram em choque com os poderes organizados e constituídos, “mas também com aquilo que estes mesmo poderes tentam organizar a partir da abertura constituinte⁴⁹” (LAZZARATO, 2006, p.13).

⁴⁹ Lazzarato, a luz de Antonio Negri, explica que a democracia foi dotada do dispositivo do poder constituinte para fazer face às situações excepcionais, às crises, ao acontecimento político. “Mas o poder constituinte entra ainda na categoria de exceção e de provisoriedade que deve limitá-lo no tempo. Só pode valer como um poder extraordinário” (LAZZARATO, 2006, p. 257).

2.6 - A imaginação no poder

No verão de 1967, os hippies foram celebrados pelos meios de comunicação de massa. O ano de 1977 foi do punk rock. Em 1997, a cibercultura se tornou hegemônica com a exploração das ponto.com. (E, claro, absolutamente nada aconteceu nos anos 1980).
Ken Goffman e Dan Joy

Nos Estados Unidos, espelho da consciência mundial naquele momento, 1967 teria sido considerado um ano cultural enquanto 1968 um ano essencialmente político, com a radicalização dos movimentos de resistência dos estudantes e dos negros; a conflagração histórica nas ruas de Paris no mês de maio, e a Primavera de Praga⁵⁰ no Leste Europeu. Numa só corrente, cultura e política se juntariam em 1969 (MUGGIATI, 2010) marcando a história com a possibilidade da concretização do poder jovem.

Nos anos 1968-1969 o clima de tumulto nas ruas não se limitava somente aos Estados Unidos e a França, praticamente todos os países da Europa Ocidental, bem como o México, Japão e a comunista Tchecoslováquia, era possível assistir grandes revoltas de jovens radicais cabeludos, maconheiros e roqueiros (GOFFMAN e JOY, 2007, p. 319). Até mesmo a Revolução Cultural de Mao Tsé-Tung utilizou os jovens para aterrorizar os velhos burocratas e qualquer um ainda encantado com as velhas formas culturais chinesas.

A militância hip de esquerda nos Estados Unidos estava se tornando mais ativa nas ruas. Por todas as cidades jornais alternativos que “costumavam se preocupar com o rock, drogas, sexo, paz, amor e filosofia mística” (ibid.,id.) passaram a publicar ensinamentos de como preparar coquetéis molotov e fotografias de freaks armados. Seguindo o slogan “Amor Armado”, era a hora da revolução, como cantou Mick Jagger. Apesar da ambiguidade nas letras das músicas dos Rolling Stones, a esquerda freak se iludia com a crença de que uma verdadeira revolução aconteceria na próxima esquina.

⁵⁰ Não temos a pretensão de minimizar a importância ou mesmo ignorar o movimento do Partido Comunista da Tchecoslováquia, conhecido como Primavera de Praga. Nossa opção por não abordar tal movimento de forma mais abrangente, diz respeito somente ao fato dele ter sido encabeçado por um grupo de intelectuais comunistas, representados pelo Secretário-geral do Partido, Alexander Dubcek. Entendemos que as propostas de reformas políticas que visavam a ampliação dos direitos civis, as liberdades individuais e de imprensa, mesmo que defendida pelos jovens, estavam vinculadas as diretrizes de um bloco comunista que assumiu o governo. Como visto até agora, nossa proposta primeira foi apontar movimentos voltados para uma perspectiva de mudança social desvinculado de estruturas partidárias.

Goffman e Joy recordam que, para os radicais brancos, isso realmente era apenas a extensão da mesma busca de sentido que tinha guiado suas contraculturas na primeira metade da década. A disposição para lutar contra as forças hegemônicas, que tinham se tornado mais hostis no governo Richard Nixon, levou esses radicais a romantizarem como símbolos do sucesso revolucionário os revolucionários do Terceiro Mundo – Fidel Castro, Ho Chi Minh, o Camarada Mao e, acima de todos, o belo e cabeludo Che Guevara (ibid.,id., p.320). Poéticos e visionários em sua expressão pública, suas medidas coercitivas eram motivadas para atingir a perfeita utopia comunista.

Grandes volumes de drogas psicodélicas apenas fizeram os esquerdistas freaks se enxergarem como os mais legais guerreiros primitivos defendendo os ritmos naturais e espontâneos da vida autêntica contra os mais malvados opressores. Em seu manifesto, os radicais freak do Partido Panteras Brancas, baseado em Ann Arbor, Michigan, alardeavam: “[...] nosso programa de rock and roll, bagulho e trepada nas ruas é um programa de liberdade total para todo mundo. Nós respiramos revolução. Nós somos completos maníacos movidos a LSD no universo” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.320).

No meio de toda essa intensidade, existiam as correntes mais leves. Robert Crumb e Gilbert Shelton⁵¹ faziam um humor corrosivo com todos em seus quadrinhos alternativos. O filme ‘Submarino Amarelo’, dos Beatles, no qual o mundo multicolorido do povo alegre e musical de Pepperland era atacado e transformado em preto e branco pelos tristes ‘Blue Meanies’ até ser salvo por John Lennon e companhia ao som de ‘All You Need is Love’ tinha um número de fãs muito maior que os Panteras Brancas.

Paralelo a esses movimentos, ao norte da Califórnia, Huey Newton, Eldridge Cleaver e Bobby Seale, fundavam o ‘Partido Panteras Negras para Autodefesa’ a fim de enfrentar uma repressão mais violenta e uma realidade mais dura que os garotos brancos sequer podiam imaginar em provocar. Newton estava solto sob fiança por estar enfrentando uma acusação de assassinato pela troca de tiros com um policial de Oakland. Cleaver também tinha se envolvido em um tiroteio com a polícia na mesma cidade e Seale foi confinado e silenciado pelo “Juiz Julius Hoffman no julgamento dos Oito de Chicago” (GOFFMAN e JOY, 2007, p. 321), no qual sete radicais brancos, incluindo Tom Hayden, Abbie Hoffman e Jerry Rubin,

⁵¹ A título de curiosidade, os dois cartunistas, ícones da contracultura, participaram da Festa Literária Internacional de Paraty – FLIP em 2010.

além de Seale, foram julgados por provocarem tumulto na Convenção Nacional Democrata de Chicago em 1968.

John Edgar Hoover, o então chefe do FBI, tinha como meta e grande obsessão impedir o crescimento da liderança política negra se concentrando em acabar com os Panteras Negras, que tinham se tornado heróis populares dos negros dos guetos (ibid.,id., p.322). A maior parte do esforço do programa COINTELPRO do FBI era dirigido contra o Partido, infiltrando agentes para tentar levá-los a participar de atos violentos ilegais; cartas falsas eram enviadas de um membro do Partido para outro a fim de provocar lutas internas. Dezenas de membros foram enquadrados e dois, Fred Hampton e Mark Clark, foram mortos a sangue-frio pela polícia de Chicago. Só em 1969, vinte e cinco membros dos Panteras foram mortos (WOOD E RAJGURU, 2009, online⁵²).

Fred Hampton, líder do Partido Panteras Negras de Chicago, se tornou uma grande ameaça por ser, particularmente, amado por sua comunidade. Inspirado pelos diggers, sua postura militante era construtiva, elaborando um conjunto de programas que visavam atender as necessidades da vizinhança. Dos mais destacados programas comunitários estavam o café da manhã grátis para crianças em idade escolar como também a distribuição gratuita de sapatos e as clínicas médicas (ibid.,id.).

Por outro lado, os líderes do dominante diretório de Oakland, estavam encantados com o exagero retórico da esquerda freak. “Na verdade, os Panteras Negras de Oakland eram em grande medida parte do triângulo contracultural da Bay Area, que incluía os freaks radicais de São Francisco e os radicais de Bekerley” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.323). Eldridge Cleaver, editor de uma revista da esquerda branca hip, ‘Ramparts’, se juntou ao Partido e ofereceu uma aliança com os yippies⁵³. Eles se reuniram e, movidos ao consumo de muita droga, produziram um manifesto chamado ‘Viagem Pantera-Yippie’:

⁵² Disponível: <<http://www.scribd.com/doc/22588999/Partido-Panteras-Negras-Pela-Auto-Defesa#>> Acesso: 20 set. 2010.

⁵³ Os membros do Partido Internacional da Juventude eram denominados yippies e foram considerados os mais radicais da juventude contracultural rumo a liberdade de expressão e aos movimentos anti-guerra dos anos 1960. Fundado em 31 de dezembro de 1967 por Abbie Hoffman, Anita Hoffman, Jerry Rubin, Nancy Kurshan, e Paul Krassner o Partido não levava em conta a hierarquia e uma filiação formal. Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/Youth_International_Party> Acesso: 22 out. 2010.

Às ruas! Vamos nos juntar a todas aquelas almas de Babilônia que estão lutando pelo nascimento de um novo dia. Uma geração revolucionária entrou em cena. (...) Jovens brancos desencantados e alienados, os hippies, os yippies e todos os dropouts sem nome do fardo da cultura branca são aliados nesta causa (GOFFMAN e JOY, 2007, p.323).

Assim, a maioria dos membros da esquerda freak logo decidiu que o Partido Panteras Negras era a vanguarda da revolução. Jovens universitários, embora vissem a contracultura radical freak com certa apreensão, começaram a se encaminhar cada vez mais para esquerda. A condenação dos sete de Chicago deflagrou centenas de conflitos em vários campi universitários. Mas, ao invés de reunirem forças suficientes para produzir uma mudança social, os radicais políticos que possuíam a capacidade de liderar o movimento tinham surtado, delirando que estavam “no limiar de uma revolução armada contra o governo mais poderoso e mais bem armado da história da humanidade” (GOFFMAN E JOY, 2007, p.324).

Esta postura autodestrutiva da liderança da Nova Esquerda prevaleceu até a convenção nacional do SDS - Student for a Democratic Society em junho de 1969. Três facções agitavam o livro vermelho de Mao umas para as outras e lutavam para controlar a organização. Um grupo, administrado pela organização nacional e apoiado pelos Panteras Negras, decidiu abandonar o SDS passando a se chamar RYM - Revolutionary Youth Movement. Outra facção, espertamente denominada RYM II, mergulhou na obscuridade (ibid., id.) depois da utilização de um slogan hostil voltado contra seus colegas brancos. O terceiro grupo, de uma corrente bastante rígida chamada Partido Trabalhista Progressista, acabou conquistando a liderança do SDS, mas mergulhou em total obscuridade. O SDS estava morto.

As divisões na contracultura política aumentaram muito quando as mulheres resolveram ser rebelar contra os homens. Na cultura da Nova Esquerda, ao longo de toda década de 60, a maioria das mulheres eram tratadas como cidadãs de segunda classe, afastadas das discussões para tomada de decisões, relegadas a preparar café e mimeografar panfletos, “enquanto os homens assumiam as glamorosas e machistas posições públicas” (ibid.,id.). Na cultura hippie a divisão do trabalho doméstico entre os sexos tendia a seguir as linhas tradicionais, e os líderes reconhecidos eram exclusivamente homens.

Em 1969 as mulheres se rebelaram utilizando as táticas que os radicais freak tinham usado contra os homens. Escritórios dos movimentos e jornais alternativos como Rat foram ocupados e os editores homens foram classificados como porcos. Alguns homens,

considerados esquerdistas honestos, perceberam que as mulheres estavam certas e se mexeram para corrigir o desequilíbrio. “Mas nada parecia deter o fluxo de ódio” (GOFFMAN E JOY, 2007, p.325) e, como tinha acontecido com os ativistas negros em meados da década de 60, a vanguarda do movimento das mulheres exigiu a completa separação dos homens da Nova Esquerda. Deste modo, muitas mulheres romperam seus relacionamentos e casamentos e passaram a viver em um mundo unicamente feminino. Algumas teóricas femininas declararam que a “sexualidade masculina era, em essência, estupro imperialista – o pênis, um implemento penetrante, invadia o corpo das mulheres e as colonizava por intermédio da gravidez” (ibid.,id.).

Se antes já era difícil promover uma revolução contra o maior império do planeta, agora não seria mais fácil com metade do movimento em guerra contra outra metade. Além disso, o que mais atraiu as pessoas para o movimento ao longo dos anos 60 era que aquele era um dos poucos espaços da cultura americana onde as pessoas não eram tensas com relação a sexualidade (ibid.,id.p.328). A medida que persistia a hostilidade feminista contra a sexualidade masculina, a esquerda se tornou um dos poucos espaços em que as pessoas eram tensas com relação a sexualidade.

Enquanto isso, na Inglaterra, os defensores de um novo mundo também estavam brigando entre si. Os Beatles estavam entrando em colapso. Segundo a história popular, a crescente rivalidade entre Paul McCartney e John Lennon levou a separação dos Beatles: “Paul queria dominar a banda, John afastava Paul e os outros devido ao seu intenso amor por Yoko Ono” (GILMORE, 2010, p.151) ou ainda que os quatro não teriam mais interesses artísticos em comum, nem precisavam mais uns dos outros. John foi o primeiro a deixar a banda, mas foi persuadido a não anunciar sua decisão antes do lançamento do último disco. John ficou furioso quando Paul foi mais rápido e soltou, na véspera do lançamento do ‘Let It Be’, um comunicado anunciando seu primeiro álbum solo e o fim dos Beatles (ibid.,id.). John foi para os Estados Unidos e se juntou aos yippies. George saiu em busca de gurus espirituais. Paul voltou para a natureza. E Ringo caiu na vida como se não houvesse amanhã (GOFFMAN e JOY, 2007, p.328). Mesmo com os diferentes caminhos escolhidos por eles, a separação não deixava de ser um reflexo das divergências na contracultura a medida que década de 60 dava lugar aos anos 70.

2.7 - Três dias de paz e música

Quando a lua estiver na sétima casa
E júpiter alinhar-se com o marte
Então a paz guiará os planetas
E o amor dirigirá as estrelas.
Aquarius - Hair

Enquanto a cultura jovem de vanguarda se preparava para mergulhar numa fantasia revolucionária, garotos em massa mostravam para o mundo que ainda estavam bem quando superlotaram um campo nas cercanias de Woodstock, Nova York, para três dias de paz e música (GOFFMAN e JOY, 2007, p.329).

Em meados de julho de 1969, Middletown, Nova York, seria a primeira cidade escolhida para sediar o Woodstock Music & Art Fair, mas logo declarou que o festival não era bem-vindo na região. A Woodstock Ventures achou outra área, mas foi expulsa novamente. Finalmente o produtor de leite, Max Yasgur, da pequena cidade de Bethel, permitiu que o evento fosse realizado na sua fazenda (GILMORE, 2010, p.16). Entretanto, alguns habitantes quase conseguiram impedir a realização do Festival distribuindo cartazes que diziam: “Parem o Festival hippie do Max. Nada de 150 mil hippies por aqui. Não comprem leite”. Seu filho, Sam Yasgur, lembra que seu pai também não gostava do visual dos hippies, mas não achava que isso era importante. O importante para meu pai revela Sam:

é que eles estavam protestando contra guerra e milhares de soldados haviam morrido para que aqueles jovens pudessem fazer exatamente o que estavam fazendo, e essa era a essência da América. Dali em diante, ele ganhou respeito (FORNATALE, 2009, p. 252).

Mesmo com Max Yasgur dando esta chance, as coisas não melhoraram quando os promotores do evento descobriram que seus esforços para contratar policiais de folga do departamento de polícia de Nova York tinham sido sabotados pelos oficiais daquele departamento. Afinal, não queriam ser vistos como defensores de um grandioso evento em que as drogas, o sexo livre e vários tipos de protesto iriam com certeza acontecer (GILMORE, 2010, p.16).

Ultrapassada todas as barreiras, quando o Festival finalmente começou no final de semana de 15 a 17 de agosto de 1969, as rodovias do estado de Nova York tiveram que ser fechadas devido ao número de jovens, em sua maioria, que se encaminhavam para Bethel. A organização tinha conseguido vender 65 mil ingressos antecipados na expectativa de alcançar

a marca de 100 mil ou mais no dia, entretanto, o que se viu era algo em torno de 500 mil pessoas se dirigindo para fazenda de Max Yasgur. Os organizadores, Michael Lang e John Roberts, utilizando rádios locais, tentaram dissuadir as pessoas a não se encaminharem para o local. Era tarde. Centenas de milhares de pessoas permaneceram nas estradas de Nova York e o congestionamento se estendeu por 16 quilômetros em torno do local (ibid.,id.). Devido a essa inusitada situação, não restou aos organizadores outra alternativa a não ser transformar Woodstock em um evento gratuito. A probabilidade do prejuízo seria amenizada diante da possibilidade de um desastre humano em larga escala. A preocupação agora era com o estoque de comida acabar, as possibilidades de briga, os perigos com a saúde e a segurança caso o tempo piorasse, e foi o que aconteceu, choveu muito. John Roberts, em entrevista a um jornal declarou na época: “embora o tema oficial do Festival fosse “três dias de paz e música”, tudo estava se tornando assustador” (GILMORE, 2010, p.16).

Contudo, logo se tornou evidente que a festa tinha um tom pacífico, com todos se tratando com gentileza mútua. Até mesmo o exército dos Estados Unidos colaborou distribuindo comida e suprimentos para que as pessoas “que rolavam nuas na lama doidas de ácido pudessem comer, beber e ter remédios” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.330). Por um breve momento uma vibração boa deu o tom, os meios de comunicação de massa deram uma trégua quanto a transgressão das leis contra as drogas para louvar os quase meio milhão de jovens que estavam felizes e em paz apesar da chuva e da comida insuficiente⁵⁴.

Interessante notar, no relato de Pete Fornatale, que os repórteres destacados para cobertura do evento ficaram furiosos com os executivos do jornal que, do conforto do escritório, faziam julgamentos equivocados sobre o que eles tentavam comunicar em suas reportagens. John Morris, gerente de produção do Festival, conta que os repórteres chegaram a sala do diretor do New York Times e pediram demissão por conta de um editorial que difamava Woodstock, distorcendo-o, chamando de sujo e enlameado. “O que estamos contando e as informações que estamos mandando para todo mundo são muito diferentes do teor do editorial, por esse motivo não queremos mais trabalhar para o jornal”, diziam os repórteres (FORNATALE, 2009, p. 16). No dia seguinte o editorial foi modificado e, segundo Fornatale, o New York Times que até então não se retratava em editoriais, retratou-se.

⁵⁴ Este cenário nos faz recordar do filme de Ang Lee, *‘Taking Woodstock’*, de 2009.

Enquanto a imprensa tradicional atacava as inadequações de Woodstock, a população relâmpago do Festival reunida naquele final de semana conviveu muito bem, sustentada por alguns excepcionais valores partilhados, incluindo sua total confiança na energia da música (GILMORE, 2010, p.17). Reunidos ali para uma demonstração cultural de força e para celebrar uma música capaz de mudar a vida das pessoas, “emitiu ondas de choque do Norte de Nova York para o restante do país, mesmo nos estágios ainda primitivos da aldeia global” (FORNATALE, 2009, p.08). Afinal, o encontro de aproximadamente meio milhão de pessoas num só lugar está destinado a chamar a atenção, seja por qual for o motivo.

Formando uma comunidade organizada, definiram seu lugar na história por ter se tornado um manifesto, um símbolo das mudanças que borbulharam na primeira metade e transbordaram durante a segunda metade dos anos 60 nos Estados Unidos (ibid., id.). Apesar de num primeiro momento tudo ter dado errado, no final deu tudo certo. Não houve tumultos, apesar do excessivo consumo de drogas e de novas descobertas sexuais. Embalados ao som de Jefferson Airplane, The Who, Jimmy Hendrix, Janes Joplin, Joe Coker, Joan Baez⁵⁵ e de todos os grandes nomes do rock da época, o Festival tornou-se o marco da contracultura, da força jovem e da liberdade. Mesmo com muitas das histórias já contadas, umas se contradizendo outras confusas, torna-se impossível não recordar aquela manhã de segunda-feira, quando Jimi Hendrix tocou sua última nota do Hino Nacional Americano na fazenda de Max Yasgur.

Ou ainda como retrata a crítica de rock dos anos 60/70, Ellen Sander:

Era um contraponto entre trauma e celebração, e acho que ninguém jamais saberá a resposta para o mistério de Woodstock não ter mergulhado no caos e na violência – porque todos os elementos estavam presentes, mas em vez disso foi um evento muito pacífico. Na hora, a gente sentia que era uma espécie de destino, que aquele seria um tipo de caminho para o futuro – de cooperação pacífica, de espírito de comunidade, tribalismo, essas coisas... Não saiu da maneira que queríamos [risos], mas pelo menos naquele fim de semana, nós tivemos. E havia um sentimento de estar no controle, de que Woodstock era o resultado de uma mente coletiva” (FORNATALE, 2009, p.203).

Depois de mais de quarenta anos, podemos pensar a longa trajetória da década de 60 como um período de contestação e rebelião. Inconformados com o mundo em que viviam, de amplo crescimento econômico e tecnológico, os jovens das sociedades mais desenvolvidas

⁵⁵ Disponível: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Woodstock>> Acesso: 03 ago. 2007.

contestavam contra todas as estruturas abraçando movimentos como o dos hippies, as manifestações contraculturais ou mesmo os movimentos estudantis. Pacíficos ou violentos, as propostas da esquerda tradicional já não representavam uma perspectiva aceitável por terem se transformado em partidos de ‘ordem’ presos que estavam nas malhas das sociedades tecnocráticas (PAES, 1997, p. 21-23). Para milhões de jovens a saída vislumbrada foi a busca de uma sociedade alternativa. Da recusa a cultura dominante e da crítica ao ‘sistema’, tal como se dizia na época, nasceram novos significados: um novo modo de pensar, de encarar o mundo e de se relacionar com as outras pessoas.

2.8 - O restabelecimento da ordem

And in the end /
the love you take /
is equal to the love you make.
Paul McCartney, The Beatles, 1969.

Nos períodos eleitorais dos anos de 1968 e 1972, o presidente Richard Nixon, fazia suas campanhas voltadas para restaurar a lei e a ordem. Apesar de dar continuidade a algumas iniciativas liberais dos governos de John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson, Nixon e seu sucessor, Gerald Ford, continuaram investindo num Estado forte e atuante (KARNAL et al., 2010, p.253). Mesmo com a esquerda hip enlouquecendo o Presidente Nixon e seus agentes.

As únicas pessoas que, provavelmente, levavam a sério a ameaça de “revolução” estavam no governo Nixon e nos vários órgãos responsáveis pelo cumprimento da lei (GOFFMAN e JOY, 2007, P.346). Quanto mais impopulares se tornavam as guerras no Vietnã, no Camboja e no Laos, mais o governo utilizava o FBI - Federal Bureau of Investigation, o DEA - Drug Enforcement Administration, o IRS - Internal Revenue Service e os seguranças pessoais do presidente Nixon para reprimir os radicais. No ano eleitoral de 1972 a maioria estava insatisfeita com a condução da guerra e a economia passava por uma séria recessão cujo ápice foi o aumento súbito do petróleo em 1973, que deflagrou uma crise econômica, com inflação, reestruturação industrial, causando transtornos as certezas econômicas do período pós-guerra. Nos anos seguintes, a renda dos trabalhadores diminuiu cerca de 2% e o poder aquisitivo ficou equiparado ao nível de 1961 (KARNAL et al., 2010, p.254).

Neste mesmo período o movimento pacifista tinha convencido o funcionário do Pentágono, Daniel Ellsberg, a divulgar através da imprensa todas as mentiras e os planos secretos da guerra do Vietnã. Após a convenção esquerdista democrata, em Miami, a campanha de Nixon se tornou obcecada em expor os subversivos na campanha presidencial de seu opositor George McGovern. A equipe secreta de arrombadores de Nixon “vasculhou o quartel-general democrata no complexo de escritórios e do hotel Watergate, em Washington, em busca de ligações entre homens de McGovern e Cuba” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.348) ou de outros indícios de extrema-esquerda que pudessem ser prejudiciais.

A cobertura do arrombamento de Watergate foi mínima, à medida que a campanha presidencial avançava. Assim que Nixon assegurou a eleição, um membro do governo passou a fornecer informações e dicas para os repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, do jornal Washington Post (ibid.,id. ⁵⁶).

Entre os Documentos do Pentágono, as audiências de Watergate e as audiências do Church Committee que aconteceram sobre o material revelado durante o Watergate, “uma leva de informações sobre hipocrisias conspiratórias, mentiras, violações de direitos e até assassinatos deixou claro ao povo americano que seu governo” (ibid., id.), o homem que haviam acabado de eleger com uma votação expressiva, tinha desprezo por ele. Num colapso lento e desajeitado, o governo Nixon caiu em 10 de agosto de 1974. A certeza na autoridade, principalmente na autoridade republicana conservadora, ficou abalada.

A crise também se instaurou nos movimentos sociais. Depois dos ganhos iniciais eles se desmobilizaram ou enfraqueceram em consequência das divisões internas e da retomada da repressão por parte das autoridades. Mesmo com todos os excessos de repressão e revolução, a década de 60 foi marcada por uma energia contracultural fantástica. Parecia que um empurrão na direção certa poderia derrubar todos os muros da prisão que a humanidade tinha construído: “no mundo material, no mundo das relações e nas mentes e corações de cada indivíduo” (ibid., id., p.335). Todos levavam suas liberdades ao limite deixando o desejo por mudanças reais prevalecer em detrimento da razão. Contudo, a reação a repressão externa se voltou para si mesma com um frenesi antiautoritário que, em alguns momentos, se tornavam autoritário pela intensidade de sua insistência.

⁵⁶ A título de curiosidade este caso foi retratado no filme “Todos os homens do Presidente”, dirigido por Alan J.Pakula.

O ideal da esquerda hip realmente era antiautoritário, conseguindo muitas vezes atingir o ideal anarquista. Com exceção de alguns poucos grupos, como os Panteras Negras, que se aliavam aos ideais leninistas acerca do comando de um Estado revolucionário centralizado liderado pela vanguarda, a esquerda hip não chegou a propor um sistema alternativo. Eles ofereciam oposição aos sistemas. “A visão central era a de que a “revolução” em si iria inspirar evoluções pessoais e coletivas em escala massiva” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.336). Os comportamentos que permitiram o funcionamento da sociedade sem um sistema de governo emergiram de forma espontânea – uma cooperação espontânea entre os indivíduos e grupos autônomos ligados em rede garantiu que as necessidades básicas humanas fossem asseguradas. Se o teatro, os caminhos psicodélicos para o crescimento pessoal, a participação democrática de base em comunas e coletivos, as orgias de rock and roll gratuitas e celebrações festivas produziram tal plenitude, porque as pessoas iriam desejar além de suas necessidades materiais básicas? O consumo e a propriedade de bens em excesso, de imagens da mídia, de atividades de lazer comercial simplesmente desapareceram. Goffman e Joy (2007) recordam que essa história ainda fascina muitos anarquistas, mas como ela nunca foi testada por um tempo razoavelmente longo nunca poderá ser desaprovada e permanecerá para sempre romântica (p.336).

Vista como consequência dos anos 60, a década de 70, costuma ser percebida como o abandono dos sonhos de paz e amor e da revolução anarco-comunal; as pessoas recuaram do limite, se tornaram frívolas, desistiram e se ligaram nos melosos sons de James Taylor e Carole King. Da capa da revista Time em 1967 que declarava a juventude como o ‘Homem do Ano’ até os sonhos de completa liberdade política e cultural do final dos anos 60, as “expectativas da geração baby boom como força de transformação se expandiram até o ponto de ruptura” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.339). A partir de 1972 ficou claro que a geração mais ligada de todas era composta por seres humanos comuns, egoístas e sem imaginação prontos para fazerem acordos com as circunstâncias do capitalismo e as habituais exigências da vida adulta, prontos a recuar e a se comprometer com o sistema. Entre aqueles que estavam na linha de frente da revolução contracultural, essas mudanças foram vistas com grande desapontamento.

A revolução não estava mais no ar, mas na sequência do caso Watergate em 1974, o antiautoritarismo ainda era presente. Alguns contraculturistas consideram a década como uma mistura peculiar de derrota e vitória parcial. Para um considerável conjunto de americanos de

todas as gerações, representou um ligeiro flerte com valores contraculturais, embora pobremente compreendidos ou manifestados (GOFFMAN e JOY, 2007, p.340). Ou ainda que a década de 1970 se desenvolveu na longa sombra projetada pela ideia de ‘Nação Woodstock’, e as formas contraculturais tendiam a ficar obcecadas em rejeitar ou tentar reviver essa herança. Dotada de pouca objetividade, essa época equivocadamente contracultural de massa facilmente daria lugar à coesiva revolução conservadora do presidente Ronald Reagan no início da década de 80. “E, claro, absolutamente nada aconteceu nos anos 1980” (ibid., id., p.261).

Enfim, depois deste longo e talvez cansativo retorno aos mais destacados movimentos sociais e contraculturais das décadas de 50/70, podemos apontar algumas considerações. Com a ajuda de Hardt e Negri, entendemos que o regime disciplinar e a perspectiva de conseguir um emprego que garantisse um trabalho regular e estável por oito horas diárias, a vida inteira, dentro de um regime regulado pela fábrica social, já não conseguia conter as necessidades e os desejos dos jovens (HARDT e NEGRI, 2001, p.294). As várias formas de contestação e experimentação social concentravam-se na recusa a valorização do programa fixo de produção material típica do regime disciplinar, suas fábricas em massa, e sua estrutura familiar nuclear. Ao invés disso, os movimentos valorizavam uma dinâmica de criatividade mais flexível e formas de produção que podem ser consideradas imateriais⁵⁷. A década de 60, observados sob a ótica dos segmentos políticos tradicionais, permitiu que florescesse várias formas de experimentação cultural que pareciam uma espécie de desvio das verdadeiras lutas políticas e econômicas, entretanto “a experimentação “meramente cultural” teve efeitos políticos e econômicos muito profundos” (ibid.,id., p.295).

O lema ‘on the road’ representava duas operações essenciais: a recusa ao regime disciplinar e a experimentação de novas formas de produtividade. A recusa se tornava evidente numa ampla variedade de disfarces que proliferou em milhares de práticas diárias.

Era o estudante universitário que experimentava LSD, em vez de procurar emprego; era a jovem que não queria casar e constituir família; era o “inepto” trabalhador afro-americano que se movia em ritmo de “CP” (colored people), rejeitando o trabalho de todas as maneiras possíveis (HARDT e NEGRI, 2001, p.295).

⁵⁷ André Gorz (2009, p.15) explica que o capitalismo moderno, centrado sobre a valorização de grandes massas de capital fixo material, é cada vez mais rapidamente substituído por um capitalismo pós-moderno centrado na valorização de um capital dito imaterial, qualificado também de “capital humano”, “capital conhecimento” ou “capital inteligência”.

O jovem que recusava a repetição da sociedade-fábrica acabou por inventar novas formas de mobilidade e flexibilidade traduzidos em novos estilos de vida. Os movimentos estudantis forçaram uma atribuição de alto valor social ao saber e ao trabalho intelectual; os movimentos feministas expuseram o conteúdo político das relações pessoais e disseram não a disciplina patriarcal elevando o valor social do que tradicionalmente era considerado trabalho de mulher, por envolver alto conteúdo de trabalho afetivo e diligente e por basear-se em serviços necessários à reprodução social. “Desta forma, todos os movimentos e toda a contracultura emergente acentuaram o valor social da cooperação, da comunicação, da mobilidade, da flexibilidade, do conhecimento e do afetivo” (HARDT e NEGRI, 2001, p.296).

As inúmeras transformações ocorridas a partir da metade do século XX, observadas aqui como um momento de ruptura com o quadro referencial existente e a inauguração de novos discursos, nos fez lembrar uma advertência feita por Michel Foucault quando no fim de sua vida anunciava que era necessário preservar o que se produziu nos anos 60 e no início dos anos 70 como uma forma de resguardar a existência de uma criação e de uma experimentação, de uma inovação política fora dos grandes partidos políticos. Por isso, alertava Foucault, não devemos somente nos defender, mas nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa. Essas mudanças estando atrelada a numerosos movimentos que surgiram e que transformaram nossas vidas, devem ser vistos como algo de muito importante e positivo, pois “não são as velhas organizações políticas tradicionais e normais que permitem esse exame” (FOUCAULT, 1984, online).

Maurizio Lazaratto, nos lembra que o ‘não’ endereçado ao poder não é mais o ponto de partida de uma luta dialética, mas a abertura de um devir. Dizer ‘não’ constitui uma mudança radical em relação à tradição do movimento operário, por ser uma forma mínima de resistência fora do eixo dialético conflito e luta. E esta resistência, como aponta o autor, “deve-se abrir a um processo de criação, de transformação da situação, de participação ativa nesse processo. Nisso consiste resistir, segundo Foucault” (LAZARATTO, 2006, p.21).

CAPÍTULO 3:

Sociedade da Informação

“[...] A informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico.”
Manuel Castells

Como vimos os movimentos da década de 60/70 trouxeram efeitos políticos e econômicos muito profundos. O movimento estudantil conquistou um alto valor social ao saber e ao trabalho intelectual, enquanto os movimentos feministas elevaram o valor social da mulher ao dizerem não a disciplina patriarcal. Todos os movimentos inventaram novas formas de mobilidade e flexibilidade que acabaram por manifestar novos estilos de vida. A experimentação de outros modos de vida, e de outras relações sociais nos interstícios de uma sociedade que se desagrega, serve para atacar e deslegitimar o controle que o capital exerce sobre os espíritos e os corpos (GORZ, 2009, p.71). Os desafios eram essencialmente culturais, pois o conflito cultural recobre na realidade desafios políticos. Os constrangimentos e os valores da sociedade capitalista deixam de ser percebidos como naturais, liberando os poderes da imaginação e do desejo.

Ao mesmo tempo em que alguns jovens demonstravam seu descontentamento com o regime disciplinar por não conseguirem mais conter suas necessidades e desejos, outros voltavam sua atenção para o potencial inerente dos equipamentos de informação e comunicação cultivando os ideais de liberdade. A cultura da excelência científica e do mundo acadêmico, juntos, produziu e moldou a internet, mas foi a cultura hacker que fortaleceu os limites internos da comunidade dos tecnologicamente iniciados e tornou a internet independente dos poderes existentes (CASTELLS, 2006, p.53). Para os hackers a capacidade de criar tecnologia e compartilhá-la com a comunidade são valores respeitados, sendo a liberdade, particularmente, um valor fundamental. A liberdade de acesso à sua tecnologia e a forma de usá-la como bem entendem.

A história do surgimento da internet já foi apontada por tantos estudiosos nos últimos tempos e, por isso, entendemos desnecessário partilharmos novamente outro relato completo. Todavia consideramos útil lembrarmos os principais acontecimentos relacionados ao seu

surgimento para levarmos adiante nossa análise sobre a apropriação das atuais tecnologias informacionais de comunicação pelos movimentos sociais contemporâneos. Especificamente, nesta parte da pesquisa, vamos retomar a história da criação e do desenvolvimento da internet com o objetivo de percebermos que a cooperação e a liberdade de informação podem ser mais propícias para inovação do que a competição e os direitos de propriedade. Deste modo, vamos analisar como a formação da internet coloca em relevo a capacidade das pessoas de “transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo” (CASTELLS, 2006, p.13).

A apropriação da capacidade de interconexão através das redes sociais de todos os tipos levou à formação de comunidades online que reinventaram a sociedade e, nesse processo, “expandiram espetacularmente a interconexão de computadores e seu alcance e em seus usos” (ibid.,id., p.54). Ou seja, ao invés de praticar a tecnologia pela tecnologia, as comunidades virtuais adotaram os valores tecnológicos e a crença dos hackers no valor da liberdade, da comunicação horizontal e da interconexão interativa e a levaram para sua vida social.

3.1 – Panorama da história da internet

Dois autores serviram de base para a construção deste capítulo: Howard Rheingold (1996) e Manuel Castells (2003 e 2006). Assim, vamos apontar desde a montagem da Arpanet na década de 60 até a explosão da world wide web na década de 1990, pois “sua história ajuda-nos a compreender os caminhos de sua futura produção da história” (CASTELLS, 2003, p.13).

Para tanto, voltamos ao lançamento do satélite artificial soviético Sputnik, em 1957, que diante do contexto da Guerra Fria e do temor de uma bomba nuclear, assustou e impulsionou os Estados Unidos a investir de forma mais eficaz no desenvolvimento tecnológico. O Departamento de Defesa dos EUA instituiu uma das mais inovadoras instituições de pesquisa do mundo: a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) com o objetivo específico de promover uma vanguarda tecnológica, inclusive, sendo autorizada a encontrar visionários com ideias arrojadas (RHEINGOLD,1996, p.95). Joseph Licklider, professor catedrático do Massachusetts Institute of Technology - MIT e de Harvard, foi contratado para organizar o Gabinete de Técnicas de Processamento da Informação da Agência e sugeriu que os

computadores, naquele tempo máquinas com enormes dimensões, fossem utilizados para melhorar a comunicação em si e fornecer melhores instrumentos de trabalho aos cientistas.

Robert Taylor e Ivan Sutherland, sucessores de Licklider, sabiam da existência de uma subcultura formada por programadores geniais nos laboratórios do MIT e de outros jovens espalhados que queriam reinventar a informática. Esses jovens são tidos como os primeiros hackers, como veremos adiante. Quando a Arpanet foi estabelecida como um pequeno programa, durante os anos 60, vinculou-se ao MIT e passaram a se concentrar no time-sharing, um processo pelo qual vários indivíduos interagem diretamente com um computador central através de terminais (RHEINGOLD,1996, p.96). O correio eletrônico foi umas das primeiras funções a serem incorporadas aos novos sistemas time-sharing. Não tardou para a Arpanet se conectar com outras redes de computadores, inclusive pelas redes de comunicação que a ARPA estava administrando, a PRNET e a SATNET. Isso acabou por introduzir um novo conceito: uma rede de redes (CASTELLS, 2006, p.14).

Em 1973, dois cientistas da computação, Robert Kahn, da Arpa e Vint Cerf, da Universidade de Stanford, escreveram um artigo delineando a arquitetura básica da internet baseado nos esforços do Network Working Group, um grupo técnico cooperativo formado na década de 1960 por representantes dos vários centros de computação ligados pela Arpanet. Para que pudessem falar umas com as outras, as redes de computadores precisavam de protocolos de comunicação padronizados. Em grande parte isso foi conseguido num Seminário em Stanford por um grupo liderado por Vint Cerf, Gerard Lelann (do grupo de pesquisa francês Cyclades) e Robert Metcalfe, da Xerox PARC, com o projeto do protocolo de controle de transmissão, o TCP (ibid.,id.). Em 1978, Cerf, Postel e Crocker, trabalhando na Universidade da Califórnia do Sul, dividiram o TCP em duas partes, acrescentando um protocolo intra-rede, o IP, o que gerou o protocolo TCP/IP⁵⁸, o padrão segundo o qual a internet continua operando até hoje. A Arpanet, no entanto, continuou operando por algum tempo com um protocolo diferente, o NCP.

Numa certa altura, tornou-se difícil separar a pesquisa voltada para fins militares das comunicações científicas e das conversas pessoais (CASTELLS, 2003, p.83). Em 1975, a

⁵⁸ Os protocolos para internet formam o grupo de protocolos de comunicação que implementam a pilha de protocolos sobre a qual a internet e a maioria das redes comerciais funcionam.

Arpanet foi transferida para a Defense Communication Agency (DCA) a fim de tornar a comunicação por computador disponível para os diferentes ramos das forças armadas criando uma conexão entre várias redes sob seu controle. Ao operar com o protocolo TCP/IP, estabeleceu-se a chamada Defense Data Network. Em 1983, o Departamento de Defesa, preocupado com possíveis brechas de segurança, resolveu criar a MILNET, uma rede independente para usos especificamente militares (CASTELLS, 2006, p.15; RHEINGOLD, 1996, p.107). A Arpanet tornou-se a ARPA-INTERNET e dedicou-se a pesquisa. Um ano depois, a National Science Foundation (NSF) montou sua própria rede de comunicações entre computadores, a NSFNET, e em 1988 começou a usar a ARPA-INTERNET como seu backbone⁵⁹. Durante os anos 80 a rede das redes se formou em torno da chamada ARPA-INTERNET que depois passou a se chamar INTERNET, ainda sustentada pelo Departamento de Defesa e operada pela National Science Foundation.

Tornando-se tecnologicamente obsoleta no início dos anos 90, a ARPANET encerrou suas atividades. Dali em diante, tendo libertado a internet de seu ambiente militar, o governo dos EUA confiou sua administração à National Science Foundation. Contudo o controle da NSF sobre a Net durou pouco, as pressões comerciais, “o crescimento de redes de empresas privadas e de redes cooperativas sem fins lucrativos levaram ao encerramento dessa última espinha dorsal operada pelo governo em abril de 1995” (CASTELLS, 2003, p.83). Abriu-se, assim, o caminho para a privatização total da internet, quando inúmeras ramificações comerciais das redes regionais da NSF uniram forças para formar acordos colaborativos entre redes privadas.

Uma vez privatizada, a internet não contava com nenhuma autoridade supervisora. Várias instituições e mecanismos improvisados, criados durante seu desenvolvimento, assumiram alguma responsabilidade informacional pela coordenação das configurações técnicas e pela corretagem de contagem de atribuição de endereços da internet. A partir de então, a internet cresceu rapidamente como uma rede global de redes de computadores. Sem dúvida o que tornou isso possível foi o projeto original da Arpanet, mas não foi só ela que viabilizou a internet tal como a conhecemos. Seu formato atual é também o resultado de uma

⁵⁹ Tida como a "espinha dorsal", o backbone é uma rede principal por onde passam os dados dos clientes da internet. Por ser a rede principal, captura e transmite informações de várias redes menores que se conectam a ele. Quando o usuário envia um e-mail, por exemplo, essa informação vai de sua rede local para o backbone e, então, é encaminhada até a rede de destino. O backbone pode ser comparado a uma grande estrada. Durante toda a sua extensão há entradas e saídas para diversas cidades, que seriam essas redes de menor porte.

tradição de base de formação de redes de computadores (CASTELLS, 2006, p.15). Um componente dessa tradição foi o bulletin board systems (BBS), ou sistema de quadro de avisos, um movimento que brotou da interconexão de computadores pessoais no final da década de 1970.

De acordo com Rheingold, um BBS possui a capacidade de transformar um cidadão comum de qualquer parte do mundo em editor, repórter, ativista, organizador, estudante, professor ou mesmo num participante potencial de um diálogo entre cidadãos numa escala global. Como indica o autor, a tecnologia das comunicações pessoais e a rica e diversificada cultura dos BBS, foram criados por pessoas e não por investigadores do meio empresarial ou por fabricantes de armas de destruição (RHEINGOLD, 1996, p.166).

Em 1977, dois estudantes de Chicago, Ward Christensen e Randy Suess, escreveram um programa, que batizaram de modem, que permitia a transferência de arquivos entre seus computadores pessoais (CASTELLS, 2006, p.16) e disponibilizaram gratuitamente. Um BBS não precisava de uma rede sofisticada de computadores, basicamente, era constituído por um computador pessoal que executava um software de mensagens eletrônicas, ligado a uma linha de telefone por intermédio de um modem. Ligando o modem ao computador e a linha telefônica, criava-se um nome para a BBS e enviava o número de telefone para algumas BBS existentes, pronto estava criada assim uma comunidade virtual (RHEINGOLD, 1996, p.167). Através de uma BBS era possível organizar um movimento, dirigir uma empresa, coordenar uma campanha política, divulgar devaneios artísticos, políticos ou religiosos e reunir-se com outras pessoas para discutir assuntos de interesse comum. Um ano depois, Christensen e Suess, fizeram o Computer Bulletin Board System (CCBBS), que permitia aos computadores armazenar e transmitir mensagens. Funcionando como um painel, era possível colocar anúncios de interesse para todos. O programa também foi liberado para domínio público.

No início dos anos 80, Tom Jennings, criou seu próprio programa de BBS, o FIDO, e iniciou uma rede de BBSs, a FIDONET. Por ser barata, aberta, cooperativa e baseada em PCs e ligações por linhas telefônicas, a Fidonet foi a rede de comunicação mais acessível do mundo. Em 2000, a rede compreendia mais de 40.000 nós e cerca de três milhões de usuários (CASTELLS, 2006, p.16; RHEINGOLD, 1996, p.173). Embora isso represente uma minúscula fração do uso total da internet, esse método da contracultura em utilizar a tecnologia teve consequências semelhantes na estratégia de inspiração militar das redes

horizontais: viabilizou os meios tecnológicos para qualquer pessoa com conhecimentos tecnológicos e um PC, iniciando uma progressão espetacular de força cada vez maior e preços cada vez mais baixos ao mesmo tempo (CASTELLS, 2003, p.87). Tanto a prática da BBS quanto a cultura da Fidonet foram determinantes para configuração da internet global.

Outra tendência decisiva na formação de redes de computadores veio da comunidade dos usuários do UNIX. Desenvolvido pelos Laboratórios Bell, este sistema operacional foi liberado para universidades em 1974, inclusive o seu código-fonte, com permissão de alteração da fonte. O sistema tornou-se a ponte de ligação da maior parte dos departamentos de ciência da computação, e os estudantes logo se tornaram peritos na sua manipulação (RHEINGOLD, 1996, p.149). Quatro anos depois, o Bell distribuiu seu programa UUCP (UNIX-to-UNIX copy) permitindo a computadores copiar arquivos uns dos outros constituindo-se numa rede alternativa aos computadores não ligados a internet. Tomando como base o UUCP, um ano depois, quatro estudantes na Carolina do Norte projetaram um programa para comunicação entre computadores UNIX (CASTELLS, 2006, p.17; RHEINGOD, 1996, p.108). Em seguida, uma versão aperfeiçoada desse programa foi distribuída gratuitamente numa conferência de usuários UNIX permitindo, assim, a formação de redes de comunicação entre computadores, a Usenet News. Fora do backbone da Arpanet, a Usenet News ampliou consideravelmente a prática da comunicação entre computadores e logo se tornou um dos primeiros sistemas de conversas eletrônicas em larga escala.

Em 1980 a Usenet News chegava ao departamento de ciência da computação na Universidade da Califórnia em Bekerley, onde um grupo de estudantes de pós-graduação, entre eles Mark Horton e Bill Joy, passou a trabalhar com adaptações e aplicações do UNIX. Como Bekerley era um nó da Arpanet, esse grupo de estudantes desenvolveu um programa para fazer uma ponte entre as duas redes. Com a Usenet vinculada a Arpanet, as duas se fundiram e várias redes de computadores passaram a se comunicar entre si, muitas vezes compartilhando o mesmo backbone. Finalmente essas redes se congregaram na forma da internet (CASTELLS, 2006, p.17).

O movimento da fonte aberta foi outro desenvolvimento notável que resultou dos usuários do UNIX como uma tentativa deliberada para manter aberto o acesso a toda informação relativa a sistemas de software. Richard Stallman, em 1984, então programador no Laboratório de Inteligência Artificial do MIT, ao reagir a decisão da AT&T de reivindicar

direitos de propriedade sobre o UNIX, lançou a ‘Free Software Foundation’, propondo a substituição do copyright pelo que chamou de copyleft. A proposta do copyleft era a de que qualquer pessoa que utilizasse um software gratuito deveria, como retribuição, distribuir pela Net o código daquele software aperfeiçoado (ibid.,id.). Stallman criou o GNU, um sistema operacional alternativo ao UNIX, e o tornou disponível na Net sob uma licença que permitia seu uso desde que respeitada a cláusula do copyleft.

Linus Torvalds, estudante da Universidade de Helsinki, Finlândia, em 1991, ao colocar a cláusula do copyleft em prática, desenvolveu um novo sistema operacional baseado no UNIX, chamado Linux e o distribuiu gratuitamente pela internet. O pedido de aperfeiçoamento lançado aos usuários e o retorno dos resultados obtidos acarretou no robusto sistema operacional Linux. Robusto porque é constantemente aperfeiçoado pelo trabalho de milhões de hackers e usuários, a tal ponto “que o Linux é agora geralmente considerado um dos sistemas operacionais mais avançados do mundo, em particular para a computação baseada na internet” (CASTELLS, 2006, p.17). Outros grupos de desenvolvimento cooperativo de software baseado em fonte aberta surgiram da cultura dos usuários do UNIX, como por exemplo, o Apache. A título de curiosidade, numa pesquisa realizada pelo site Netcraft, em maio de 2010, do total de todos os servidores ativos, o Apache aparece em primeiro lugar com 54,68%, seguido pelo Internet Explorer com 25,27% e pelo Google com 6,0%⁶⁰.

Mesmo com todos esses avanços, por volta dos anos 90, os não iniciados ainda tinham dificuldades para usar a internet. A capacidade de transmissão de gráficos era muito limitada bem como era impraticável localizar e receber informações. Um novo salto tecnológico permitiu a difusão da internet para sociedade em geral: a criação de um novo aplicativo, a teia mundial - world wide web – WWW - (CASTELLS, 2003, p.88) que organizava o teor dos sítios da internet por informação e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas.

Esta aplicação para compartilhamento de informação desenvolvida em 1990 por Tim Berners-Lee e Robert Cailliau, que trabalhavam no CERN, o Laboratório Europeu para a Física de Partículas, situado em Genebra, não foi montada segundo a tradição da ARPANET, mas sim com a contribuição da cultura dos hackers da década de 1970. Basearam-se

⁶⁰ May 2010 Web Server Survey. Disponível:
<http://news.netcraft.com/archives/2010/05/14/may_2010_web_server_survey.html> Acesso: 28 jan. 2011

parcialmente no trabalho de Ted Nelson, que em seu panfleto de 1974, 'Computer Lib', convocava o povo a usar o poder dos computadores em benefício próprio. Nelson imaginou um novo sistema de organizar informações que batizou de hipertexto, fundamentado em remissões horizontais (CASTELLS, 2003, p.88; RHEINGOLD, 1996, p.132). A essa ideia pioneira, Berners-Lee e seus colegas acrescentaram novas tecnologias adaptadas do mundo da multimídia para oferecer uma linguagem audiovisual ao aplicativo.

Com a decisiva vantagem de que a internet já existia, Berners-Lee apoiou-se nela e se valendo do poder computacional descentralizado através de estações de trabalho, definiu e implementou o software que permitia obter e acrescentar informação de e para qualquer computador conectado através da internet: HTTP, HTML e URI (que mais tarde passou a ser chamado de URL). Berners-Lee, com a colaboração de Cailliau, construiu um programa navegador/editor que chamou de hipertexto de world wide web, a rede mundial. Em agosto de 1991, o software do navegador da web foi lançado na Net pelo CERN e hackers do mundo inteiro passaram a tentar desenvolver seus próprios navegadores a partir do trabalho de Berners-Lee (CASTELLS, 2006, p.18). A primeira versão modificada foi o Erwise, desenvolvido no Instituto de Tecnologia de Helsinki em abril de 1992. Pouco depois, Viola, na Universidade da Califórnia em Berkeley, produziu sua própria adaptação.

De todas as versões da www, a mais voltada para o produto foi o Mosaic, projetado por um estudante, Marc Andreessen e um profissional, Eric Bina, no National Center for Supercomputer Applications da Universidade de Illinois. Os dois incorporaram ao Mosaic uma avançada capacidade gráfica, tornando possível captar e distribuir imagens pela internet, além de várias técnicas de interface importadas do mundo multimídia. O software foi divulgado na Usenet em janeiro de 1993 e Andreessen logo passou a trabalhar como programador numa firma pequena de Palo Alto. Em seguida foi procurado por um empresário do Vale do Silício, Jim Clark, que estava deixando a companhia que fundara, a Silicon Graphics, para buscar novas aventuras empresariais (CASTELLS, 2006, p.19). Clark recrutou Andreessen, Bina e seus colegas para formar uma nova companhia, a Mosaic Communications. Sendo obrigada a mudar seu nome para Netscape Communications, em outubro de 1994, a companhia disponibilizava na Net o primeiro navegador comercial, o Netscape Navigator. Um ano depois, lançaram o software Navigator através da Net gratuitamente para fins educacionais e cobrando uma pequena taxa para uso comercial.

O sucesso do Navigator impulsionou a Microsoft a lançar em 1995, junto com o software Windows 95, o seu próprio navegador, o Internet Explorer, baseado numa tecnologia desenvolvida por uma pequena companhia, a Spyglass. Outros navegadores comerciais foram desenvolvidos, como o Navipress, usado por algum tempo pela America On Line. Ainda em 1995, a Sun Microsystems projetou o Java, linguagem de programação que permite a miniaplicativos viajar entre computadores pela internet, possibilitando a computadores rodar com segurança programas baixados na internet (ibid.,id.). O Java foi liberado gratuitamente na rede pela Sun o que ocasionou uma expansão na esfera das aplicações da web. A Netscape incluiu a linguagem no Navigator e três anos depois, reagindo à competição da Microsoft, liberou o código-fonte do Navigator na Net.

Como podemos observar ao longo do texto, a internet começou a ser concebida pelos cientistas na década de 60 e uma rede de comunicações por computador foi formada em 1969. No final da década de 70 brotavam comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e hackers. Em meados dos anos 90, a internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura técnica aberta, que permitia a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo. A www funcionava com software adequado e era possível encontrar vários navegadores de uso fácil, mas foi somente a partir de 1995 que a internet surgiu para os empresários e para sociedade em geral.

O que sobressai destes relatos é que a internet nasce de uma mistura de investigações científicas financiadas pelo governo, da pesquisa militar e também, e essencialmente, de uma cultura libertária. Observa-se, deste modo, que a origem da internet está relacionada a uma variedade de formas, entretanto, a cultura de liberdade individual que floresceu nos campi universitários das décadas de 1960 e 1970 “usou a interconexão de computadores para seus próprios fins – na maioria dos casos buscando a inovação tecnológica pelo puro prazer da descoberta” (CASTELLS, 2006, p.25). As próprias universidades desempenharam papel importante ao manter redes comunitárias. Contudo, a rápida difusão dos protocolos de comunicação entre computadores não teria ocorrido sem a distribuição aberta, gratuita, de software e o uso cooperativo de recursos que se tornou o código de conduta dos primeiros hackers.

3.2 – Os hackers e suas garagens

Paralelo aos avanços dos centros de pesquisas e aos hippies que corriam para as florestas a fim de fugir da civilização, uma legião de criadores, inventores e engenheiros visionários influenciados pela ficção científica (GOFFMAN e JOY, 2007, p.370) voltou sua atenção para o potencial inerente dos equipamentos de informação e comunicação – especialmente os telefones e os computadores. Um grupo de jovens inteligentes, alinhados com os yuppies e sua crença ideológica de retirar coisas de graça das grandes empresas, se autodenominou phone phreaks⁶¹. John Draper, um freak cabeludo, descobriu que os apitos distribuídos nas caixas do cereal ‘Cap’n Crunch’, quando utilizados numa cabine telefônica, induziam a companhia telefônica a conceder ligações gratuitas (RHEINGOLD, 1996, p.309). Em um boletim xerocado os phreaks/yuppies telefônicos passaram a divulgar suas técnicas.

No mesmo período, em Bekerley, Califórnia, o ex-editor do jornal alternativo ‘Bekerley Barb’, Lee Felsenstein, fundava o clube de hackers da eletrônica ‘Homebrew Computer Club’ (GOFFMAN e JOY, 2007, p.370). A imprensa alternativa estava desaparecendo, e embora isso fosse muitos anos antes do surgimento do primeiro PC, a Arpanet já mostrava que os computadores iriam se transformar em um mecanismo para as pessoas compartilharem informações, alternativas ou não. Geeks⁶² e amadores criativos começaram a se juntar em eventos do ‘Homebrew Computer Club’ que, entre outros projetos, tinham como passatempo tentar criar um computador digital pessoal.

Em 1975, dois garotos que haviam participado tanto do ‘Homebrew Computer Club’ quanto do phreaking telefônico, Stephen Wozniak e Steve Jobs, dividiam uma oficina na garagem. Nela fabricavam e vendiam Blue Boxes, circuitos que conectados ao telefone enganavam as centrais da telefônica Bell permitindo falar sem pagar. Wozniak apresenta o projeto de construção de um computador de uso pessoal no clube ‘Homebrew Computer’ (UGARTE, 2007, p.22). Em contrapartida, Jobs oferece-lhe um plano: venderá sua caminhonete se Wozniak vender sua calculadora (muito cara na época) e juntos criariam uma oficina de montagem na garagem. Como Jobs trabalhava na Hewlett-Packard - HP tinha que apresentar o projeto a empresa antes de tentar fazê-lo por conta própria. O resultado foi o esperado: não havia interesse, afinal quem se interessaria por uma pequena máquina que

⁶¹ Considerados um tipo específico de hacker, os phreaks como ficaram conhecidos, tem um interesse específico no sistema de telefonia e nos sistemas que utilizam essas operações como, por exemplo, as redes de computadores.

⁶² É uma gíria que define pessoas peculiares ou excêntricas obcecadas por tecnologia, eletrônica, jogos eletrônicos entre outros. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Geek>> Acesso em: 30 jun. 2009.

atendesse as necessidades domésticas de então? O primeiro Apple I não era um desperdício de potência, mas em 1977 apresentaram o primeiro computador viável, o Apple II. Jobs e Wozniak estavam entre os muitos idealistas que acreditavam que os computadores pessoais dariam aos indivíduos um instrumento por intermédio do qual eles poderiam competir em poder de expressão com as forças poderosas que eram proprietárias de outros canais de comunicação (GOFFMAN e JOY, 2007, p.370).

No ano seguinte, a IBM desenha o primeiro IBM PC. A ideia era vender, montar e desenhar em uma arquitetura aberta um computador de componentes baratos, fabricados por outros. Mas as coisas haviam mudado. A IBM pensava em suas máquinas como uma peça dentro da velha arquitetura centralizada e hierárquica (UGARTE, 2007, p.23). Ao dispor de um modelo universal de arquitetura aberta, os hackers da eletrônica puderam começar a construir suas próprias máquinas compatíveis por componentes, e inclusive vendê-las em seguida, por um preço muito inferior aos dos originais da IBM. O sonho do hacker, de viver disso, tornava-se assim uma realidade (UGARTE, 2007, p.23). Os hackers dos anos 70 acabaram montando o PC por conta própria em pequenas oficinas, lojas e garagens. Enfim, “não foi a tendência dominante da indústria que criou computadores de baixo custo e sim alguns jovens que trabalhavam em suas garagens” (RHEINGOLD, 1996, p.90).

A cultura hacker produziu muitas posturas ou éticas que eram influenciadas tanto pelo espírito antiautoritário da contracultura quanto pelo que eles consideravam implícito na natureza da computação e da comunicação (GOFFMAN e JOY, 2007, p.371). Os hackers originais eram criadores e não ladrões (RHEINGOLD, 1996, p.308). Steven Levy, e seu cultuado livro “Hackers: os heróis da Revolução do Computador”, apresentou vários princípios do hacker, os quais destacamos os mais importantes: “1) o acesso aos computadores deve ser livre e completo; 2) toda informação deve estar disponível; 3) desconfie da autoridade – promova a descentralização” (LEVY, apud: Goffman e Joy, 2007, p.371).

A concepção de acesso total e livre aos computadores surge antes do computador doméstico, quando estes ainda ficavam trancados em laboratórios de computação de universidades e instituições científicas. Entretanto, todas as pessoas ligadas aos laboratórios assim como seus amigos visitantes com aptidão e gosto pela computação podiam colocar as mãos nas máquinas. Naqueles dias os hackers funcionavam como uma espécie de organismo

coletivo espontâneo e anarquista trabalhando junto para construir “essa coisa nova chamada computação” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.371).

Completo acesso aos computadores significava ‘fonte aberta’, onde todos podiam pegar a máquina e esquadrinhá-la olhando o que quisessem, incluindo todos os códigos. Acesso livre e completo a computação significava que os programas eram também projetados e compartilhados livremente, sem grande preocupação, inclusive, com a autoria.

Castells recorda que o advento do PC ajudou consideravelmente a difusão das redes de computadores, como foi demonstrado na difusão global da FIDONET. Contudo, a maioria das redes exigia um backbone ancorado em máquinas mais potentes, e isso só foi possível graças ao contato entre redes “baseadas em ciência e comunidades estudantis de hackers em universidades” (CASTELLS, 2006, p.25). As universidades foram o terreno comum para a circulação da inovação entre redes exclusivas da big science⁶³ e as redes contraculturais improvisadas que surgiram em todos os tipos de formato.

A maior parte desses estudantes não estava diretamente ligado a contracultura, no sentido dos movimentos sociais ativistas da época, eles eram obstinados demais por sua aventura tecnológica. No entanto, estavam impregnados dos valores de liberdade individual, do pensamento independente e da solidariedade e cooperação com seus pares, “todos os valores que caracterizavam a cultura do campus na década de 1960” (ibid.,id., p.27). Embora os jovens integrantes da Arpanet não fizessem parte diretamente da contracultura, suas ideias e seus softwares, construíram uma ponte entre o mundo da big science e a cultura estudantil mais ampla que brotou nos BBSs e na rede Usenet News. Essa cultura estudantil adotou a interconexão de computadores como um instrumento da livre comunicação e suas manifestações políticas como um instrumento de libertação que, aliado ao personal computer (PC), daria as pessoas o poder da informação, que “lhes permitiria se libertar tanto dos governos quanto das corporações” (CASTELLS, 2006, p.26).

Os movimentos de base da internet, com sua criação de redes autônomas e sistemas de conferência aliados a abertura da arquitetura da internet foi a fonte de sua principal força: seu desenvolvimento autônomo, a medida que usuários tornaram-se produtores da tecnologia e artífices de toda a rede. Numa comunidade hacker, o ideal era que alguém que tivesse um

⁶³ Big science é um termo usado por cientistas e historiadores da ciência para descrever uma série de modificações na ciência que ocorreu nas nações industrializadas durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/Big_Science> Acesso em: 08 fev. 2011

bom programa partilhasse com outros e, em algumas situações, que fosse enviado voluntariamente um pequeno pagamento como forma de apoiar o trabalho. Alguns conseguiram milhares de dólares, mas muito poucos consideravam isso um negócio sério, com exceção “de um diminuto gênio cabeludo que, como outros geeks de sua geração, ouvia acid rock” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.371) e, algumas vezes, chegou perto da consciência psicodélica: Bill Gates. Por ter fé nas leis de propriedade intelectual, tornou ilegal copiar software. Desde então, software livre e de fonte aberta permanecem como campos de batalha na cultura da rede.

Não podemos negar que Bill Gates e a Microsoft sintetizam a cultura empresarial, pelo menos nos estágios iniciais da companhia. Mas, cabe destacar, que eles não foram os criadores da internet em termos tecnológicos. Embora Gates tenha sido um hacker na juventude, não pertencia à cultura hacker, essencialmente por ter acusado os hackers de ladrões em sua famosa frase “Open letter hobbyists” (CASTELLS, 2006, p.35). Ao afirmar o primado dos direitos de propriedade, Gates lançava a questão: “quem pode se permitir fazer o trabalho profissional a troco de nada?” e colocava o ganho de dinheiro antes da inovação tecnológica. Assim, pode-se argumentar, a Microsoft foi a representante da corrente empresarial que se desenvolveu mediante a comercialização do processo de inovação tecnológica em computação, sem compartilhar seus valores fundamentais (ibid.,id.).

Como também não podemos ignorar a contribuição da corrente empresarial para o desenvolvimento da internet a partir da década de 1990. O surgimento das empresas ponto.com (ou dot.com) possibilitou uma difusão mais rápida e mais abrangente de seus usos resultando numa nova paisagem econômica. AOL, Yahoo!, Amazon, e-bay e tantas outras novas e ousadas empresas inventaram um novo modelo de negócio, utilizando as oportunidades oferecidas pela internet. Os mercados financeiros acreditaram em suas pretensões e recompensaram sua audácia com um valor assombroso de capitalização em bolsa, por algum tempo (CASTELLS, 2006, p. 57).

A euforia em torno da nova economia e das supervalorizações das dot.com gerou uma derrocada monumental na bolsa de valores eletrônica Nasdaq. Em maio de 2001, a ‘bolha da internet’, ou dizendo melhor, o fenômeno da supervalorização das empresas ponto.com e de suas ações, estourou. Foi o fim de centenas de pequenas empresas virtuais que davam os seus

primeiros passos. Empresas sólidas saíram praticamente ilesas e a partir de então passou-se a observar que o mercado da internet gera lucro e que apesar de extenso, tem limites.

Paralelo a supervalorização do surgimento dessa nova economia, recordamos que no mesmo período as pesquisas acadêmicas giravam em torno das comunidades virtuais. A ascensão de novos padrões de interação social levava ao debate questões como a desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade. Os mais críticos sustentavam que a popularização da internet estaria conduzindo a um isolamento social, a um colapso da comunicação social e da vida familiar. Além disso, grande atenção foi dedicada aos intercâmbios sociais baseados em identidades falsas e representações de papéis. Deste modo, a vida online seria interpretada como a possibilidade de se viver fantasias fora do mundo real.

Sem dúvida este debate é antigo e atualmente essas limitações estão desaparecendo, entretanto, vale retomar essa discussão por entendermos que ela está na base da formação da criação da internet e o conceito cunhado por Rheingold em 1993 ainda é bastante utilizado para definir as múltiplas interações dos participantes através da rede. Como antevia o autor, “as comunidades virtuais podem ajudar os cidadãos a revitalizar a democracia” (RHEINGOLD, 1996, p.335). Ou ainda como certificam Lemos e Lévy, hoje as comunidades virtuais “constituem o fundamento social do ciberespaço e uma das chaves para futura democracia” (LEMOS E LÉVY, 2010, p.101).

3.3 – Comunidades virtuais⁶⁴

Como apontamos na década de 70/80, assistimos o começo da sociedade da informação com a entrada no mercado doméstico dos computadores pessoais (PC) seguido pela popularização da internet. Na década de 90 a inovação ficava a cargo da experimentação de novas práticas sociais que possibilitava aos indivíduos uma dinâmica de interação nos múltiplos ambientes constituídos online. Vistos como ambientes sem conexão com o espaço físico, alguns estudiosos chegaram a considerar o ciberespaço como o lugar ideal de sociabilidade, chegando mesmo a vislumbrar o fim dos terceiros lugares. O sociólogo Ray Oldenburg identificava os terceiros lugares como os “lugares da vida pública informal”, a

⁶⁴ Este item foi desenvolvido na minha dissertação de Mestrado como também fez parte de um artigo publicado e que pode ser lido em Schieck (2007).

igreja, a praça pública ou o bar, onde os laços sociais seriam revigorados por apresentar como característica primária a conversação gerando, assim, um sentimento de comunidade (OLDENBURG, 1999, online⁶⁵).

Fernback e Thompson, em 1995, negavam que a comunicação mediada por computador (CMC) fosse capaz de criar ‘verdadeiras comunidades’, sobretudo no sentido evocado pelos seus defensores (Fernback e Thompson In: ANTOUN, 2004, p.213). No entender dos autores a comunidades geradas pela CMC seriam comunidades de interesse, desenvolvendo-se no não lugar⁶⁶ do ciberespaço como um fenômeno transcultural e transnacional, o que seria antiético com a noção de coletividade gerada numa esfera pública onde uma ação comum é desenvolvida. Além do mais, a cidadania do ciberespaço seria incapaz de resolver os problemas da representação democrática e da renovação da vida ativa de uma verdadeira cidadania, “construída na esfera pública real das nações, pois a CMC, como as demais TIC, promovem a fragmentação cultural e política nas sociedades” (ANTOUN, 2004, p.213). Ao invés de criar uma coesão crescente, as comunidades virtuais são susceptíveis de um efeito oposto sobre uma coletividade maior, afinal “não devemos confundir o desejo de uma comunidade de interesses com a esperança de uma sociedade mais justa e igualitária” (FERNBACK e THOMPSON, 1995, online⁶⁷). Ainda na visão dos autores, a separação da vizinhança geográfica pode gerar comunidades de araque, o custo e o conhecimento sobre o uso de computadores sempre irá gerar a exclusão da maior parte da sociedade, como também e principalmente os encontros nas comunidades virtuais estão reduzindo os encontros face-a-face. Quanto muito, as comunidades virtuais podem funcionar como uma catarse, gerando para o público o sentimento de envolvimento e participação, que não evoluiria na “direção da construção da participação atual em ações comuns” (Fernback e Thompson In: ANTOUN, 2004, p.214), na vida de nossos vizinhos ou na vida cívica, que as comunidades tradicionais exigem.

⁶⁵ Disponível: <<http://www.montclair.edu/pages/ics/Oldenburg.html>> Acesso: 25 jun.2005

⁶⁶ Marc Augé define os chamados não-lugares como um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade. Assim o autor identifica as vias expressas, os trevos rodoviários, os aeroportos, os meios de transporte, os grandes centros comerciais, ou ainda as redes de cabo ou sem fio que mobilizam o espaço extraterrestre para a comunicação como os não lugares da supermodernidade.

⁶⁷ Disponível: <<http://www.well.com/~hhr/texts/VCivil.html>> Acesso em: 20 ago. 2004

Entretanto, Rheingold, por outro lado, no seu livro ‘The Virtual Community’, ao descrever sua experiência na rede de conferência WELL⁶⁸, contava que os participantes, muitas vezes separados geograficamente, acabaram por estabelecer uma ligação afetuosa e sentiram a necessidade de um encontro pessoal. No âmbito da conferência marcaram um primeiro piquenique de ‘Verão da Rede WELL’ próximo a baía de São Francisco. Tomado pelo entusiasmo do encontro, que acabou se transformando num evento anual, o autor descreve:

(...) foi um piquenique de uma comunidade americana normal – pessoas que gostam de conversar uma com as outras, levando seus filhos para participar da reunião. Podia ser a reunião de qualquer grupo num domingo de verão, mas, neste caso era inquestionável a materialização de uma comunidade virtual (RHEINGOLD, 1996, p.37).

O conceito comunidades virtuais, cunhado por Rheingold, caracteriza as comunidades construídas no interior do ciberespaço formada por grupos de discussão e produção de conhecimento temático, capaz de gerar um sentimento de familiaridade e companheirismo entre os membros do grupo, podendo, inclusive, ultrapassar os limites da internet para encontros no espaço social geográfico (ANTOUN, 2004, p.209). A comunicação mediada por computador (CMC) seria para Rheingold como comunidades virtuais, ou seja, um espaço para que as pessoas se apaixonem, troquem experiências pessoais e profissionais através de computadores em rede (LE MOS e LÉVY, 2010, p.102). A comunicação mediada por computador (CMC) estando na ponta dos dedos de qualquer criança, “transformariam a internet em um meio de todos os meios de comunicação cujas mensagens seriam novas formas de vida comunitária, o que faria da Internet uma mídia para se viver” (ANTOUN, 2004, p.210).

Durante a década de 90 vários foram os debates que surgiram a partir desta conceituação. Por estarmos mais afinados com esta abordagem, apontamos uma pesquisa empírica realizada entre os anos de 1996 e 1999, pelo sociólogo Barry Wellman, onde o autor assinala que as comunidades virtuais não precisam opor-se as comunidades físicas: são formas diferentes de comunidades, com leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras formas de comunidade (Wellman, apud: CASTELLS, 2003, p.444).

⁶⁸ Whole Earth ‘Lectronic Link – WELL – é um sistema de comunicação simultânea, entre diversas pessoas espalhadas geograficamente, que permite a troca de informações via internet (RHEINGOLD, 1996, p.13).

As comunidades virtuais, explica Wellman, por não adotarem o mesmo modelo de comunicação e interação de uma comunidade física real não devem ser consideradas imaginárias, elas funcionam num plano intermediário ao da realidade. São redes sociais baseadas em laços fracos⁶⁹ diversificados e especializados, capazes de gerar reciprocidade e apoio através de uma interação dinâmica. Segundo o autor, as comunidades virtuais têm sua própria dinâmica: a Rede é a Rede.

Transcendem a distância, a baixo custo, costumam ter natureza assíncrona, combinam a rápida disseminação da comunicação de massa com a penetração da comunicação pessoal, e permitem afiliações múltiplas em comunidades parciais. Ademais, não existem no isolamento de outras formas de sociabilidade. Reforçam a tendência de “privatização da sociabilidade” – isto é, a reconstrução das redes sociais ao redor do indivíduo, o desenvolvimento de comunidades pessoais, tanto fisicamente quanto online (CASTELLS, 2003, p.446).

Barry Wellman, assim como Rheingold, acredita que as relações estabelecidas através do ciberespaço oferecem a oportunidade de vínculos sociais para pessoas que, caso contrário, viveriam vidas sociais mais limitadas, em função de seus vínculos estarem cada vez mais dispersos espacialmente. Os internautas, sendo seres sociais, muitas vezes acessam a internet não só para buscar informação, mas também para buscar companhia, apoio social e um sentimento de pertença.

Wellman e Gulia, ao apresentarem um estudo sobre os entusiastas das comunidades virtuais e os críticos “da vida em rede” (WELLMAN e GULIA, 2001, online⁷⁰), relatam que algumas pesquisas tratam a internet como um fenômeno social isolado sem levar em conta como as interações na rede ocorrem juntas com outros aspectos da vida das pessoas. “A internet é apenas uma das maneiras através das quais as pessoas podem interagir” (ibid.,id.). Não é uma realidade separada, as pessoas trazem para suas relações online suas experiências culturais, de gênero, do status socioeconômico e também das suas conexões off-line.

Os autores citam como exemplo uma rede para usuários mais idosos, a ‘SeniorNet’, e constatam que além dos participantes entrarem para buscar informação, perto da metade (47%) também entra para obter companhia. Naquele período a atividade mais popular era o

⁶⁹ Os laços, ou seja, as ligações entre os internautas numa comunidade virtual podem ser interpretadas como forte ou fraco. Os laços fortes dizem respeito a laços de amizade reais, que transcendem um determinado ambiente online. Já o segundo refere-se a laços mantidos entre indivíduos com menor grau de intimidade, mas igualmente importantes em uma rede social. A Professora Doutora Raquel Recuero possui vários livros e artigos relacionados ao tema disponíveis no seu blog <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/>>

⁷⁰ Disponível em: <<http://members.fortunecity.com/cibercultura/vol6/comucomo.html>> Acesso em: 15 jul. 2005.

chat. Durante quatro meses, as atividades mais intensas foram: o e-mail, os fóruns, as conferências para uso pessoal; enquanto que o acesso às notícias, aos boletins informativos, as bibliotecas e aos bancos de dados foram os menos utilizados. Além disso, a ‘SeniorNet’ fornece o apoio de conselheiros para pessoas deprimidas, que de outra forma seria inacessível. Um membro da comunidade relatou que quando tem insônia acessa a internet e logo encontra alguém para conversar, rir ou mesmo trocar idéias (ibid.id.).

Revisitando, hoje, o site ‘SeniorNet’⁷¹ descobrimos que ele está completando 25 anos e continua proporcionando aos idosos o aprendizado sobre como acessar a internet e permitindo que eles compartilhem conhecimentos e experiências. Desde 1986, a rede capacitou mais de um milhão de idosos ao incentivar e criar oportunidades de aprendizagem através da internet. Em 2007 e 2008 seu foco se voltou para os Centros de Aprendizado criados para atender idosos mais carentes e as comunidades rurais urbanas.

Outros exemplos de possibilidades online existem além da busca por informação: apoio emocional, obtenção de companhia, conselhos, etc. Rheingold ao descrever sua experiência na rede WELL (Whole Earth ‘Lectronic Link) conta que, a partir do verão de 1985, passou a reunir pessoas na frente da tela do computador a fim de contar anedotas, discutir, trocar experiências e conhecimentos, negociar, desenvolver amizades, namoros, paqueras, jogar e também produzir muita conversa fiada.

As pessoas das comunidades virtuais fazem tudo o que as pessoas na vida real fazem, mas estão desprendidas dos seus corpos. Claro que não se pode nem beijar nem esmurrar o nariz de ninguém, embora muita coisa possa acontecer dentro desses limites. Milhões de pessoas sentem-se atraídas, mesmo viciadas, pelas comunidades unidas por computador (RHEINGOLD, 1996, p.16).

Nas comunidades virtuais, as pessoas estão muito mais interessadas em estabelecer uma proximidade intelectual e emocional do que numa proximidade física. As relações entre as pessoas numa sala de chat são mantidas enquanto os participantes se sentem fazendo parte de um grupo e responsáveis pela sustentação de suas relações. No tipo ideal de comunidade clássica - fundamentada geograficamente e caracterizada pela proximidade física - essa percepção pode passar despercebida por, muitas vezes, não precisar de qualquer aproximação emocional.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.seniornet.org/>> Acesso em: 05 fev. 2011.

Wellman (2001) e seus colaboradores entendem que o impacto da comunicação via internet sobre a intimidade física e a sociabilidade, bem como os temores do empobrecimento da vida social, estão fora de contexto. Em suas pesquisas o autor constata que o uso mais intenso da internet leva a mais vínculos sociais, inclusive físicos. A internet favorece a expansão e a intensidade dessas centenas de laços fracos gerando uma camada fundamental de interação social para as pessoas que vivem num mundo tecnologicamente desenvolvido. Deste modo, parece que as comunidades virtuais são mais fortes do que os observadores em geral acreditam, existem indícios substanciais de que a comunicação online incentiva discussões desinibidas, permitindo assim a sinceridade (CASTELLS, 2003, p.445). Por outro lado, um comentário infeliz pode ser sancionado por um clique na desconexão.

Ao atualizarmos nosso debate podemos argumentar que, com as atuais comunidades virtuais e as atuais redes sociais do ciberespaço, “seus membros compartilham um espaço telemático e simbólico (mensagens instantâneas, blogs, softwares sociais, microblog, websites)” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.102) mantendo certa permanência temporal e fazendo com que seus participantes sintam-se parte de um agrupamento de tipo comunitário. Contudo, sugerem os autores, não se pode generalizar que toda forma socialmente agregadora da internet tenha o rótulo de comunitária. Podemos ter agrupamentos comunitários ou não, isso vai depender da forma de integração de seus usuários e do pertencimento simbólico e temporal.

Assim, as comunidades virtuais são definidas pelos benefícios que provêm das relações entre seus usuários e dependem de dois fatores fundamentais para o seu desenvolvimento e manutenção: “a estrutura técnica de redes de computadores e a intenção de seus membros no tempo” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.103). Destacamos aqui, que tal como os autores, entendemos a tecnologia, ou seja, neste caso a internet como um suporte que funciona em segundo plano estando a interação entre os participantes em primeiro. Afinal, não basta colocar a disposição uma série de ferramentas, é necessário que haja interesses compartilhados, intimidade e perenidade nas relações. “Isso é o que vai diferenciar uma comunidade mediada por computadores de uma simples agregação eletrônica” (ibid., id.).

Para Lemos e Lévy existem duas formas de agregação eletrônica, as comunitárias e as não comunitárias. Por comunitárias eles entendem como existindo, por parte de seus membros, um sentimento expresso de afinidade subjetiva delimitada por um território

simbólico, cujo compartilhamento de emoções e a troca de experiências pessoais são fundamentais para união e a harmonia do grupo. As não comunitárias são agregações eletrônicas onde os participantes não se sentem envolvidos de forma coesa, sendo apenas um local de encontro para compartilhar informações e experiências de caráter efêmero (ibid.,id.). Entendemos, junto com Lemos e Lévy, que as duas formas de relação social são importantes, pois elas colocam as pessoas em contato, coletivizam ideias e pensamentos e fazem circular a palavra criando uma esfera política. A vida pública associativa está no cerne de toda atividade política como também está presente na internet.

Tanto as agregações como as comunidades podem ir de uma lista de difusão temporária por email até as comunidades virtuais cujos participantes mantêm relações intelectuais, afetivas e sociais sólidas e de longo prazo, como grupos de discussão, blogs coletivos, wikis, microblogs (ibid.,id.). Atualmente essas relações de proximidade se dão através das redes sociais, como o Orkut no Brasil, ou o Facebook, Multiply, MySpace e o Twitter. A relação, nestes casos, se dá por vínculos afetivos a conhecidos ou amigos adicionados ao seu perfil social, criando uma comunidade individual de interesse pessoal que se liga a outras comunidades individuais, ou seja, relacionam comunidades a comunidades e pessoas a outras pessoas.

Nessa atual estruturação de relações sociais a mais importante contribuição da internet é o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo. Cada vez mais as pessoas estão organizadas não simplesmente em redes sociais, mas em redes sociais mediadas por computador. Deste modo, não é a internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu “desenvolvimento que fornece suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade” (CASTELLS, 2006, p.109). Entretanto, cabe destacar que o individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados. O que ocorre é que os indivíduos montam suas redes, online e offline, com base em seus interesses, afinidades e projetos. Em função da flexibilidade e do poder de comunicação da internet, a interação social online desempenha crescente papel na organização social como um todo (ibid.,id.). As redes online, quando se estabilizam na sua prática, podem formar comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes na criação de laços e na mobilização.

Apresentemente os desenvolvimentos tecnológicos atuais parecem dar chances a uma extrema flexibilidade na expressão da sociabilidade, na medida que os indivíduos constroem e reconstróem suas formas de interação social. O crescente fluxo dos telefones móveis parece indicar que a telefonia móvel adéqua-se a um padrão social organizado em torno de comunidades de escolha e interação individualizada, fundado na escolha do tempo, do lugar e dos parceiros da interação (ibid.,id.). O desenvolvimento da internet sem fio amplia as chances da interconexão personalizada para uma série de situações sociais, permitindo aos indivíduos uma maior capacidade de reconstruir estruturas de sociabilidade de baixo para cima. Essas tendências, afirma Castells, estão de fato reconstruindo o padrão da interação social.

Rogério da Costa, ao relacionar um recente artigo de Barry Wellman, aponta que estamos diante de novas formas de associação e identifica a atual forma de interatividade como individualismo conectado. Para Costa, é claro que as comunidades pessoais foram ampliadas com a emergência das atuais tecnologias de comunicação, “mas essas tecnologias também permitiram que as pessoas pudessem interagir com desconhecidos mais facilmente do que até então” (COSTA, 2008, p.34). Ao invés de nos deslocarmos apenas entre redes de conhecidos, dentro de um contexto que conhecemos para outro, o que ocorre é que passamos a lidar com diferentes pessoas, conhecidas ou não, numa série de outros contextos relacionados com diferentes redes ao mesmo tempo.

A mudança para um individualismo conectado teria acontecido recentemente. Até os anos 90, os lugares físicos ainda eram o principal contexto de interação da maior parte das pessoas. E também os tipos de laço eram, sobretudo, os de sua comunidade pessoal, por exemplo, parentes, colegas de trabalho, amigos, colegas em sindicatos, etc. “Mas com a revolução das tecnologias de comunicação houve uma mudança no padrão de relação entre as pessoas” (COSTA, 2008, p.35). Anteriormente, digamos assim, os indivíduos se deslocavam de um lugar para outro a fim de interagir com sua rede pessoal, mas, atualmente, eles vivem uma dinâmica de relação em que saltam de uma pessoa a outra numa rede virtual de contatos. Entretanto, isso não aponta para uma mudança em direção ao isolamento social, pelo contrário, aponta na direção de uma maior flexibilidade no uso das redes sociais onde cada indivíduo está apto a construir sua própria rede de relações. Isso nos leva a pensar de maneira diferente a forma como nos organizamos em grupos ou em comunidades.

Ao resgatarmos, em grande parte desta análise, os primórdios da internet e os avanços proporcionados pela cultura hacker, os fluxos de comunicação capazes de burlar a geografia bem como as fronteiras políticas, identificamos a emergência de outras formas de organização capaz de modificar o perfil das sociedades. Em grande medida, esta emergência está vinculada a influência da informação que, nas palavras de Castells (2003), é a matéria prima das atuais tecnologias da informação, “são tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia” como no caso das revoluções tecnológicas anteriores (p.108). A revolução da tecnologia da informação não evolui para seu fechamento como um sistema, mas segue rumo a abertura como uma rede de acessos múltiplos.

3.4 – Da partilha do conhecimento à guerra da informação

Como vimos, a discussão sobre a internet dos anos 90 girava em torno do estatuto das comunidades virtuais – se eram comunidades por assim dizer ou reais – e as transformações que o nascente espaço das páginas da web traziam para essa realidade (ANTOUN, 2008, p.14). Os grupos de discussão que emergiram nos anos 80, constituindo a rede Usenet e a base das comunidades virtuais então nascentes, se organizavam em torno da partilha do conhecimento sobre algum tópico ou tema de interesse, como nos apontava Rheingold (1996). Este modo de se organizar constrói redes sociais visíveis e duradouras, contribuindo para o seu desenvolvimento e proliferação. Diferentes das instituições ou dos grupos, as redes sociais fazem circular, através de seus canais, notícias, dicas, interesses no seio de uma comunidade que partilha certas atividades e age coletivamente, caracterizando deste modo o que Lemos e Lévy (2010) conceituam como agregações comunitárias. “O canal de uma rede social é formado pela interação entre seus membros” (ANTOUN, 2008, p.15) que promovem comunidades de atividade ou interesse, ao invés de grupos de opinião da imprensa ou das massas de consumo da mídia irradiada.

O poder integrador das páginas da internet e do universo que formavam, trouxe para comunicação distribuída, a reunião dos diferentes movimentos em ações coletivas, seja para empreender uma luta comum, seja para construir uma atividade comum (ibid.,id.). A comunicação distribuída na rede tem a capacidade não só de transmitir como também a capacidade de unir vontades, convocar, atuar, entendidas aqui como condição prévia para ação política. Assim, nas redes distribuídas, ninguém depende exclusivamente de ninguém

qualquer um pode levar a qualquer outro sua mensagem, não há filtros únicos, tudo conecta tudo sem necessariamente passar pelos mesmos nodos⁷² (UGARTE, 2007, p.25).

A dispersão de opiniões e ideologias, de consumo e de gostos, encontra sua remediação na mídia interativa de comunicação distribuída ou rede distribuída, como conceitua Ugarte. Deste modo, destaca Antoun, “surge a guerra em rede (netwar) que [vai] permite aos movimentos sociais lutarem vantajosamente contra Estados e corporações” (Arquilla e Ronfeldt In: ANTOUN, 2008, p.16). John Arquilla e David Ronfeldt, pesquisadores militares ligados à RAND Corporation⁷³, em 1993, designavam um modo emergente de luta e conflito surgido na sociedade contemporânea a partir da revolução tecnológica com a construção do ciberespaço. A guerra em rede seria o oposto correlato ao conceito guerra do controle (cyberwar), também gerado por eles na mesma ocasião, ambos constituindo grande parte do campo da guerra da informação (infowar) no mundo atual (ANTOUN, 2004, p.210).

A guerra do controle compreende uma intensa luta entre dois Estados conduzida através da alta tecnologia militar. Enquanto a guerra em rede seria uma luta de baixa intensidade travada de forma assimétrica por um Estado e grupos organizados em rede que através do uso de táticas e estratégias envolvem a intensa utilização das atuais tecnologias informacionais de comunicação. Para Arquilla e Ronfeldt, o termo guerra em rede se refere a uma forma emergente de conflito onde os protagonistas se encontram em organizações dispersas e pequenos grupos que utilizam a internet para se comunicar, coordenar e conduzir suas campanhas sem um controle central (ARQUILLA E RONFELDT, 2001, p.06). Deste modo, a guerra em rede difere dos movimentos centralizados do passado nos quais os protagonistas desenvolviam organizações, grandes doutrinas e estratégias formais e hierárquicas. “O termo guerra em rede serve para chamar atenção para a perspectiva de que o conflito em rede vai se tornar um dos principais fenômenos das décadas futuras” (ibid.,id., p.07).

Com a guerra em rede duas novas modalidades de ação emergiram. A primeira nasce da reunião dos grupos de discussão nas páginas da web, reunião esta que vai trazer segurança

⁷² Um nodo ou nó representa cada ponto de interconexão com uma estrutura ou rede, independente da função do equipamento representado por ele.

⁷³ O Projeto RAND Corporation surgiu após a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de dar continuidade as pesquisas desenvolvidas durante a guerra. Em 1948 a RAND foi criada para ser uma empresa independente, sem fins lucrativos, com o intuito de promover pesquisas científicas para ajudar os indivíduos, as famílias e as comunidades de todo mundo a ficarem mais seguros. Disponível em: <<http://www.rand.org/about/glance.html>> Acesso em: 05 jan. 2011.

para a comunicação anônima entre parceiros na rede. “Na medida em que me mantenho no âmbito da ação empreendida pela rede, sei que posso confiar em meu desconhecido parceiro” (ANTOUN, 2008, p.17) através do histórico de sua participação que a rede me oferece automaticamente. Esse tipo de informação estimula as organizações sem líder (leaderless) como forma privilegiada nas comunidades virtuais.

Arquilla e Ronfeldt (2001) explicam que a liderança continua importante, mas neste caso, os líderes encontram-se espalhados por toda a rede e tentam agir coordenados sem um controle central ou hierárquico. O ponto mais significativo e pouco percebido é que o líder, de extrema importância para o desenvolvimento e a condução de uma guerra em rede, não consiste em ser distinguido como o “grande homem” (p.22) ou mesmo um líder administrativo, mas como um indivíduo ou um conjunto de indivíduos que, longe de agir como um comandante, se encarregam de dar forma ao fluxo das comunicações.

A segunda modalidade de ação seria o enxameamento (swarm) como tática de luta. Através desse tipo de ação posso transformar, instantaneamente, qualquer lugar em uma praça de guerra (ANTOUN, 2008, p.17). Representando um desvio acentuado dos conceitos militares baseados em acúmulos maciços de poder de fogo, blindados e grandes concentrações de tropa, o swarm requer unidades autônomas, pequenas, dotadas de alto poder de fogo, bom treinamento e informação em tempo real (CASTELLS, 2006, p.133). A rede, sobretudo a rede sem fio, permite coordenar a reunião e a dispersão dos participantes anônimos de uma ação distribuídos em pequenos agrupamentos. Como previsto no projeto original da internet, era possível manter a segurança, o anonimato e a integridade da comunicação entre aliados em um processo de luta qualquer (ANTOUN, 2008, p.17). Essa guerra não-linear elimina a noção de uma linha de frente e representa uma versão “high-tech da antiga tradição das guerras de guerrilha” (CASTELLS, 2006, p.133). Essa guerra centrada na rede depende inteiramente de comunicações seguras, robustas, capazes de manter conexão constante entre os nós (nodos) de uma rede.

O swarming (movimento de afluência) funciona melhor quando as unidades dispersas de uma rede de forças vindas de múltiplas direções convergem para um alvo. As redes swarm devem ser capazes de coligar-se rápido e de modo estável sobre um alvo, para então desprender-se e novamente dispersar imediatamente, prontas para uma nova ofensiva (ARQUILLA E RONFELDT, 2001, p.30). A combinação da transmissão por satélite e a

interconexão móvel por computadores permite as unidades do tamanho de pelotões a coordenar suas ações, com o apoio do poder aéreo e de unidades logísticas, a derrotar os inimigos graças a sua vantagem em informações, que lhes diz onde eles estão, para onde estão indo, e o que eles mesmos têm de levar a cabo nos episódios de combate. “Além disso, seu caráter independente lhes permite um nível superior de iniciativa, sem perda da coordenação de seu objetivo” (CASTELLS, 2006, p.133).

Um exemplo de comportamento swarming foi a rede dos zapatistas no México⁷⁴. Castells recorda que no dia 1º de janeiro de 1994, data do início da vigência do Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), cerca de três mil homens e mulheres integrantes do ‘Ejército Zapatista de Liberación Nacional - EZLN’, levemente armados, assumiram o controle das principais cidades adjacentes a Floresta de Lacandon, no estado mexicano de Chiapas, região Sul do país (CASTELLS, 2002, p.97). A grande maioria dos integrantes do grupo era de índios oriundos de diversos grupos étnicos, embora houvesse mestiços, alguns líderes, especialmente seu porta-voz, o subcomandante Marcos, eram originários da classe média. O objetivo era criar um exército de guerrilha, infiltrando-se na região de Chiapas – rica em urânio, madeira e petróleo – onde viviam diversas comunidades indígenas. Segundo Antoun, eles pretendiam sustentar uma estratégia bem tradicional de luta armada, “conhecida no meio militar como “guerra de pulga”, consistindo em manter a iniciativa através de ataques surpresa em pequenas unidades” (ANTOUN, 2004, p.227).

Quando o Exército Mexicano enviou reforços, as guerrilhas fizeram uma retirada muito bem organizada para o meio da floresta tropical. Algumas dezenas deles morreram durante o confronto ou foram sumariamente executados pelos soldados (CASTELLS, 2002, p.97). O impacto do levante no México, bem como a simpatia generalizada que a causa zapatista imediatamente inspirou no país e no mundo todo, convenceram o presidente Carlos Salinas de Gortari a negociar. Doze dias depois, Salinas anunciou um cessar-fogo unilateral, nomeando como seu representante Manuel Camacho, considerado seu provável sucessor. Manuel Camacho junto com sua assessora Alejandra Moreno Toscano viajou até Chiapas para dar início as negociações de paz com os zapatistas. Camacho leu para os rebeldes um texto em “tzotzil: pela primeira vez na história um dos principais membros do governo mexicano reconheceu o idioma indígena” (ibid.,id.). Em 27 de janeiro foi assinado um acordo pelo qual

⁷⁴ O Movimento Zapatista inspirou-se na luta de Emiliano Zapata contra o regime autocrático de Porfirio Díaz que encadeou a Revolução Mexicana em 1910.

se estabeleceu o cessar-fogo, foram libertados os prisioneiros de ambos os lados, e deu-se início a um processo de negociação voltado a uma discussão mais ampla sobre reforma política, direitos dos indígenas e reivindicações sociais. Assim, o direito das populações indígenas, o reconhecimento da participação da mulher e dos seus direitos na sociedade, a proteção ambiental, a luta pelos direitos humanos e pelos direitos dos trabalhadores passaram a ser o principal objetivo do EZLN (ANTOUN, 2004, p.227).

Mas o que tinha de tão diferente no movimento zapatista? O sucesso dos zapatistas deveu-se, em grande medida por sua estratégia de comunicação, a tal ponto que podem ser considerados o primeiro movimento de guerrilha informacional (CASTELLS, 2002, p.103). Eles criaram um evento de mídia para difundir sua mensagem, ao mesmo tempo em que tentavam não serem arrastados para uma guerra sangrenta. Apesar de ter havido mortes - Marcos e seus camaradas esperavam morrer - os zapatistas fizeram uso das armas para transmitir sua mensagem, e então passaram a divulgar mundialmente a possibilidade de serem massacrados tendo como intenção forçar uma negociação e adiantar uma série de reivindicações razoáveis (ibid., id.). A comunicação autônoma foi uma das principais metas estabelecidas pelos zapatistas. Sua voz mais visível, embora não seu líder, era o subcomandante Marcos. Este comunicado que transcrevemos explica o porquê dos rostos ficarem escondidos e também porque todos os zapatistas se chamam 'Marcos':

"Marcos é gay em São Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, hispânico em San Isidro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, roqueiro na cidade universitária, judeu na Alemanha, feminista nos partidos políticos, comunista no pós-guerra fria, pacifista na Bósnia, artista sem galeria e sem portfólio, dona de casa num sábado à tarde, jornalista nas páginas anteriores do jornal, mulher no metropolitano depois das 22h, camponês sem terra, editor marginal, operário sem trabalho, médico sem consultório, escritor sem livros e sem leitores e, sobretudo, zapatista no Sudoeste do México. Enfim, Marcos é um ser humano qualquer neste mundo. Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, exploradas, dizendo ¡Ya basta! Todas as minorias na hora de falar e majorias na hora de se calar e agüentar. Todos os intolerados buscando uma palavra, sua palavra. Tudo que incomoda o poder e as boas consciências, este é Marcos" (online⁷⁵).

A capacidade dos zapatistas se comunicarem com o mundo e com a sociedade mexicana bem como de captarem a imaginação do povo e dos intelectuais acabou lançando um grupo local de rebeldes de pouca expressão para a vanguarda da política mundial. Neste sentido,

⁷⁵ Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_zapatista> Acesso: 05 mai. 2010.

Marcos desempenhou um papel fundamental. “Ele não detinha o controle organizacional de um movimento originado nas comunidades indígenas, tampouco demonstrou qualquer sinal que o revelasse um estrategista militar” (CASTELLS, 2002, p.104), entretanto mostrou-se astuto o suficiente para ordenar a retirada sempre que o exército esteve perto de prendê-lo. Possuindo uma capacidade extraordinária de estabelecer um elo de ligação com a mídia através de comunicados bem redigidos e pelo uso de máscara e cachimbo⁷⁶, conseguiu com que essas atitudes exercessem importante papel na popularização da imagem dos revolucionários: “em todo mundo qualquer um poderia se tornar um zapatista, bastando para isso usar a máscara” (ibid., id.).

Entretanto, o elemento essencial nessa estratégia foi o uso das telecomunicações, vídeos e a comunicação via internet para difundir tanto as mensagens de Chiapas para o mundo quanto para organizar grupos de solidariedade que cercaram as intenções repressoras do governo mexicano. Durante a invasão pelo exército das áreas controladas pelos rebeldes a internet foi utilizada pelos zapatistas que incorporaram dois elementos inovadores surgidos na década de 90: a ‘La Neta’, uma rede alternativa de comunicação computadorizada no México e em Chiapas, e sua utilização por grupos femininos, principalmente pelo ‘De mujer a mujer’ para conectarem ONGs de Chiapas com as demais mulheres do México, como também com outras redes acessadas por mulheres nos Estados Unidos (CASTELLS, 2002, p.104). A ‘La Neta’, criada a partir da conexão estabelecida em 1989-93 entre as ONGs mexicanas, eram mantidas por especialistas em informática que dedicavam parte do seu tempo e conhecimentos especializados a causas consideradas justas. Em 1993 a ‘La Neta’ já havia sido instalada em Chiapas e tinha por finalidade colocar ONGs locais online, inclusive o Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos ‘Bartolome de las Casas’, e mais uma dúzia de organizações que acabaram desempenhando um papel importante no fornecimento de informações para o mundo durante o levante zapatista. “Tudo isso reforça a constatação da profunda mudança introduzida nas relações sociais e na base organizacional das comunidades através do acesso ao indivíduo comum às TIC e a CMC” (ANTOUN, 2004, p.229).

Castells aponta ainda, que a utilização amplamente difundida da internet permitiu aos zapatistas disseminarem informações e sua causa a todo o mundo de forma praticamente

⁷⁶ Manuel Castells explica que a máscara representa um ritual bastante recorrente nas culturas indígenas do México pré-colombiano, de forma tal que a rebelião, a uniformização das faces e o *flashback* histórico acabaram interagindo, resultando em um dos mais inovadores ‘recursos dramáticos’ de revolução (CASTELLS, 2003, p.104).

instantânea (CASTELLS, 2002, p.105). Assim foi possível estabelecer uma rede de grupos de apoio que ajudaram a criar um movimento internacional de opinião pública que acabou impossibilitando o governo mexicano de fazer uso da repressão em larga escala. As imagens e as informações provenientes dos zapatistas, e a respeito deles, atuaram de maneira decisiva sobre a economia e a política mexicanas. “Na nova ordem mundial, em que a informação é o bem mais valioso, ela pode ser também muito mais poderosa que as balas” (TORRES, apud: Castells, 2002, p.105).

Assim, podemos argumentar que os zapatistas foram protegidos da repressão absoluta por sua inabalável conexão com a mídia, bem como pelas alianças estabelecidas em todo o mundo via internet forçando o governo a negociar, e levando ao conhecimento da opinião pública mundial a questão da exclusão social e da corrupção política.

Cada vez mais, as forças revolucionárias do futuro podem consistir de redes multiorganizacionais amplamente difundidas e desprovidas de uma identidade nacional particular, que aleguem ter como origem a sociedade civil, e incluam grupos e indivíduos agressivos, ardorosos defensores do uso de tecnologia avançada para comunicação, bem como para a munição (ARQUILLA e RONFELDT, apud: Castells, 2002, p.106).

As atuais tecnologias de comunicação são fundamentais para existência desses movimentos, pois na realidade cumprem o papel de infraestrutura organizacional dos movimentos. Sem a internet, o fax e a mídia alternativa, os zapatistas não atingiriam o mundo em tempo real e, provavelmente, estariam fadados a condição de guerrilha isolada e local, como várias outras lutas travadas na América Latina. Seja por meio de tecnologia baseada na informação, por táticas militares de enxameamento ou por construção de hegemonia ideacional, os meios e as metas do poder estatal em nosso mundo dependem da comunicação e da formação de redes. “[...] Adotando esses novos meios, os Estados não desaparecem, mas são profundamente transformados em sua estrutura e em sua prática” (CASTELLS, 2006, p.135).

Outro exemplo de comportamento swarming foram as operações da ‘Direct Action Network’ (DAN) na ‘Batalha de Seattle’ contra a Organização Mundial do Comércio (OMC) ocorrida em dezembro de 1999. Os ativistas da Direct Action Networks forneceram o treinamento e as habilidades organizacionais para muitos dos manifestantes. O movimento foi baseado na troca de informação, em meses de acalorado debate político na internet, que

“precederam as decisões individuais e coletivas de seguirem para Seattle e tentar bloquear o encontro do que era precedido como uma organização que impunha a globalização sem representação” (ibid.,id., p.117).

Arquilla e Ronfeldt argumentam que a guerra social em redes nasceu da DAN, que emergiu de uma coalizão de atividades dedicadas a usar a ação direta da não-violenta e a desobediência civil para suspender o encontro da OMC em Seattle. Os participantes eram convidados a se organizarem, aleatoriamente em grupos pequenos de afinidades “equipes autossuficientes, pequenas e autônomas que compartilhavam certos princípios, objetivos, interesses, planos ou qualquer outra motivação que as levassem a trabalhar bem em conjunto” (ARQUILLA e RONFELDT, 2001, p.31). Cada grupo ficava responsável pelas ações que seus participantes iriam assumir, desde o teatro de rua ao risco de uma detenção. Os grupos operavam próximos um dos outros e se organizavam em “clusters” (aglomerados) ou “flying groups” (grupos voadores) que se moviam sempre que fosse necessário. A comunicação móvel ajudava a convergir com outros grupos para um local específico e em todas as direções simultaneamente (RHEINGOLD, 2002, p.162).

A conexão da mídia com a opinião pública do mundo inteiro foi favorecida pelo ‘Independent Media Center’ de Seattle, cujo papel efetivo foi gerar uma rede global de ‘centros independentes de mídia’ temporários (específicos para o evento) ou permanentes como o backbone da informação do movimento antiglobalização – www.indymedia.org . O movimento antiglobalização não tem uma organização profissional, permanente, não tem um centro, uma estrutura de comando ou um programa comum (CASTELLS, 2006, p.117). Pelo contrário, diferentes pessoas em cada grupo assumem funções distintas (por exemplo: ligações com a polícia), mas todo esforço é voltado para que nenhum grupo tenha um líder único. Tudo isso era coordenado em reuniões com porta-vozes onde cada grupo enviava um representante e as decisões eram tomadas através de uma consulta democrática e de um consenso pela falta proposital de líderes (ARQUILLA e RONFELDT, 2001, p.31). Enfim, tudo se passava como se eles fizessem parte de um movimento de recomposição permanente: estrutura não-hierárquica em redes horizontais descentradas em vias de se auto-produzir e de se auto-organizar “fundadas no princípio da ‘democracia consensual’, segundo a qual toda proposição é levada em consideração, debatida, enriquecida e elaborada com as contribuições de todos” (GORZ, 2009, p.70).

Tal estratégia acabou por gerar uma flexibilidade e uma mobilidade incomum, bem como uma partilha de recursos na ‘Batalha de Seattle’. Vejamos o depoimento de uma testemunha transcrito por Arquilla e Ronfeldt:

Na prática, esta forma de organização significava que os grupos podiam se movimentar e reagir com grande flexibilidade durante o bloqueio. Se um chamado fosse divulgado pedindo mais pessoas num determinado local, um grupo de afinidade poderia avaliar e escolher se deveriam se mover ou não. Quando confrontados com gás lacrimogêneo, spray de pimenta, balas de borracha e cavalos, grupos e indivíduos poderiam avaliar sua própria capacidade de resistir a brutalidade. Como resultado, as linhas de bloqueio se mantiveram apesar da incrível violência policial. Quando um grupo de pessoas era finalmente varrido, por gás ou cassetetes, um outro grupo se movia para tomar seu lugar. Havia espaço para aqueles de meia-idade segurar as linhas de frente em áreas relativamente pacíficas através da interação e do diálogo com os delegados e também para apoiar a marcha do trabalho que trouxe dezenas de milhares para área em pleno meio-dia. Nenhum líder centralizado poderia ter coordenado a cena em meio ao caos e nenhum era necessário – a organização autônoma que tínhamos provou ser muito mais poderosa e eficiente. Nenhuma figura autoritária poderia ter forçado as pessoas a manterem uma linha de bloqueio enquanto estavam recebendo gás lacrimogêneo, mas as pessoas cheias de poder sentiram-se livres para tomarem suas próprias decisões e assim o fizeram (STARHAWK, online⁷⁷).

Na guerra em rede, o swarming aparece com frequência não apenas em ações da vida real como também através de atos utilizados no ciberespaço. A aspiração por uma doutrina de swarming sem líderes começa com um planejamento e pela capacidade de uma desobediência civil eletrônica, assim aparecem os ativistas hackers (hacktivistas) que utilizam ferramentas online para lotar ou superlotar alvos que podem ser sistemas de computador, caixas de entrada de email e sites na web, cuja intenção é perturbar ou mesmo desfigurar o sistema. Virtualmente, qualquer um pode fazer um log em uma destas ferramentas e, com alguns comandos, conduzir um ataque automatizado DDoS⁷⁸ (Distributed Denial of Service) (ARQUILLA e RONFELDT, 2001, p.33). Por exemplo, um dispositivo chamado FloodNet, desenvolvido por uma comunidade chamada ‘Electronic Disturbance Theater’ (EDT), foi usado no final da década de 90 contra sites do governo e empresas no México, Oriente Médio, na Europa e nos Estados Unidos. Os hackers associados ao EDT criaram um novo dispositivo

⁷⁷ Disponível em: <<http://www.spectacle.org/0100/starhawk.html>> Acesso em: 14 out. 2004

⁷⁸ Um ataque de negação de serviço, também conhecido como DDOS, é uma tentativa de tomar os recursos de um sistema indisponíveis para seus utilizadores. Não se trata de uma invasão do sistema, mas sim da sua invalidação por sobrecarga. Geralmente são feitos de duas formas: 1) forçar o sistema vítima a reinicializar ou consumir todos os recursos, como memória ou processamento, de forma que não ele não possa mais fornecer o serviço; 2) obstruir a mídia de comunicação entre os utilizadores e o sistema vítima de forma a não comunicarem-se adequadamente. Disponível: <<http://is.gd/ihOclS>> Acesso em: 05 fev. 2011.

chamado significativamente SWARM, numa clara alusão ao ataque por afluência e denominaram o software de Zapatista inundanet (FloodNet)⁷⁹. “Deste modo inaugurou-se o casamento dos hackers com o ativismo político, que mais tarde ficaria conhecido como hacktivismo” (ANTOUN, 2004, p.229).

Tanto o Movimento Zapatista como a Batalha de Seattle desvendaram o desenvolvimento de um movimento com uma poderosa convergência de diferentes redes (ONGs, guerrilheiros, ativistas, hackers, estudantes, intelectuais, etc.), capaz de construir uma comunidade que partilha uma agenda comum de reivindicações e ação e, experimenta em sua própria construção, modos democráticos de produção e tomada de decisão (ANTOUN, 2004, p. 229). De outro modo, Castells argumenta que a partir da Batalha de Seattle os protestos foram se estendendo para uma geografia global com a presença de milhões de manifestantes que rejeitavam os valores e os interesses da nova ordem mundial. Estes manifestantes não eram contra a globalização, como a mídia os classificava, pelo contrário, eram contra a política de uma globalização econômica unilateral sem um controle social ou político e, principalmente, eram contra o discurso que apresentava esta globalização como uma tendência histórica insuperável (CASTELLS, 2009, p.444). Resistindo ao chamado para se adaptarem ao único mundo possível, afirmaram, com diferentes ideologias e organizações, que outro mundo era possível.

Como descreve Antoun, o sucesso desta primeira web, que gerou o Zapatismo e culminou com a marcha zapatista a cidade do México, as grandes manifestações contra as redes globais de regulamentação iniciadas em Seattle, os Fóruns Sociais Mundiais iniciados no Brasil, que tiveram sua apoteose em 2001 na cidade de Gênova (ANTOUN, 2008, p.17), sucumbiu após o estouro da bolha das empresas ponto.com no outono de 2001.

A partir do estouro da bolha muitos concluíram que a web tinha recebido uma publicidade exagerada quando, na realidade, bolhas e consequentes reorganizações parecem ser um traço comum a todas as revoluções tecnológicas. Tais crises assinalam o momento em que uma tecnologia ascendente está pronta para assumir seu lugar no centro da ação (O'REILLY, 2005, online⁸⁰). A partir do ano de 2000, o movimento da Web 2.0 começa no blog 'Cluetrain Manifest', onde publicitários, marketeiros e empreendedores pensam a

⁷⁹ Uma aplicação em Java para os navegadores (browsers) que repetidamente envia pedidos de recarregar para um site na internet (ANTOUN, 2004, p.229).

⁸⁰ Disponível: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>> Acesso em: 12 ago. 2007.

internet como um lugar capaz de revolucionar a publicidade, o marketing e os negócios, por estarem “tão desgastados com a mídia proprietária de massa e seu modelo invasivo, caro e coercitivo” (ANTOUN, 2008, p.19).

Em 2004, numa conferência entre a empresa O’Reilly e a MediaLive Internacional, o conceito é lançado por Dale Doughert, pioneiro da web e vice-presidente da empresa O’Reilly. Doughert entendia, ao contrário do que havia explodido, que a web estava mais importante do que nunca ao apresentar novas e instigantes aplicações bem como pela regularidade surpreendente de surgimento de sites. A Web 2.0 pode ser visualizada como um conjunto de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites que estão em distâncias variadas do centro (O’REILLY, 2005). Ou ainda, como define O’Reilly (2005), a Web 2.0 é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, “a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas” (online).

De acordo com a visão de O’Reilly, na Web 2.0 os usuários se transformariam em sócios das empresas através de sua cooperação interessada, na mesma medida em que as empresas reconhecessem o valor e garantissem sua livre expressão e participação (ANTOUN, 2008, p.19). A cooperação, a colaboração e a livre expressão seriam instrumentos desta nova web, que uniria empresários e usuários através da livre comunicação em um poderoso ambiente de negócios cooperativos e integrados. Uma das recomendações de O’Reilly é para não restringir a ‘arquitetura de participação’ no desenvolvimento do software. “Envolva seus usuários implícita ou explicitamente na adição de valor ao seu aplicativo” (ibid.,id.).

Para além desta visão de transformação mercadológica, em 2003 essa nova web foi capaz de mostrar seu poder político, auxiliando os movimentos contra a guerra do Iraque ao promoverem a primeira manifestação internacional descentralizada através do blog MoveOn (ANTOUN, 2008, p.22). Pouco depois, ela mostra novamente sua força, arrecadando através do blog ‘Dean for América’, milhões de dólares provenientes de pequenas contribuições para o candidato a indicação do partido democrata, Howard Dean. A equipe de Dean usou não só o blog para criar uma relação mais íntima e em tempo real com partidários, como empregaram táticas ao estilo smart mobs para promover encontros rapidamente, reunindo milhares de pessoas, enquanto os outros candidatos falavam para salas vazias (JENKINS, 2009, p.274).

Aqui, os blogs, deixam de ser considerados como um espaço ‘para escrita de si’ e passam a guardar o poder organizador das páginas web ao reunir o poder noticiador dos grupos de discussão (ANTOUN, 2008, p.22).

A nova aliança entre interfaces de redes sociais e blogs, começa a ensaiar sua revanche. Os espaços sociais na rede, criados a partir das pioneiras comunidades virtuais dos anos 80 e por terem superado as fórmulas comerciais do espaço social introduzidas inicialmente pela AOL, vem se multiplicando em conteúdo e disparando em números facilitando, deste modo, a formação de uma sociedade virtual dispersa e estendida pela rede (CASTELLS, 2009, p. 105). O conteúdo gerado pelos usuários e sua emissão dirigida para uma recepção onde todos se comunicam, é o novo âmbito da comunicação sustentado por uma rede de computadores que fala uma linguagem digital cujos emissores estão distribuídos por todo mundo. “É verdade que o meio, inclusive um meio tão revolucionário como este, não determina o conteúdo nem o efeito de suas mensagens” (CASTELLS, 2009, p. 108), mas tem o potencial de facilitar uma diversidade ilimitada de produção autônoma na maioria dos fluxos de comunicação.

O aparato tecnológico atual, como descreve Castells, proporciona uma importante plataforma para autonomia política quando da utilização de canais de comunicação independentes. A cultura da Sociedade em Rede caracteriza-se, fundamentalmente, “pelo surgimento da autocomunicação e pela possibilidade dos movimentos sociais construírem sua autonomia ao fazer frente às instituições da sociedade impondo seus próprios projetos” (CASTELLS, 2008, p.02). Neste sentido, a comunicação distribuída e controlada de forma individual supera o sistema dos meios de comunicação de massa como fonte de informação e cria uma nova forma de espaço público.

A fim de explorarmos o modelo cultural e tecnológico dos movimentos sociais contemporâneos e das novas formas de mobilização política, utilizamos como metodologia uma pesquisa de campo virtual (BATALHA, 2009, p.511). Para tanto, foram observados no período de 2007 até fevereiro de 2011, alguns movimentos sociais em Rede, no Brasil e no mundo, tendo por objetivo perceber que os clássicos meios de comunicação de massa não são mais os únicos instrumentos de organização e informação dos membros de uma sociedade. A comunicação integrada a uma organização tecnológica e adequada a um regime de visibilidade pública, é a forma de vida emergente desta atual mídia produzida através do interativismo do ciberespaço “como resultado do casamento da política de ação direta do

ativismo como potência interativa e descentralizadora dos sistemas de hipermídia” (ANTOUN, 2001, p.03). Vistos como ações deliberadas que visam as transformações de valores e instituições da sociedade que se manifestam na e pela rede distribuída (CASTELLS, 2008, p.02), parece-nos que isto implica numa nova maneira de falar, onde a questão não é convencer, mas ser claro, impondo ‘dados’ de uma situação a fim de tornar visível, coisas que não seriam em outras condições (DELEUZE, 2000, p.151-158).

No próximo capítulo, vamos analisar alguns movimentos sociais contemporâneos, tomando como base a perspectiva que estamos assistindo o começo de uma nova guerra da informação, não mais a que exploramos anteriormente, mas sim uma batalha onde o cidadão comum, ao dispor das atuais tecnologias da informacionais de comunicação, é capaz enfrentar não só a pauta das mídias tradicionais como também as instituições que compõe o Estado. Afinal, como indica Castells, estamos vivenciando “não uma ciberguerra entre Estados como se esperava, mas entre os Estados e a sociedade civil internauta” (CASTELLS, 2010, online⁸¹).

⁸¹ Disponível: <<http://www.lavanguardia.es/opinion/articulos/20101211/54086305259/la-ciberguerra-de-wikileaks.html>> Acesso: 16 dez. 2010

CAPÍTULO 4:

Movimentos sociais e a organização em rede

“E o corpo que se imaginava imóvel, fixado em algum monitor, jorrou por todas as ruas do mundo cantando a luta por novos modos de viver”.
Antoun

Nos quatro anos que compreenderam a parte empírica desta pesquisa, observamos alguns movimentos sociais contemporâneos, no Brasil e no mundo, e selecionamos dois por considerarmos mais afinados com a nossa proposta de objeto de investigação. Os movimentos, que serão delineados mais adiante, foram analisados sob duas perspectivas: no primeiro, o movimento estudantil da Universidade de São Paulo – USP desencadeado em 2007, valorizou-se a utilização da internet e das plataformas disponíveis, tais como: Facebook, Twitter, Orkut, YouTube, blogs como também, a utilização dos telefones celulares. Nosso objetivo, neste caso, foi estabelecer um contraste entre o que foi narrado pelos usuários envolvidos e o que foi descrito nos tradicionais meios de comunicação de massa.

Na segunda fonte de observação analisamos o uso da rede social Twitter como uma das principais ferramentas utilizadas pelos cidadãos iranianos após o anúncio da vitória do presidente Mahmoud Ahmadinejad na eleição do dia 12 de junho de 2009⁸². Mesmo num país com controle total da informação, a capacidade de mobilização, sobretudo pelo Twitter, foi fundamental (CASTELLS, 2011, online⁸³). Com isso, foi possível perceber que o uso dessas ferramentas abre possibilidades para a população organizar-se e agir no mundo utilizando seus próprios meios.

Levando-se em consideração o contexto apresentado, parte-se da hipótese que as atuais tecnologias informacionais de comunicação (TIC's) transformam a relação entre o poder institucionalizado e a política emergente de organização e manifestação dos movimentos sociais contemporâneos. Dizendo de outro modo, a utilização dessas ferramentas pelo cidadão comum permite a intervenção na hora em que a ação está sendo realizada, marcando assim uma diferença com relação à mídia de opinião ou irradiada que partem de uma interpretação

⁸² Recentemente fomos surpreendidos por uma manifestação popular no Egito, também conhecida como Dias de Fúria, Revolução de Lótus e Revolução do Nilo, com uma série de manifestações de rua e protestos, de 25 de janeiro até 11 de fevereiro de 2011. Os protestos acabaram levando o presidente Hosni Mubarak a renúncia.

⁸³ Disponível em: <<http://is.gd/zlbvck>> Acesso em: 25 out. 2010.

do fato e não do fato em si. Por outro lado, a informação disseminada ou distribuída permite a construção de uma narrativa própria que ajuda a coordenar a ação comum coletiva. Com isso podemos destacar que a reunião de pequenos grupos com interesses em comum ganham peso na rede a partir de sua interconexão com os outros subsistemas. Enquanto o modelo massivo era focado em um centro, a Web 2.0 vai fortalecer a conexão dessas pequenas redes (PRIMO, 2007, online⁸⁴).

Por isso, ao observamos esses movimentos, tivemos como finalidade apontar a potencialidade do uso das atuais TIC's e analisar, a partir de suas ações, a possibilidade das interconexões como também e, essencialmente, a ampliação da voz do cidadão comum, por tornar visíveis seus anseios, sejam eles individuais, coletivos, sociais ou políticos. Certamente nos encontramos no meio de uma revolução digital que transforma de forma irreversível a nova era, já que a tecnologia da comunicação opera numa desintermediação da comunicação de massa e porque “é muito difícil conseguir controlar as redes (o Egito tentou isso e fracassou totalmente), o mundo em que vivemos é caracterizado por um fluxo em grande parte livre de comunicação” (Castells, 2011, online⁸⁵).

4.1 – Protagonistas da história

4.1.1 – Ocupa! Ocupa!

Em 2007 identificou-se algo de diferente no movimento estudantil da Universidade de São Paulo – USP. Enquanto os estudantes utilizavam a interatividade proporcionada pelos ambientes da rede, tais como: Orkut, YouTube e principalmente o blog ‘**Ocupação da Retórica da Universidade de São Paulo**⁸⁶’ para contar a sua versão sobre o movimento - “temos nos esforçado para informar à sociedade o que realmente está acontecendo aqui dentro⁸⁷” - a mídia impressa classificava esses mesmos estudantes como baderneiros, arruaceiros, aliados a partidos de ultra-esquerda, ou seja, utilizavam um tom afirmativo, muitas vezes de caráter moralista, capaz de levar o leitor a suposições equivocadas com relação a ocupação, isso levando-se em conta que a tradicional mídia ainda exerce algum poder de persuasão em determinadas situações.

⁸⁴ Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>> Acesso em: 29 ago. 2007.

⁸⁵ Disponível em: <http://is.gd/OD3UZ3> Acesso em: 06 abr. 2011.

⁸⁶ Disponível em: <<http://ocupacaousp.noblogs.org/>> Acesso em: 05 mai. 2007

⁸⁷ Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=iMBg21ioXbA>> Acesso em: 17 jun.. 2007

Vejamos então dois exemplos de matérias publicadas pela mídia impressa sobre o movimento. Em 30 de maio de 2007, na capa da revista *Veja São Paulo*, lia-se a seguinte chamada “**Caos na USP**”⁸⁸. Na parte interna com o subtítulo “estão brincando com fogo: com baderna e reivindicações oportunistas, uma inexpressiva parcela dos 80.600 alunos da Universidade de São Paulo mancha a imagem da maior e melhor instituição de ensino do país”. Os três jornalistas, que assinavam a matéria, continuavam,

(...) intitulado-se simplesmente membros do “movimento estudantil” (sic), os arruaceiros, cuja ação seria repudiada pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), destruíram uma porta e depredaram as placas de identificação de algumas salas do edifício.

Na segunda matéria, publicada em 10 de junho do mesmo ano, pelo jornal *Estado de São Paulo*, sob o título “**Partidos de ultra-esquerda controlam invasão na USP**”⁸⁹, o jornalista Carlos Marchi começa descrevendo:

A invasão da reitoria da Universidade de São Paulo (USP) não foi um ato espontâneo de estudantes radicais, mas uma ação planejada e sustentada por um grupo de partidos de extrema esquerda - o PCO, o PSTU e o PSOL -, o Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) e a central Conlutas. (...) Contou-se que os estudantes se inspiravam na “democracia ateniense” - na qual não havia líderes - e rejeitavam partidos. Isso cativou a grande massa de estudantes, encantada com o novo e glamoroso formato do movimento estudantil.

Em contrapartida, podia-se ler no dia 27 de maio de 2007, no Portal de Notícias G1, pertencente às organizações Globo, a seguinte chamada “**Só a “autonomia” (sic) une os diferentes em ocupação da USP**”⁹⁰.” Diego de Assis, jornalista que assinava a matéria, escrevia o seguinte Lead ⁹¹:

Eles não são ligados a um partido único e, muitas vezes, rejeitam lideranças e não fazem parte de partido nenhum. Nem sempre estão de acordo, mas tudo o que fazem é decidido por votação. Heterogêneos e até contraditórios, o que une os manifestantes que há 24 dias ocupam o prédio da Reitoria da USP é a preocupação com os rumos de sua universidade.

⁸⁸ Disponível: <<http://vejasaopaulo.abril.com.br/revista/vejasp/edicoes/2010/m0129849.html>> Acesso: 13 jun. 2007

⁸⁹ Disponível: <<http://www.estado.com.br/editorias/2007/06/10/ger-1.93.7.20070610.1.1.xml>> Acesso: 26 jun. 2007

⁹⁰ Disponível: <<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL42893-5604,00.html>> Acesso: 29 mai 2007.

⁹¹ Em jornalismo são as seis perguntas básicas que devem ser respondidas na elaboração de uma matéria: "o quê?", "quem?", "quando?", "onde?", "como?", e "por quê?". O *lead*, portanto, deve informar qual é o fato jornalístico noticiado e as principais circunstâncias em que ele ocorre. (RABACA, 1978, p.279)

Mesmo com a reiteração de posse do prédio determinada pela justiça, os alunos não desocuparam o local e o repórter foi recebido no ‘Gabinete da Ocupação’. Discutindo as táticas da mobilização, um estudante da comissão de comunicação logo se pronunciava: “o que a gente quer é ser ouvido”, e insistia para que não fosse identificado. Um Ocupante X, conforme batiza o próprio jornalista justificava a ausência de um nome e completava:

(...) a mídia tem essa necessidade de dar uma cara para o movimento, de saber quem manda, quem é a pessoa com quem tem que falar. Hoje, ela fala com o Fulaninho X, mas amanhã pode ser o Y, W ou Z. Ninguém está aqui para se promover individualmente. Ao mesmo tempo, dar a cara significa punir alguns, enquanto o movimento é de milhares. É muito injusto que só alguns fiquem com esse ônus (...).

Mais adiante o Ocupante Y de 21 anos, apesar da resistência inicial acaba cedendo conversar com o jornalista desde que, também, não fosse identificado: “a própria sociedade não está acostumada a ver um movimento que não tenha um líder, mas uma coisa que esteja sendo gerida pelo coletivo. Até pela estrutura política de terem sempre de escolher um representante, acham isso inadmissível.” No grupo de cerca de 200 pessoas que tem se revezado para manter a ocupação funcionando 24 horas, “existem aqueles que não têm partidos, aqueles que os rejeitam abertamente e aqueles filiados às legendas da esquerda tradicional - PT, PCO, PSTU e PSOL principalmente”.

Quatro dias antes, o jornal Folha de São Paulo, publicava a reportagem “**25 anos depois, estudante leva a mãe para a invasão**”⁹². O texto de Laura Capriglione começava assim:

(...) de repente, de surpresa, um novo movimento estudantil surgiu na Universidade de São Paulo. Ele tem uma cara mulata como não se via nos anos de chumbo da ditadura militar. Ele dá as costas às entidades tradicionais de estudantes, como a UNE, a UEE e o DCE-Livre. Ele desdenha de líderes carismáticos (em vez disso, todo mundo manda, e ninguém manda). Ele cultiva a sério o apartidarismo, quebrando a hegemonia política de partidos como o PT, PSOL e PSTU, que já foram manda-chuvas no pedaço. E, esquisitíssimo, ele faz questão de cuidar dos jardins com tanto esmero quanto da mobilização.

E continuava a jornalista, “os estudantes em tempos de democracia não gostam de mostrar rostos nem declinam nomes. Identificam-se por um prenome, às vezes confessando, antes que se pergunte, que é falso.” E conclui: “há 25 anos, a ditadura ainda existia no país

⁹² Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/educacao/ult305u19559.shtml>> Acesso: 29 jun. 2007

(...), mas a confiança do movimento estudantil era tamanha que todos queriam aparecer. (...) Ninguém queria mais a clandestinidade.”

Por outro lado, no blog oficial da ‘**Ocupação da Reitoria da Universidade de São Paulo**⁹³’, em 04 de junho de 2007, encontrávamos o resumo das atividades da ocupação:

“O debate principal deste GD (grupo de discussão) girou em torno das questões estratégicas e ideológicas que permeiam as relações e as formas de se lidar com a mídia. Também foi discutida a função da comissão de comunicação, de forma a repensar as prioridades das instâncias de comunicação (interno da ocupação, interno do movimento estudantil, com a opinião pública, com os movimentos, etc.). Ou seja, constatou-se que a comissão acabou por voltar-se naturalmente para a priorização do atendimento à grande mídia, relegando ao segundo plano a comunicação interna, ou ainda, aquela produzida por nós mesmos.”

Depois desta avaliação, os alunos elaboraram uma pauta de distribuição da informação: manter o blog atualizado e organizado para que possa ser consultado como fonte de informação pelos interessados (incluindo a mídia); buscar direitos de resposta e espaços que veiculam produções integrais da ocupação; produção de mídias próprias: TV, rádio, panfletos (escolas, cursinhos, metrô, ônibus...); produção de textos e vídeos dos movimentos a serem reproduzidos pela mídia que apóia o movimento: CMI (Centro de Mídia Independente), por exemplo; mapear moções de apoio e usar esses contatos como forma de comunicação e multiplicação; produzir arquivos em áudio para outras rádios (livres e comunitárias) veicularem; ocupar a fachada da ocupação com textos diversos visíveis aos membros da mídia que circulam pelo entorno da reitoria.

Saindo do blog, fomos visitar a comunidade do Orkut ‘**USP – Universidade de São Paulo**’ e destacamos sua descrição: “essa comunidade não mais deleta nada. A ideia é manter o mapa da comunicação de todos, para ser usado legalmente qdo (sic) requerido pelo Google/Orkut e/ou Governo⁹⁴”. Observamos no fórum vários tópicos postados de apoio e contrário ao movimento.

Chegando ao site do YouTube, assistimos, além de várias imagens livres da ocupação, um vídeo com a duração de 09m36min intitulado ‘**[USP EM GREVE] Bem-vindo à Ocupação**⁹⁵’, onde fomos convidados a conhecer o que alguns ocupantes pensam sobre

⁹³ Disponível em: <<http://ocupacaousp.noblogs.org/>> Acesso em: 05 mai. 2007

⁹⁴ Disponível: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=35362>> Acesso: 29 mai. 2007

⁹⁵ Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=iMBg21ioXbA>> Acesso em: 17 jun.. 2007

movimento. Na apresentação um estudante fala sobre as comissões criadas para cuidar da alimentação, das refeições, da limpeza e da comunicação que tem “se esforçado para informar a sociedade o que está realmente acontecendo aqui dentro.” O vídeo apresenta o depoimento de vários alunos e conclui:

(...) o fato de não haver 05 ou 10 pessoas que respondam por toda ocupação é visto como um problema, principalmente pela estrutura da reitoria e do governo, por não existir a possibilidade de um acordão com 05 ou 10 pessoas, qualquer tipo de negociação vai ter que se dar no solo de todos os estudantes que estão aqui discutindo a universidade pública e se isso não é uma democracia precisamos então inventar um nome melhor para isso.

Em outro exemplo de edição do **Jornal da Ocupação**⁹⁶ assistimos logo na abertura a frase: “Ocupa! Ocupa! Porque amanhã já é hoje!”. O apresentador/estudante faz um resumo das matérias: “você verá nesta edição que as negociações avançam, mas a reitoria continua truculenta. O governo mente ao afirmar que os estudantes são contra a transparência. O movimento apartidário, um experimento da democracia na ocupação.” A edição do vídeo bem como do jornal reforçam a

constatação da profunda mudança introduzida nas relações sociais e na base organizacional das comunidades através do acesso do indivíduo comum as tecnologias informacionais de comunicação (TIC) e a comunicação mediada por computador (CMC) (ANTOUN, 2004, p.229).

Também foi possível assistir um vídeo sobre uma flash mob⁹⁷ contra os decretos do governador José Serra. As imagens apresentam as manifestações simultâneas nas cidades de Bauru, São Paulo, Campinas e São Carlos focando nos estudantes segurando faixas e cartazes quando o sinal de trânsito era fechado. A convocação no blog “**Grupo Risco**”⁹⁸ convidava estudantes, professores e funcionários da USP, UNESP, UNICAMP para a realização de uma intervenção abrangente, rápida e eficiente tendo como objetivo paralisar simultaneamente, das 12h às 12h05min. do dia 21 de junho, ruas, avenidas e ou rodovias de todo estado nas cidades onde se localizavam os campus universitários. Sugerindo que a manifestação fosse pacífica e silenciosa, a ideia era aproveitar esses cinco minutos para distribuir panfletos nos carros e para os pedestres. No próprio blog, além de um mapa identificando os locais da manifestação, existia um link que direcionava para impressão do panfleto da convocação no formato *.pdf.

⁹⁶ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=z1Bt9G4uDAE>> Acesso em: 28 mai. 2007

⁹⁷ Uma flash mob consiste em reunir um grupo de pessoas num determinado local e hora a fim de realizar uma rápida encenação lúdica e em seguida dispersar. (Schieck, 2005, online).

⁹⁸ Disponível em: <<http://www.gruporisco.org/5minutos.htm>> Acesso em: 25 jun. 2007

Com o término da ocupação em 22 de junho, voltamos ao blog oficial de ‘**Ocupação da Reitoria da Universidade de São Paulo**’ e encontramos uma carta que não só enaltecia a vitória dos estudantes, como destacava que grande parte das reivindicações internas à USP foram alcançadas.

Foi freado o projeto do governador de São Paulo para violar mais ainda a autonomia universitária, foi impedida a intervenção militar preparada pelo governo tucano no campus da universidade, foi chamada a atenção sobre a situação da USP e ficou claro que há força entre os estudantes, professores e funcionários, para defender os interesses da universidade. O que não é pouco em tempos de grande desmobilização – em particular da juventude –, de ataques sistemáticos às universidades públicas⁹⁹.

Resumidamente, verificamos que o movimento estudantil na USP pode ser interpretado como a imagem da estrutura da rede distribuída, por seu funcionamento disseminado sem um líder no comando. O mapa da comunicação “desenvolve sua cobertura como um documentário ficcional cujo roteiro vai sendo escrito através das fabulações narradas pelos próprios participantes” (ANTOUN, 2001, p.16) se configurando como uma teia sem aranha e oferecendo um exemplo de como as “ações independentes de vários nós (nodes) e ligações (links) podem ser conduzidas a um espetacular comportamento de emergência” (ANTOUN, 2004, p.224).

4.1.2 – #iranelection¹⁰⁰

Destacando que o importante não é o resultado final, mas sim a forma como as atuais tecnologias informacionais de comunicação, especialmente a rede, foi utilizada para desencadear o protesto contra a reeleição do Presidente Mahmoud Ahmadinejad em 12 de junho de 2009, apontamos a utilização da rede social Twitter como uma das principais fontes de organização e informação.

No dia da eleição, ao acessar meu perfil no Twitter - @mschieck¹⁰¹ –, encontro a informação que o Presidente Ahmadinejad havia sido reeleito. A notícia ainda não havia sido

⁹⁹ Disponível: <<http://ocupacaousp.noblogs.org/>> Acesso: 24 jun. 2007

¹⁰⁰ Este tema foi desenvolvido no artigo de minha autoria: ‘Os gorjeios que ganharam o mundo ou a importância do *Twitter* na #iranelection’ e pode ser lido em Schieck (2009).

¹⁰¹ <<http://twitter.com/mschieck>>

veiculada na tradicional mídia, só aparecendo nos noticiários televisivos e online na noite do dia 13 de junho de 2009, anunciando simplesmente o resultado da eleição no Irã¹⁰².

Uol.com.br: Mahmoud Ahmadinejad é reeleito presidente do Irã

Worldpress: Ahmadinejad é reeleito presidente do Irã no primeiro turno

A imprensa apenas começa a descrever os conflitos populares contrários à reeleição de Ahmadinejad cerca de dois dias após, enquanto nas redes sociais já apareciam as primeiras informações. Ao seguir o perfil do jornalista carioca Pedro Doria - @pedrodoria¹⁰³ – encontro o seguinte tweet: “meu leitor que vive em Teerã e está por dentro das idas do governo iraniano, comenta o dia da eleição. <<http://migre.me/25Fx>>¹⁰⁴”. Sigo o link indicado e leio os comentários:

Nas ruas, a população está aparecendo em peso para votar. (...) O Irã está polarizado. Nos centros urbanos, principalmente entre os jovens e as mulheres, Moussavi é popular. Sua mulher, uma acadêmica com carreira notável, lembra todo espaço que Ahmadinejad negou às mulheres do país. Na zona rural, entre os mais pobres, é diferente. É entre os ‘descalços’ que Ahmadinejad encontra mais apoio¹⁰⁵.

Em 13 de junho @pedrodoria informava: “Há um golpe de Estado em curso no Irã...mais info no Weblog com fontes dentro do país: <http://migre.me/26ZS>¹⁰⁶”. Com mais de 94% das urnas apuradas, Ahmadinejad era eleito com 64,78% dos votos, recebendo mais de 20 milhões dos 30 milhões de votos apurados, contrariando todas as análises pré-eleitorais. Em segundo lugar aparecia o ex-ministro Mir Hussein Moussavi com 32,57% dos votos. Considerada uma eleição com participação recorde, 70% dos eleitores foram às urnas.

Moussavi, por outro lado, acusava a atual gestão de bloquear seu site e o envio de mensagens pelo celular no dia da votação e apontava uma possível fraude nas eleições reclamando que faltaram cédulas, que seus fiscais não tiveram acesso a várias sessões e que

¹⁰² Disponível em: <<http://is.gd/KG8RtX>> e <<http://is.gd/Yo4juF>>, respectivamente. Acesso em 13 jun. 2009.

¹⁰³ <<http://twitter.com/pedrodoria>>

¹⁰⁴ É uma ferramenta bastante utilizada no Twitter que consiste em compactar URLs. Devido a impossibilidade de enviar textos com mais de 140 caracteres permite o envio de links menores e, conseqüentemente, mais texto em uma mesma mensagem. O migre.me não é o único compactador de URL na Rede, existem outros e a escolha é pessoal.

¹⁰⁵ Disponível em: <<http://pedrodoria.com.br/2009/06/12/as-eleicoes-no-ira-as-do-libano/#comments>> Acesso: 12 jun. 2009

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://pedrodoria.com.br/2009/06/13/a-vitoria-de-ahmadinejad/>> Acesso: 13 jun.2009

alguns eleitores não teriam conseguido votar¹⁰⁷. Começava assim a ‘**Rebelião 2.0 em Teerã**’, como denominou a Revista Época¹⁰⁸ no final de semana seguinte.

O Irã, classificado pelo site ‘Reporters sans frontieres – pour la liberte de la presse’, como um país inimigo¹⁰⁹ da internet, possui uma população em torno de 77 milhões de habitantes, dos quais 33 milhões possuem acesso a Internet e 45 milhões possuem telefones celulares. Apesar de ter um índice de penetração superior a média da região, o país, segundo o Assessor do Procurador-geral do Teerã, teve cinco milhões de sites bloqueados em 2009. Mesmo assim o Irã encontra-se com os blogueiros mais militantes da região, apesar de, naquela época, quatro deles encontrarem-se presos.

Do dia 13 ao dia 17 junho, considerado como os dias de pico dos twettes, chegando a alcançar a média de 220 mil mensagens por hora, continuamos conectados aos perfis @StopAhmadi¹¹⁰, @mousavi1388¹¹¹ e @IranElection¹¹², dentre outros, em busca de informações em tempo real, uma vez que as TV’s encontravam-se sob um forte controle estatal e os correspondentes estrangeiros com dificuldades para obter informações sobre a rebelião. Boa parte dos vídeos exibidos pela rede de notícias CNN foi feita por amadores, com câmeras de telefones celulares¹¹³.

Torna-se difícil enumerar os vários desdobramentos que se seguiram a partir da postagem de mensagens como esta: “@StopAhmadi Internet, SMS, Phones...everything very limited in Iran #iranelection”. Entretanto, não podemos deixar de destacar a ampla participação dos internautas, sites, blogs e portais que se colocaram a serviço da oposição a Ahmadinejad. Por exemplo: o site YouTube, pertencente ao Google, abriu uma exceção para veiculação de imagens violentas que normalmente são vetadas. Em vários vídeos¹¹⁴ é possível assistir iranianos bastante feridos sendo socorridos por outros participantes ou sendo alvejados por sprays, cacetetes e atos violentos. Entre os mortos estava uma jovem de 26 anos, Neda Soltan, estudante de filosofia, cujo o assassinato foi transmitido em tempo real para o mundo e a estudante acabou sendo transformada no símbolo da luta pela democracia.

¹⁰⁷ Disponível em: <<http://pedrodoria.com.br/2009/06/13/a-vitoria-de-ahmadinejad/>> Acesso: 13 jun. 2009

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://is.gd/du6Hz>> Acesso: 22 jun. 2009

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://www.rsf.org/fr-ennemi26116-Iran.html>> Acesso em: 20 jun. 2009

¹¹⁰ <http://twitter.com/StopAhmadi>

¹¹¹ <http://twitter.com/mousavi1388>

¹¹² <http://twitter.com/iranelection>. Atualmente está escrito no perfil: *I am in Pause mood.*

¹¹³ Disponível em: <<http://is.gd/qAeaXj>> Acesso em: 17 jun. 2009.

¹¹⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=2PkB0ATbNkI&feature=related>

No site ‘Boing Boing’, através do Cyberwar guide for Iran elections¹¹⁵, instruções para agir na internet por conta das eleições iranianas foram destacadas pelo site; o ‘The Pirata Bay’ criou uma homepage ‘The Persian Bay - Why we protest?’ com o fórum ‘Anonymous Iran’¹¹⁶, para permitir a livre comunicação entre os iranianos sem a vigilância do governo; o Google e o Facebook adicionaram rapidamente um tradutor para língua Persa (Farsi¹¹⁷); no dia 17 de junho o Twitter tinha planejado suspender seu serviço por 90 minutos para fazer um trabalho de manutenção, mas optou por adiar a interrupção para não prejudicar o acesso ao cidadão iraniano a sua principal ferramenta de comunicação¹¹⁸ e finalmente nas eliminatórias para a Copa de 2010 parte do time iraniano usou uma faixa verde nos pulsos ou nos braços indicando apoio as manifestações contra a reeleição do presidente Mahmoud Ahmadinejad¹¹⁹.

Mas o que é o Twitter? É uma rede social e uma ferramenta para microblogging¹²⁰ que permite aos usuários enviar textos com até 140 caracteres, conhecidos por tweets, através da própria web ou utilizando o SMS do telefone celular. Lançado em 2006 por Jack Dorsey, a rede social vem ganhando ampla notoriedade e popularidade ao redor do mundo por fazer a pergunta: "O que você está fazendo?". Curiosamente, em novembro de 2009, a pergunta foi modificada para “O que está acontecendo?”.

Num estudo realizado por Mischaud em 2007, ficou constatado que de 5.767 tweets postados, 58% deles não respondiam a questão principal daquela época: “O que você está fazendo?” (MISCHAUD, apud Honeycutt e Herring, 2009, p.01). De uma forma alternativa os usuários estão usando o Twitter para interagir com outros usuários ampliando assim seus intercâmbios, embora o site não tenha sido concebido primordialmente para tal utilização. A fim de facilitar as trocas, os usuários têm utilizado o familiar símbolo “@” para indicar que a mensagem é dirigida diretamente para aquele usuário.

¹¹⁵ Disponível: <<http://www.boingboing.net/2009/06/16/cyberwar-guide-for-i.html>> Acesso: 16 jun. 2009

¹¹⁶ Disponível: <<http://iran.whypeprotest.net/>> Acesso: 18 jun. 2009

¹¹⁷ Disponível: <<http://is.gd/C72hva>> Acesso: 19 jun. 2009

¹¹⁸ Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u582200.shtml>> Acesso: 17 jun. 2009

¹¹⁹ Disponível: <<http://is.gd/PihwhF>> Acesso: 24 jun. 2009

¹²⁰ Microblogging é uma publicação em blog que permite aos usuários fazer atualizações breves de texto (geralmente com menos de 200 caracteres) e publicá-las para serem vistas publicamente ou apenas para um grupo restrito escolhido pelo usuário. Estes textos podem ser enviados por meios de: SMS, mensageiro instantâneo, e-mail, mp3 ou pela web. Disponível: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Microblogging>> Acesso: 19 jun. 2009.

Outra forma emergente utilizada pelos usuários é o retweeting (RT), que diferente do símbolo @ para trocar mensagens, o RT ou (via @) é mais utilizado para repetir o que foi dito por um usuário. Por exemplo: o @usuário1 escreve na sua página Bom dia para todos! O @usuário2, ao optar por replicar essa saudação, utiliza em sua página, RT @usuário1: Bom dia para todos! As formas adotadas para repetir as mensagens de outros usuários são muito variadas e complexas, o que demandaria uma pesquisa mais detalhada, mas a título de esclarecimento não podemos deixar de citar por ter sido amplamente utilizada durante toda a mobilização dos cidadãos opositores a reeleição de Ahmadinejad. As primeiras e principais tags utilizadas, representadas pelo símbolo #¹²¹, foram: #iranelection e #iran. Essa interação usuário-usuário é potencialmente o modo de colaboração que vem sendo utilizada para disseminar informações, partilhar ideias e coordenar atividades instantâneas no âmbito do Twitter.

Antoun e Malini observam que a suspensão da internet e da telefonia móvel por conta do governo iraniano, resultou num contra ataque de hackers que passaram a oferecer endereço de proxy via direct message no Twitter, reconectando assim a cibercultura iraniana. A partir daí a internet tornou-se o locus da informação e do compartilhamento de opinião sobre a insurgência iraniana.

E o caso virará paradigma na história da comunicação por demonstrar que a narração dos acontecimentos públicos das redes e mídias sociais online não prescinde de um encadeamento com a mídia irradiada, mas somente de um entrelaçamento com a esfera de publicação dos próprios públicos das redes e mídias sociais online (ANTOUN e MALINI, 2010, p. 09).

Esta forma emergente de utilização pública das redes e das mídias sociais online criou um novo uso para a web, a cobertura jornalística P2P das multimídias, em tempo real, baseada na #hashtag ou tags, será massificada para descrever micro acontecimentos cotidianos e grandes eventos internacionais. “Não se tratava de participação, senão da construção de mídias livres e autônomas” (ibid.,id.). Adotando a hashtag #iranelection a multidão cooperava usando a palavra-chave, distribuindo fotos, vídeos, textos, áudios, enfim toda uma gama de registros históricos que nenhum outro grupo de mídia detinha. Na prática, a narrativa noticiosa baseada em hashtags foi utilizada para troca de informação mútua, organização

¹²¹ #hashtags ou tags, é uma das formas de organizar a informação disponível no Twitter. Assim, palavras sinalizadas com # indicam o assunto da mensagem tornando a busca muito mais fácil.

tática dos protestos, globalização dos fatos, localização de testemunhas/fontes, relatos multimídia de registros do cotidiano, promoção de ideologias, conversação social e agendamento da mídia (ANTOUN e MALINI, 2010, p.12).

Hardt e Negri (2005) nos lembram que todas essas experiências do que pode se chamar de democracia e autonomia, “até em menores níveis, representam uma enorme riqueza para o futuro desenvolvimento dos movimentos” (p.125). Depois de 68, as guerrilhas urbanas passam a ser uma das mudanças mais significativa na forma de resistência e libertação, com a utilização de técnicas de acordo com os sistemas de informação e estruturas em rede, determinados pela tecnologia da época.

As redes de informação, comunicação e cooperação - os eixos fundamentais da produção pós-fordista - começam a definir os novos movimentos guerrilheiros. Não só esses movimentos utilizam tecnologias como a internet como ferramentas de organização, como também começam a adotar tais tecnologias como modelos para suas próprias estruturas organizacionais (HARDT e NEGRI, 2005, p.120).

Entre os diversos movimentos sociais do século passado - a revolta de Soweto na África do Sul; Khmer Vermelho, Sendero Luminoso, rebeliões de afro-americanos – os autores destacam o movimento Zapatista no México, surgido nos anos 90, como o melhor exemplo do surgimento de um novo modelo de estrutura em rede, que ligam experiências locais a lutas globais. Os Zapatistas, mesmo sendo um movimento camponês, utilizaram-se das tecnologias comunicacionais, a internet inclusive, não apenas para distribuir comunicados para o mundo exterior, como também “elemento estrutural dentro de sua organização, estendendo-se para fora dos limites do México e alcançando níveis globais” (ibid.,id.).

Neste contexto de debate, pode-se argumentar que diante deste início de século XXI uma nova forma de organização social pode ser percebida como uma organização capaz de proporcionar ao indivíduo a experiência de manifestar-se para o mundo e tornar visível seus anseios, sejam individuais, sociais ou políticos. Afinal, como destacou o colunista do jornal New York Times, Nicholas D. Kristof, “a convulsão social que ocorre neste momento no Irã é um conflito típico do século XXI. De um lado estão os trogloditas do governo disparando balas. Do outro, jovens manifestantes disparando tweets”¹²².

¹²² Disponível em: <http://www.nytimes.com/2009/06/18/opinion/18kristof.html?_r=1> Acesso em: 18 jun. 2009

Mesmo com a toda censura à imprensa internacional e as tentativas de bloquear a internet, o governo iraniano não conseguiu impedir a proliferação de mensagens pela rede que abasteceu as pautas das principais agências de notícias em todo o mundo. A secreta linha de comunicação via internet permaneceu ativa graças a engenheiros da computação chinesa que moram nos Estados Unidos. O software FreeGate, disponível no site ‘Global Internet Freedom Consortium – GIF¹²³’, tendo sido criado para um grupo espiritual chinês, Falun Gong, escapar da censura do Partido Comunista em 1999, foi amplamente utilizado chegando a ser baixado por 400 mil internautas no dia 17 de junho. Shiyu Zhou, diretor do site e professor da Universidade de Wisconsin, atesta que a busca do serviço anticensura pelos internautas iranianos triplicou depois do dia 13 de junho, chegando a acarretar uma sobrecarga no site. "Não temos coragem de cortar o acesso dos iranianos, mas se os nossos servidores ficarem muito sobrecarregados poderemos precisar cortar o tráfego¹²⁴".

Ao partirmos das premissas apontadas acredita-se que estamos experienciando um período singular da história contemporânea. Afinal os estudantes de todas as épocas fazem suas primeiras rugas nos movimentos sociais¹²⁵. Hoje, com as tecnologias informacionais de comunicação, os jovens vêm marcando os rostos de todas as sociedades, seja em filmes feitos por celulares postados no YouTube ou em depoimentos livres em blogs ou sites de informação compartilhada. Imagens essas que marcam a história, como um estudante toureando um tanque na China em 1999; na iluminação da cidade luz feita por carros incendiados, ou no instante em que a estudante de filosofia iraniana, Neda Soltani, é atingida por um tiro no peito e as cenas registradas por um celular ganham o mundo e a transformam no símbolo pela liberdade no Irã.

Em linhas gerais, podemos conjecturar que a liberdade, a criatividade e a disseminação do conhecimento e da informação através da Rede Mundial de Computadores determinam uma mudança na estrutura dos padrões estabelecidos. Neste sentido, essas mudanças demonstram a possibilidade de uma inovação política por não estar atrelada a grandes partidos políticos, afinal reforçando mais uma vez a advertência feita por Foucault, essas mudanças devem ser vistas como algo de muito importante e positivo, pois “não são as velhas

¹²³ Disponível em: <<http://www.internetfreedom.org/>> Acesso em: 18 jun. 2009.

¹²⁴ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2009/06/18/opinion/18kristof.html?_r=1> Acesso em: 18 jun. 2009

¹²⁵ Este tema foi desenvolvido no artigo: ‘O sujeito e a história: os movimentos sociais e a organização em rede’ e pode ser lido em Cavalcanti e Schieck (2008).

organizações políticas tradicionais e normais que permitem esse exame” (FOUCAULT, 1984, online).

4.2 – Autocomunicação da massa

“a cada momento, as práticas da humanidade são o que toda história as faz ser, de tal modo que, a qualquer instante, a humanidade é adequada a ela própria”.
Paul Veyne

Conjugamos com Manuel Castells alguns atributos teóricos que facilitaram a verificação de nossas hipóteses, basicamente quando o autor classifica a atual forma de comunicação como mass-self communication (autocomunicação da massa ou intercomunicação individual) (CASTELLS, 2006b, online¹²⁶). Recuperada pelos movimentos sociais de todo o mundo e utilizando as tecnologias digitais como uma nova forma de mobilização política, configura-se como uma organização mais decisiva numa clara ruptura com as tradicionais formas de organização partidária, sindicatos e associações características da sociedade industrial.

Os movimentos sociais contemporâneos, ao atingirem um público global através da conexão a internet e das redes P2P, caracterizam-se por multimodal, ou seja, proporciona ao usuário a interação com múltiplas interfaces para além do teclado e do mouse. Ao empregar cada uma dessas modalidades de forma independente ou simultânea, a digitalização do conteúdo e o uso avançado dos softwares sociais, muitas vezes baseados em código aberto e que podem ser baixados gratuitamente, permitem a reformatação de qualquer conteúdo em qualquer formato e sua distribuição pelas redes sem fio. “É a auto-geração de conteúdo, é a emissão auto-direcionada e é a auto-seleção na recepção por muitos que se comunicam com muitos” (CASTELLS, 2008, p.248-251).

Cidadãos comuns conectados no mundo inteiro praticam a troca de conhecimento e informação por meio das diversas ferramentas disponibilizadas na rede, caracterizando, assim, um espaço para livre expressão. Ao partirmos desta premissa e, levando-se em consideração que, passada quase três décadas da popularização da internet, considera-se que sua maior

¹²⁶ Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2006-08,a1379> Acesso em: 20 out. 2006.

atração é o sentimento de uma liberdade inaudita onde “as possibilidades de interação consigo mesmo, com os outros e com o mundo não estão mais limitadas pelo lugar ou pelos meios de comunicação de massa” (VAZ, 2004, p.191).

A multiplicação da capacidade de circulação da informação em curto espaço de tempo e a rapidez nas rearticulações necessárias permite aos indivíduos a experiência de contar a sua versão sobre os fatos, transformando assim a relação com os tradicionais veículos de comunicação. Evidencia-se, desta forma, que ainda existe um sentimento de reação quando tudo parecia seguir passivamente e que essa forma de ação política emergente tende a se multiplicar, afinal os tempos são outros e os antigos modos de se fazer política talvez não tenham mais alcance ou sentido. Por outro lado, oferecer resistência não é mais “sofrer a paixão do embate contra o poder do Estado”, tornou-se também uma forma de inventar movimentos através dos quais os modos “autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente” (ANTOUN, 2001, p.06-08).

Manuel Castells (2008) identifica a autonomia em oposição às limitações de tempo e, em certa medida, as normas culturais e sociais, porque esta autonomia é individualmente um coletivo que pode referir-se a uma pessoa, uma organização, um grupo social ou um movimento social. “A questão fundamental é que o sujeito da comunicação aumenta seu controle sobre o processo comunicacional” (p.380). A autocomunicação da massa proporciona um extraordinário meio para que os movimentos sociais e os indivíduos rebeldes construam sua autonomia fazendo frente as instituições da sociedade construindo uma narrativa própria em torno de seu próprios projetos. Naturalmente, os movimentos sociais não têm sua origem na tecnologia, eles utilizam a tecnologia como uma ferramenta, um meio, é uma construção social com suas próprias repercussões. A internet garante a comunicação livre, mas o conteúdo desta liberdade depende dos atores sociais (CASTELSS, 2011, online).

O progresso de uma tecnologia de comunicação individual é também produto da nossa cultura, uma cultura que acentua a autonomia individual e a construção individual de um projeto. Castells, a partir de seus estudos empíricos na sociedade Catalã sobre o uso da internet, identifica que

(...) quanto mais sólido é o projeto de autonomia de uma pessoa (pessoal, profissional, sociopolítico, comunicativo), mas ela utiliza a internet. Numa sequência temporal, quanto mais a pessoa utiliza a internet, mais autônoma se torna com relação às normas e instituições sociais (CASTELLS, 2008, online¹²⁷).

A partir do desenvolvimento da Web 2.0 e da Web 3.0¹²⁸ vimos surgir o desenvolvimento da autocomunicação da massa aliada a um grupo de tecnologias, dispositivos e aplicações que sustentam a proliferação dos espaços sociais na internet em função da ampliação da capacidade da banda larga, do software de código aberto e de uma melhor qualidade dos gráficos e das interfaces. Essa difusão da internet, da comunicação sem fio, dos meios de comunicação digitais em conjunto com uma série de ferramentas disponíveis nas redes sociais, vem provocando o desenvolvimento de redes horizontais interativas de comunicação que tem a capacidade de conectar o local com o global a qualquer momento (CASTELLS, 2009, p.101). As redes horizontais interativas, típicas da internet e do wireless, oferecem aos movimentos sociais maiores oportunidades em termos de auto-mobilização e auto-organização. Se percebermos que a comunicação é a chave de toda atividade humana e que tanto a internet como o wireless romperam definitivamente com o monopólio da comunicação filtrada por governos e empresas, podemos argumentar, que o “poder está na antena do próprio dispositivo de comunicação móvel, porque ele é o responsável pela conexão entre si e a mente das pessoas” (CASTELLS, 2011, online).

Os espaços sociais na rede, criados a partir das pioneiras comunidades virtuais dos anos 80 e que superaram as fórmulas comerciais de espaço social, introduzidas primeiramente pela AOL, vem se multiplicando em conteúdo e disparando em número permitindo assim uma sociedade virtual dispersa e estendida pela rede (CASTELLS, 2009, p.106). Esta sociedade virtual que não é desconectada do nosso cotidiano está disponível em diferentes tipos de produtos digitalizados, como jogos, música, imagens e notícias, assim com as mensagens instantâneas, que envolve toda atividade humana, desde as redes de apoio pessoal até de tarefas profissionais e mobilizações políticas. Assim, pode-se dizer que, “a rede de

¹²⁷ Disponível: <<http://ijoc.org>> Acesso em: 10 jul. 2008.

¹²⁸ A Web 3.0 propõe-se a ser, num período de cinco a dez anos, a terceira geração da Internet. A primeira, Web 1.0, foi a implantação e popularização da rede em si; a Web 2.0 é a que o mundo vive hoje, centrada nos mecanismos de busca como Google e nos sites de colaboração do internauta, como Wikipedia, YouTube e os sites de relacionamento social, como o Facebook. A Web 3.0 pretende ser a organização e o uso de maneira mais inteligente de todo o conhecimento já disponível na Internet.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_3.0> Acesso: 12 jan.2011.

comunicação eletrônica está presente em tudo o que fazemos, em qualquer lugar e a qualquer momento” (CASTELLS, 2009, p.107).

A presença dos telefones celulares vai permitir o recebimento e a emissão de mensagens em tempo real estabelecendo redes instantâneas de comunicação que, integradas nas atividades cotidianas, podem propagar informação, sentimentos e convocar de forma interativa e multimodal. A mensagem pode ser uma imagem impactante ou uma canção, um texto ou uma palavra. Um breve SMS ou um vídeo postado no YouTube pode levar algumas pessoas ou mesmo a sociedade a rebelar-se contra um contexto de desconfiança ou de humilhação imposta a muitos cidadãos. No mundo da comunicação em rede, uma mensagem pode chegar a milhares, potencialmente a uma centena de milhares de pessoas, mediante o mecanismo do efeito “de rede das redes que aumentam exponencialmente sua conectividade” (ibid.,id., p.454).

Além disso, a forma de distribuição da mensagem em rede é importante porque se cada receptor se transformar em um emissor enviando via telefone celular para muitos receptores de sua lista habitual de conhecidos, o receptor identifica a mensagem como procedendo de uma fonte conhecida. E na maioria dos casos isso equivale a receber uma mensagem de uma fonte em que se confia pessoalmente. “As redes de telefone móvel se convertem em redes de confiança, e o conteúdo transmitido através deles suscita empatia para o processamento da mensagem” (ibid.id.). Das redes de telefones móveis e das redes de confiança surgem as redes de resistência que geram uma mobilização contra um objetivo determinado.

Na medida em que distintas formas de comunicação sem fio ou wireless foram se estendendo na primeira década deste século XXI, as mobilizações sociopolíticas espontâneas se apoderaram destas plataformas de comunicação para aumentar sua autonomia com relação aos governos e aos meios de comunicação majoritários.

Em alguns países os manifestantes e ativistas, devido aos aparatos que facilitam uma conectividade permanente, vem usando essas ferramentas para ampliar o impacto dos protestos sociais, em alguns casos, ativando revoluções, alimentando a resistência, impulsionando candidatos a presidência como também derrubando governos e regimes políticos (CASTELLS, 2009, p.455).

Howard Rheingold, em 2003, já tentava entender o que aconteceria quanto as comunidades virtuais migrassem dos computadores de mesa para os telefones móveis e descrevia a força de uma das primeiras manifestações smart mob:

No dia 20 de Janeiro de 2001, o Presidente das Filipinas, Joseph Estrada, foi o primeiro chefe de estado na história a perder o poder por uma ‘multidão inteligente’ (smart mob). Mais de um milhão de moradores de Manila, mobilizados e coordenados por uma onda de mensagens de texto disparados pelo site “People Power” (criado em 1986) afrontaram o regime de Marcos com manifestações pacíficas. Dezenas de milhares de filipinos convergiram para Av.Epifanio de Los Santos, conhecida como “Edsa”, uma hora após a primeira mensagem de texto ter sido lançada: “Vá para 2EDSA. Use preto”. Durante quatro dias mais de um milhão de cidadãos apareceram vestidos de preto. Estrada caiu. A lenda da “geração txt” tinha nascido. Derrubar um governo sem disparar um único tiro era uma demonstração prematura e momentânea do surgimento do comportamento smart mob (RHEINGOLD, 2003, p. 157¹²⁹).

Os telefones móveis, deste modo, se converteram em um componente chave para organização e mobilização de protestos sociais em todo mundo, desde jovens franceses de distintas etnias que enfrentaram a polícia em bairros da periferia até o ‘Movimento dos Pinguins’¹³⁰, organizado por estudantes chilenos em 2006, entretanto, o movimento na Espanha em março de 2004¹³¹ é o que melhor exemplifica a nova relação entre o controle e a autonomia das comunicações.

As smart mobs ganharam notoriedade depois da explosão de uma bomba dentro do metrô na Estação de Atocha em Madri, no mês de março de 2004, quando mais de cinco mil pessoas reuniram-se espontaneamente em frente ao quartel general do Partido Popular – partido do governo local – para protestar contra o que eles achavam ser uma falta de transparência na investigação sobre o bombardeio nos trens. Depois do ataque, o ministro principal do governo acusava o grupo separatista basco ETA¹³² como o responsável pelo atentado. Sendo conveniente para o Partido Popular que o ETA fosse acusado, a população

¹²⁹ Este tema foi desenvolvido no artigo de minha autoria: ‘Flash Mob: da interação em rede à intervenção urbana’ que pode ser lido em Schieck (2005).

¹³⁰ O ‘Movimento dos Pinguins’ foi protagonizado por estudantes secundaristas, mobilizados nacionalmente, que entraram em greve, tomaram as escolas, gritaram palavras de ordem que sintetizavam um discurso político há muito tempo ausente do cenário estudantil chileno (ZIBAS, 2008, p.199; GOHN, 2008, p.441).

¹³¹ Este tema foi também desenvolvido em outro artigo de minha autoria: ‘Flash mobs e Smart mobs: uma análise do cenário das metrópoles contemporâneas’ que pode ser lido em Schieck (2008).

¹³² O ETA (sigla em língua basca para Euzkadi Ta Azkatasuna, Pátria Basca e Liberdade) luta para formar uma entidade independente no País Basco, região que compreende uma porção do nordeste da Espanha e uma pequena parte do sudoeste da França.

sente-se enganada e organiza o protesto em questão de horas utilizando as mensagens de texto (SMS) distribuídas pelo celular¹³³.

Neste caso, a atual forma de protesto, resistência e a mobilização espontânea, tiveram origem na indignação com as propaladas mentiras divulgadas sobre o ataque terrorista de Al Qaeda em Madrid. A consequência do movimento foi a derrota eleitoral do presidente Aznar que, segundo Castells, era um dos defensores incondicionais da política do presidente americano George W. Bush (CASTELLS, 2009, p.455).

Este tipo de ação auto-organizável, que emerge nas cidades, intensifica ainda mais o potencial politicamente revolucionário que o ciberespaço já possuía através das comunidades virtuais (VALENTIM, 2005, p.235), numa clara demonstração da capacidade das pessoas em agir de forma competente e coordenada conforme interesses comuns.

Ressaltamos que não é relevante para esta pesquisa se a reivindicação em Madrid foi orquestrada pela oposição através da companhia PRISA, proprietária da rádio SER e do jornal El País, para desestabilizar o governo dias antes do processo eleitoral ou se organização foi realmente espontânea¹³⁴. Neste caso, não pretendemos atribuir os efeitos políticos somente à mobilização, no caso a derrota do partido da situação, mas concordamos que as tecnologias móveis, atualmente, são um importante instrumento de mobilização¹³⁵.

A questão aqui se torna instigante, por entendermos que a análise das ações aqui propostas, além de estarem diretamente atrelados as novas formas de atuação política, já era antecipada quando do surgimento dos PCs e posteriormente a rede. Afinal, como descrevemos no capítulo anterior, a origem da rede esteve muito mais voltada para uma política de auto-organização do que concentrada nas grandes empresas, a internet ao sofrer constantes transformações e atualizações foi, num primeiro momento, uma adaptação das necessidades de jovens cientistas que acreditavam poder mudar o mundo, aliado ao desejo de explorar novas fronteiras de conhecimento.

Neste sentido, afirmamos que, por estarmos no campo da Comunicação Social, nosso interesse se volta para o conteúdo informativo mediado pelas atuais tecnologias informacionais de comunicação e a possibilidade dos cidadãos cantarem “ao mundo sua luta

¹³³ Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/print/0,3858,4886990-110837,00.html>> Acesso em: 22 set. 2004

¹³⁴ Disponível em: <http://www.smartmobs.com/archive/2004/09/17/iv_were_spanish....html> Acesso em: 10 mar. 2005

¹³⁵ Uma análise bem detalhada deste movimento por ser vista em Manuel Casstells, 2009, pg. 456-466.

por novos modos de viver” (ANTOUN, 2001, p.16). Para tanto, nossa discussão teórica caminha ancorada não em apontar os possíveis desdobramentos políticos de cada movimento, mas sim em compreender e apontar as mudanças trazidas quando o indivíduo passa a utilizar as ferramentas disponíveis na rede e os telefones celulares para expandir sua voz e estabelecer deste modo um contrapoder.

A análise do processo de formação de um contrapoder, no entender de Castells, “é a capacidade de um ator social resistir e desafiar as relações de poder institucionalizadas” (CASTELLS, 2008b, online¹³⁶). Efetivamente as relações de poder

são de natureza conflituosa, do mesmo modo que as sociedades são diversas e contraditórias, [por isso], a relação entre tecnologia, comunicação e poder refletem valores e interesses opostos, e afetam uma pluralidade de atores sociais em conflito (ibid.id.).

Onde existe dominação existe também uma resistência à dominação, seja ela política, cultural, econômica, psicológica ou de outra índole. Sendo assim, nossa análise se volta para a emergência da autocomunicação da massa que diante do leque de possibilidades proporcionado pelas atuais TIC's, possibilita um maior envolvimento do indivíduo no que diz respeito à participação, coordenação e mobilização dos movimentos sociais contemporâneos.

Os exemplos que foram mapeados tiveram por objetivo ampliar nossa perspectiva analítica sobre a dinâmica atual de funcionamento de um contrapoder, de como as forças sociais utilizam as oportunidades oferecidas pela rede de comunicação distribuída para disseminar projetos autônomos individuais e uma política emergente que encontra um terreno favorável no âmbito da autocomunicação da massa. Em tais circunstâncias, pode-se dizer que “está se produzindo um novo exercício de poder no espaço da comunicação, ao mesmo tempo em que será necessário entrar numa batalha contra a vigilância na internet” (CASTELLS, 2008b, online). Porque o poder sempre esteve baseado no controle e, as vezes, na manipulação da informação. O grau de autonomia das pessoas para se comunicar, informar e organizar suas próprias redes de sociabilidade é muito mais potente com a internet. “Ela é a construção da autonomia da sociedade civil. Os governos sempre tiveram horror a isso” (CASTELLS, 2010, online¹³⁷).

¹³⁶ Disponível em: <<http://is.gd/bG5kzf>> Acesso em: 30 jun.2008.

¹³⁷ Disponível em: <<http://is.gd/RJLX6I>> Acesso em: 25 out. 2010

4.3 – Um pouco de estatística

Como assinalamos no capítulo anterior, a internet já pode ser considerada uma tecnologia antiga, porém sua difusão num curto espaço de tempo deveu-se a vários fatores: mudanças na sua regulamentação; abertura da banda larga; difusão dos computadores pessoais; programas fáceis de software que simplificam o acesso e a transmissão de conteúdo; a crescente demanda social de redes de todo tipo que surgiram das necessidades do mundo empresarial e pelo desejo do público de ter suas próprias redes de comunicação. Como resultado, o número mundial de usuários da internet ao redor do mundo passou de, aproximadamente, 40 milhões em 1995 (CASTELLS, 2009, p.97) para os atuais 1.97 milhões em 2010¹³⁸, um crescimento de 14% com relação ao ano anterior¹³⁹. Em dez anos a internet cresceu 444.8% e sua taxa de penetração global alcançou 28.7%. A América do Norte representou o maior índice com 77,4% enquanto a África apresentou o menor índice, 10,9%. A distribuição da internet banda larga segue desigual, nos países em desenvolvimento o volume é muito menor do que nos países desenvolvidos¹⁴⁰. No final de 2009 a taxa de penetração da banda larga nos países em desenvolvimento era de 4% comparado com 23% dos países desenvolvidos.

Em recente pesquisa publicada pela Nielsen Online¹⁴¹ constatou-se um aumento progressivo de 82 minutos no tempo gasto pelos internautas em blogs e sites de redes sociais. Em maio de 2009, comparado com anos anteriores, o aumento médio de minutos gastos foi na ordem de 67%. Em um ano o Twitter cresceu cerca de 1.448%. Em maio de 2008 o número de acessos era de 1,2 milhões, em um ano esse número saltou para 18,2 milhões de acessos. Neste mesmo período, o tempo gasto, em média, por pessoa, chegou a aumentar 175%. Em maio de 2008 eram gastos 6 minutos e 19 segundos um ano depois o tempo médio pulou para 17 minutos e 21 segundos. Segundo a agência, o Twitter foi a rede social que mais cresceu na web no ano pesquisado e não parou de crescer, em setembro de 2010, contava com cerca de 150 milhões de usuários em todo o mundo.

¹³⁸ Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>> Acesso em: 28 jan. 11.

¹³⁹ Disponível em: <<http://is.gd/HzFbMx>> Acesso em: 29 mar. 2011.

¹⁴⁰ Disponível: <<http://www.broadbandcommission.org/report1/report1.pdf>> Acesso em: 29 jan. 11.

¹⁴¹ Disponível em: <<http://blog.nielsen.com/nielsenwire/nielsen-news/twitter-grows-1444-over-last-year-time-on-site-up-175/>> Acesso em: 18 jun. 2009

Numa outra pesquisa realizada pelo Ibope/Nielsen Online¹⁴², foi constatado que 3,7 milhões de brasileiros acessaram o Twitter durante o mês de maio/2009, o que significa 10,7% do total de 34,5 milhões que teve acesso a internet durante este mês. No mês de março a taxa de usuários ficava na faixa de 38% e o Brasil o quinto país no ranking de usuários. Hoje, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking dos países que possuem o maior número de usuários.

No Shorty Awards – 2011, considerado o Oscar do Twitter, três brasileiros foram vencedores das suas 36 categorias: na categoria inovação, o ganhador foi René Silva Santos, adolescente de 17 anos que virou celebridade virtual depois de cobrir a ocupação do Morro do Alemão. Na categoria Notícias, o vencedor foi @LeiSecaRJ, perfil que divulga informações sobre blitz da Lei Seca e sobre o trânsito na cidade do Rio de Janeiro. Em 2010 o @LeiSecaRJ já tinha recebido a medalha Pedro Ernesto da Câmara de Veradores do Rio de Janeiro pelos serviços prestados durante a semana de chuvas no Rio de Janeiro¹⁴³. Já na categoria Políticos, a vencedora foi a ex-candidata à Presidência da República, Marina Silva¹⁴⁴.

Dados interessantes e abrangentes foram divulgados pela empresa Pingdom¹⁴⁵ sobre a internet em 2010, vejamos:

E-Mail

- 107 trilhões e-mails enviados em 2010.
- 294 bilhões e-mails enviados por dia.
- 480 milhões novos usuários de e-mail em 2010.
- 262 bilhões de spams por dia.

¹⁴² Disponível em: <<http://www.internessante.com.br/2010/01/16/brasil-e-o-segundo-lugar-em-numero-de-usuarios-no-twitter/>> Acesso em: 02 dez. 2010

¹⁴³ Disponível em: <<http://is.gd/6Rib3v>> Acesso em: 30 abr. 2010.

¹⁴⁴ Disponível em: <<http://is.gd/6dIJFr>> Acesso em: 29 mar. 2011.

¹⁴⁵ Disponível em: <<http://royal.pingdom.com/2011/01/12/internet-2010-in-numbers/>> Acesso em: 20 mar. 2011

Mídia Social

- 152 milhões de Blogs na Internet
- 25 bilhões de tweets em 2010
- 100 milhões criaram contas de twitter em 2010
- 7.7 milhões – de pessoas seguem @ladygaga, usuário com o maior número de seguidores
- 600 milhões – de pessoas faziam parte do Facebook no final de 2010.
- 250 milhões – criaram contas no Facebook em 2010.
- 30 bilhões de conteúdo são compartilhados no Facebook por mês (links, notas, fotos, etc.).
- 20 milhões de aplicativos para Facebook são instalados por dia.

Vídeos e Fotos

- 2 bilhões é o número de vídeos assistidos por dia no YouTube.
- 35 horas de vídeo são postadas a cada minute no YouTube.
- 2 bilhões de vídeos são assistidos por mês no Facebook.
- 20 milhões de vídeos são postados no Facebook por mês.
- 5 bilhões de fotos estão hospedadas no Flickr (Setembro de 2010).
- 3000 são postadas por dia no Flickr.
- 3 bilhões de fotos são postadas por mês no Facebook.

Partindo dos dados apresentados, apontamos um ensaio publicado por Sérgio Amadeu, onde ao analisar a convergência digital, a diversidade cultural e a esfera pública, o autor evidencia que no cenário dominado pelos mass media, o capital controla o lado da emissão e os canais de transmissão, mas destaca que,

(...) no cenário digital da forma como a internet foi estruturada, o capital controla a infraestrutura de conexão, mas não controla os fluxos de informação, nem consegue determinar as audiências. Também não pode impedir o surgimento de portais e sites independentes e desvinculados do poder político e econômico. Com o surgimento da blogosfera e de outras ferramentas colaborativas, o capital passa a ter que disputar as atenções como nunca ocorrera no capitalismo industrial (AMADEU, 2008, p.34).

Assim, continua Amadeu, mantidas as atuais regras de funcionamento da internet, qualquer pessoa, coletivo ou empresa pode criar novas soluções e conteúdos que possibilitem a obtenção das atenções e a elevação da audiência ultrapassando a obtida pelos grandes grupos. Ou ainda, como destaca Castells, a construção independente de significados só pode ser levada adiante se conservarmos esses terrenos comuns que são as redes de comunicação que a internet torna possível, “uma criação livre de amantes da liberdade” (CASTELLS, 2009, p.553). Não será uma tarefa fácil, porque quem ostenta o poder na sociedade em rede deve restringir a comunicação livre diante das redes comerciais e vigiadas com a finalidade de limitar a conexão entre a comunicação e o poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A luta por novos modos de viver

A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor
É o antro onde a liberdade
cria águias em seu calor.
Senhor, pois quereis a praça?
Desgraçada a população!
Só tem a rua de seu...
Castro Alves

Nosso trabalho se concentrou na observação dos atuais movimentos sociais, sobretudo na forma como eles se articulam e se organizam ao se apropriarem das tecnologias de comunicação e informação. Como destacado na introdução, partimos da premissa que os múltiplos efeitos dessas apropriações seguirão em um campo aberto para futuros e profícuos debates, afinal cabe recordar, que enquanto desenvolvíamos esta pesquisa vários foram os acontecimentos que desviaram nossa atenção, tais como os que pontuaremos a seguir. Certamente, se estivéssemos numa outra etapa da nossa observação teríamos parado para investigar de forma mais atenta e detalhada esses episódios.

No final de 2010 fomos surpreendidos pelo vazamento de vários documentos confidenciais do governo dos Estados Unidos pelo site Wikileaks, com forte repercussão mundial. Em seguida, a divulgação de documentos secretos das principais potências mundiais e de alguns países emergentes, como o Brasil, também incomodou e causou constrangimento. Segundo Castells (2010), o “vazamento de confidências é a fonte do jornalismo de investigação com que sonha qualquer meio de comunicação em busca de furos (online¹⁴⁶)”. A diferença, neste caso, é que os meios de comunicação estão inscritos num contexto empresarial e político suscetível a pressões quando as informações resultam comprometedoras. Daí a discussão acadêmica sobre se a comunicação pela internet é um meio de comunicação que tem consequências práticas. “Porque se o é (algo já estabelecido na investigação) está protegida pelo princípio constitucional da liberdade de expressão” (ibid., id.) e os veículos bem como os jornalistas deveriam se defender do Wikileaks porque um dia pode ser a vez deles.

¹⁴⁶ Disponível em: <<http://www.lavanguardia.es/opinion/articulos/20101211/54086305259/la-ciberguerra-de-wikileaks.html>> Acesso em: 16 dez. 2010

O que estava em questão era o controle dos governos sobre seus próprios vazamentos e sobre sua difusão por meios alternativos que escapam a censura direta ou indireta. Um tema tão surpreendente motivou uma reação sem precedentes nos Estados Unidos e uma grita mundial com apelos ao assassinato do fundador do WikiLeaks, Julian Assange. Esta cruzada se aliou a justiça sueca numa história rocambolesca onde as namoradas suecas de Assenge o denunciaram porque em pleno ato sexual consentido a camisinha rasgou e ele não quis interromper o coito. De acordo com a lei sueca isso poderia ser uma violação. A partir de tamanho ato de terrorismo sexual, a Interpol emite uma ordem de prisão com nível de alerta máximo, desmentindo que seja por pressão dos Estados Unidos (CASTELLS, 2010). E quando Assange se entrega em Londres no dia 07 de dezembro de 2010, o juiz não aceita fiança, talvez para enviá-lo aos Estados Unidos via Suécia¹⁴⁷.

Com Assenge preso, começaram as pressões que levaram o PayPal, Visa, MasterCard e o banco suíço do Wikileaks a fecharem suas contas, cancelarem seu domínio e a Amazon remover seus servidores. “A contra ofensiva internauta não fez por esperar” (ibid.id.). Os ataques de serviços de inteligência contra a rede Wikileaks fracassaram porque proliferaram as redes espelho, ou seja, cópias imediatas das redes existentes, mas com outro endereço. Dentre as mais de mil redes de espelhamento em funcionamento, destacamos, com muito orgulho, a participação do portal da Escola de Comunicação da UFRJ¹⁴⁸.

Numa represália a tentativa de silenciar o Wikileaks, um grupo que se autodenomina Anonymous, coordenou ataques DDoS, ou ‘Operação Payback¹⁴⁹’ como ficou conhecida, contra empresas e instituições que passaram a negar apoio ao Wikileaks, dentre elas: o site do MasterCard, do PayPal e do Visa. Milhares de voluntários se juntaram, inclusive eu, ao Facebook e ao Twitter para passarem informações adiante, mesmo com todas as restrições impostas, principalmente pelo Twitter que deletava contas criadas pelo Anonymous.

Como enfatiza Castells (2010), a segurança dos Estados não estava em jogo, porque nada do que foi revelado colocava em perigo a paz mundial ou era ignorado nos círculos de poder. O que se debate é o direito do cidadão saber o que fazem e o que pensam seus governantes. “É a liberdade de informação nas novas condições da era da internet” (online).

¹⁴⁷ No dia 14/12/10 a fiança foi concedida, mas a Suécia entrou com pedido de apelação.

¹⁴⁸ Disponível em: <<http://is.gd/v4HLu8>> Acesso em: 11 dez.2010.

¹⁴⁹ Disponível em: <<http://is.gd/jlY0Ey>> Acesso em: 10 dez.2010.

Michel Foucault numa entrevista concedida em 1984 ao jornal *Le Monde*¹⁵⁰, antecipava o debate ao dizer que “certamente, não podemos exigir de um governo que ele diga a verdade, toda a verdade e só a verdade”. Em contrapartida, podemos exigir dos governantes uma “certa verdade com relação aos projetos finais, as escolhas gerais de sua tática, a um certo número de pontos particulares de seu programa: é a parrhesía (a livre palavra) do governado” (FOUCAULT, 1994). Enquanto cidadãos, alertava Foucault, podemos e devemos interpelar o governo sobre o que ele faz, o sentido de sua ação, as decisões que ele toma, tudo em nome do saber da experiência que nós temos.

Diante deste debate, Castells assegura que a ciberguerra começou inaugurando uma nova etapa da comunicação política. O que estamos assistindo é uma ciberguerra entre os Estados e a sociedade civil internauta. “Nunca mais os governos poderão estar seguros de manter seus cidadãos na ignorância de suas manobras. Porque enquanto houver pessoas dispostas a fazer leaks e uma internet povoada por wikis surgirão novas gerações de wikileaks” (CASTELLS, 2010).

A revolta árabe:

Um mês depois, em janeiro de 2011, outro acontecimento chamou nossa atenção. Durante algumas semanas ficamos observando os desdobramentos dos movimentos de protesto que se desenvolveram na Tunísia e em seguida no Egito. As insurreições populares terminaram em poucos dias com a ditadura de Bem Ali na Tunísia e com a presidência de Hosni Mubarak no Egito. Como peças enfileiradas de dominó, manifestantes também saíram as ruas árabes na Líbia, Iêmen, Argélia, Jordânia, Bahrain e Omã.

Materializou, talvez como nunca antes, a conhecida ideia de que informação é poder. Mais do que isso, foi possível perceber que a noção de informação que tínhamos no século passado – hierárquica, unidirecional, assíncrona – deu lugar a uma versão contemporânea: bidirecional, síncrona e, o mais importante, em rede. Três novas características alteram desde como se estrutura o poder no topo do Estado a como se articula o descontentamento social na rua.

¹⁵⁰ Disponível em: < <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/estetica.pdf> > Acesso em: 25 jul. 2007

Revolução do Twitter ou do Facebook? Não exatamente. A rede, e uma capacidade nunca vista de organização, dotaram o cidadão de uma nova ferramenta que necessariamente diminui o poder do Estado. Tira sua capacidade de controle e desgasta seu monopólio sobre certos tipos de informação. A natureza ubíqua e descentralizada da rede, seus múltiplos nós (que quase sempre encontram uma forma de contornar a censura) e sua capacidade para estabelecer conexões entre milhões de pessoas em tempo real, estão criando novos mecanismos que subvertem o poder do Estado ao mesmo tempo em que dotam de novos canais para exercer a cidadania.

Manuel Castells (2011), reforça e explica que a transformação das tecnologias de comunicação e informação criam novas possibilidades para auto-organização e para automobilização da sociedade, superando as barreiras da censura e da repressão impostas pelo Estado. “Claro que não depende apenas da tecnologia. A internet é uma condição necessária, mas não suficiente. As raízes da rebelião estão na exploração, opressão e humilhação” (online¹⁵¹). Entretanto, a possibilidade de rebelar-se sem ser esmagado de imediato dependeu da densidade e rapidez da mobilização e isto está relacionado com a capacidade criada pelas tecnologias que Castells denomina como ‘auto-comunicação das massas’.

Em sua fala, Castells (2011) continua esclarecendo que as insurreições populares no mundo árabe são um ponto de inflexão na história social e política da humanidade. “E talvez a mais importante das muitas transformações que a internet induziu e facilitou, em todos os âmbitos da vida, da sociedade, da economia e da cultura” (online). Estamos apenas começando, porque o movimento se acelera, embora a internet, como vimos no capítulo três, seja uma tecnologia antiga, implantada pela primeira vez em 1969.

Os jovens desempenharam um papel chave nas insurreições populares do mundo árabe. O uso das TIC's como um meio privilegiado para disseminar formas de expressão política, coloca em destaque o cidadão comum como sua unidade básica, que diante desta nova exposição, passa a se revelar como o autor de uma nova realidade, ou seja, como “os verdadeiros protagonistas da história” (HARDT e NEGRI, 2005, p.99). Ao se comunicarem por seus meios habituais, internet e celular e ganhando as ruas, os jovens egípcios, formaram um movimento espontâneo, pouco islâmico, sem líderes e majoritariamente jovem dentro de

¹⁵¹ Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco/>> Acesso em: 03 mar. 2011.

um contexto de lutas sociais e oposição, até então contido pela repressão (CASTELLS, 2011b, online¹⁵²).

Marc Prensky denomina os atuais protagonistas como nativos digitais os indivíduos que representam a primeira geração que cresce imersa nas atuais tecnologias de comunicação e informação, ou seja, como aqueles que não conseguem compreender o mundo sem a utilização das tecnologias disponíveis, por estar totalmente incorporada e inserida no seu cotidiano. Por outro lado, o autor vai classificar como imigrantes digitais aqueles que não nasceram imersos no mundo digital, mas que, num determinado momento, se viram atraídos pelas tecnologias. Os imigrantes digitais terão sempre que se adaptar ao ambiente e adquirir novos aprendizados, enquanto para os nativos digitais a evolução tecnológica fará sempre parte do processo natural do seu desenvolvimento (PRENSKY, 2001, online¹⁵³). Aqui, neste contexto, podemos utilizar como ilustração a greve dos estudantes da USP tal como descrevemos no quarto capítulo.

Castells, a fim de contextualizar o acesso a internet pela população egípcia, aponta uma recente pesquisa (2010¹⁵⁴) onde cerca de 40% dos egípcios maiores de 16 anos estão conectados à internet - se levarmos em conta não apenas as ligações domiciliares, mas também os cibercafés e os centros de estudo. Entre os jovens urbanos, as taxas chegam a 70%. Além disso, 80% da população adulta urbana esta conectada por celulares. De qualquer maneira, um país com 80 milhões de habitantes, ainda que apenas um quarto deles estivessem conectados, já poderia haver milhões de pessoas nas ruas. Nem todo o Egito se manifestou, mas um número de cidadãos suficiente para que se sentissem unidos, e pudessem derrotar o ditador.

A história da brecha digital em termos de acesso é velha, falsa hoje em dia e rabugenta. Parte de uma predisposição ideológica de certos intelectuais interessados em minimizar a importância da internet. Há 2 bilhões de internautas no planeta, bilhões de usuários de celulares. Os pobres também têm telefones móveis e existem ainda outras formas de acessar a internet. A verdadeira diferença se dá na banda e na qualidade de conexão, não no acesso em si, que está se difundindo com rapidez maior que qualquer outra tecnologia na história (CASTELLS, 2011, online).

¹⁵² Disponível em: <<http://is.gd/dzfUNb>> Acesso em: 20 fev. 2011b.

¹⁵³ Disponível em: <<http://is.gd/rz4Uw>> Acesso em: 16 ago. 2006.

¹⁵⁴ Disponível em: <[http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-omeco/](http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco/)> Acesso em: 03 mar. 2011.

Quebradas as hierarquias e pulverizado o modelo que sustentou a emissão vertical da informação durante séculos, a chave do novo modelo é a democratização da emissão unida a velocidade permitida pelas novas ferramentas. A praça pública fica ao mesmo tempo mais acelerada e mais plana. É o poder de ter acesso a informação adequada no momento adequado. Não importa se a plataforma é o Facebook, o Twitter ou a TV Al-Jazeera; é do conjunto da rede e das sinergias que ela provoca que emana esta nova forma de poder (online¹⁵⁵).

Na tentativa de sufocar as insurreições populares, o governo egípcio desconectou toda a rede, mas não obteve sucesso. A desconexão não funcionou: canais alternativos foram usados, como a rede Tor; as linhas de telefone fixo se conectaram por modem com o exterior e de lá com o Egito; com ajuda do Google, Twitter e outros, por meio do fax e rádio de ondas curtas, foi possível produzir várias redes de comunicação (Castells, 2011b). Além do custo econômico e funcional da desconexão da internet ser muito alto. Também por esse motivo tiveram que restaurá-la rapidamente.

Aproveitamos para recordar que no Irã, mesmo com toda censura à imprensa internacional e as tentativas de bloquear a internet, o governo iraniano não conseguiu impedir a proliferação de mensagens pela rede que abasteceu as pautas das principais agências de notícias em todo o mundo. A secreta linha de comunicação via Internet permaneceu ativa graças ao software FreeGate¹⁵⁶, enquanto internautas, sites, blogs e portais se colocaram a serviço da oposição a reeleição de Ahmadinejad.

Ao retomarmos a questão do Egito lembramos que o exército foi um fator determinante, mas só porque a revolta popular, legítima e pacífica, sem tons islâmicos nem liderança política, criou uma situação em que só uma repressão maciça e sangrenta poderia conter a mudança. Por outro lado, os comandantes mais jovens não teriam seguido a cúpula corrupta militar que, no controle da situação, ainda pensa em manipular a transição em seu proveito. “Mas o decisivo foi que os cidadãos, começando por alguns bravos, venceram o medo” (CASTELLS, 2011b). E essa conquista se produziu nas várias redes de comunicação, na internet e nas ruas, onde eles construíram e sentiram sua comunidade.

¹⁵⁵ Disponível em: <http://www.magazinedown.com/Jornal-O-Globo---12-de-fevereiro-de-2011_41900.html> Acesso em: 12 fev. 2011.

¹⁵⁶ Disponível em: <<http://www.internetfreedom.org/>> Acesso em: 18 jun. 2009.

Sem dúvida as lições vão além do mundo árabe. A organização por SMS após os atentados de 11 de março na Espanha, como vimos anteriormente; a campanha presidencial de Obama em 2008; os protestos no Irã contra a reeleição do presidente Ahmadinejad; o impacto do Wikileaks, como descrito acima, e, recentemente, a Tunísia e o Egito. Todos fazendo parte de uma mesma tendência na qual o poder das redes começa a abalar as certezas políticas mais enraizadas.

Recapitulando

“Algo há a fazer, ou melhor, a pensar. Pois o fim de um pensamento não é o fim da possibilidade de inventar; pois não temos o direito de desprezar o presente”. Ieda Tucherman

Tomando como base os movimentos observados pode-se constatar que a internet constitui-se num espaço democrático por estarmos diante da multiplicação da circulação das informações num curto espaço tempo e que um dos atributos próprio de nossa época é a aceleração. “Com efeito, seu traço distintivo com respeito a outros períodos históricos não seria o poder de deslocar grandes massas materiais, mas manipular instantaneamente, sem qualquer retardo apreciável, quantidades maciças de comunicação” (OLIVEIRA, 2003, p.65).

Inicialmente partimos da ideia de que deveríamos buscar ferramentas teóricas que nos auxiliassem numa definição mais pontual para os atuais movimentos sociais. Entretanto, logo no início observamos que este campo de pesquisa é um campo de disputa entre várias teorias e abordagens interpretativas e que resolver esta possível falta de consenso demandaria uma pesquisa mais atenta como certamente a elaboração de outra tese. Como vimos, ao longo do primeiro capítulo, toda mudança paradigmática associava os movimentos sociais as transformações da sociedade industrial e aos amplos processos de mudança histórica. Era comum investigar as ações de grupos revoltosos “em setores recortados da sociedade, como bairros específicos, fábricas e grupos ocupacionais” (BATALHA, 2009, online¹⁵⁷). A partir da década de 60, os modelos clássicos se tornaram antiquados na medida em que os movimentos sociais que emergiam a superfície política se tornavam cada vez mais complexos e diversificados. Assim, surgem outras correntes interpretativas que entram em disputa por um campo mais favorável ao entendimento das transformações sociais.

¹⁵⁷ Disponível: <<http://www2.pucpr.br/ssscla/anais.htm>> Acesso: 10 mai. 2009.

A partir da década de 80 o papel da mídia ou da comunicação dos movimentos sociais com a sociedade é colocado em pauta. Deste modo, a mídia passava a ser percebida como exercendo um papel determinante para o sucesso das ações políticas dos atores sociais: “tanto na publicização das demandas, a visibilidade das ações públicas e a formação de uma opinião e apoio externo com a sociedade” (BATALHA, 2009; TARROW, 2009).

Este nosso recuo teórico em busca de uma conceituação e categorização analítica para os atuais movimentos sociais, nos levou a uma aproximação com o sociólogo Manuel Castells, principalmente quando este diz que todos os movimentos são sintomas de nossas sociedades, e todos causam impacto nas estruturas sociais em diferentes graus de intensidade e resultados distintos que devem ser determinados por meio de pesquisas (CASTELLS, 2006, p.96). Todos os movimentos sociais representam indícios significativos de novos conflitos sociais, germes de resistência social e, em alguns casos, de transformação social ou ainda como destaca Melucci (1996), os movimentos sociais são um sinal, eles não são meramente o resultado de uma crise, como profetas eles falam antes: anunciam o que está tomando forma mesmo antes de sua direção e conteúdo tornarem-se claros. “Os movimentos contemporâneos são os profetas do presente” (p.43).

Em seguida passamos para uma análise dos movimentos sociais da década de 60/70 e identificamos através de uma intensa e longa descrição o momento no qual assistimos uma ruptura com o quadro referencial existente e a inauguração de novos discursos. O jovem que recusava a repetição da sociedade-fábrica, uma das características principais da sociedade disciplinar, trazia para o seu cotidiano novas formas de mobilidade e flexibilidade que acabaram se traduzindo em novos estilos de vida. As inúmeras transformações ocorridas a partir da metade do século XX nos fez lembrar uma advertência feita por Michel Foucault quando no fim de sua vida anunciava que era necessário preservar o que se produziu nos anos 60 e no início dos anos 70 como uma forma de resguardar a existência de uma criação e de uma experimentação, de uma inovação política fora dos grandes partidos políticos. Por isso, alertava o filósofo, não devemos somente nos defender, mas nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa. Essas mudanças estando atrelada a numerosos movimentos que surgiram e que transformaram nossas vidas, devem ser vistos como algo de muito importante e positivo, pois “não são as velhas organizações políticas tradicionais e normais que permitem esse exame” (FOUCAULT, 1984, online).

Partindo desta afirmação de Michel Foucault fomos buscar referenciais teóricos que contemplassem nosso interesse sobre os movimentos que escapam dos grandes partidos políticos e se apresentam como uma inovação política. Assim, junto ao professor e filósofo Guilherme Castelo Branco, foi possível perceber que o último Foucault¹⁵⁸ (1978-1984) ao ressaltar o papel das coletividades nas lutas por transformação das estruturas de poder vigentes, observava para além da analítica do poder e concedia “aos pequenos e múltiplos movimentos de contestação [um] papel importante e decisivo para o futuro da vida sociopolítica, fora do quadro programático dos partidos políticos estabelecidos e das formas de ação instituídas” (BRANCO, 2001, online¹⁵⁹). O espírito que animava o trabalho do último Foucault, segundo Branco, era a possibilidade de transformação do mundo por intermédio de práticas contestadoras. “Ele [Foucault] passa a estudar o papel das resistências, em todas as suas dimensões, na trama complexa das relações de poder na atualidade, seus antecedentes históricos e suas perspectivas de êxito” (BRANCO, 2001). O interesse de Foucault passa a ser os combates e as lutas inerentes às relações de poder, e não a descrição das grandes articulações institucionais e políticas que formam as grandes estruturas de poder e que persistiram num largo espaço de tempo.

Desde então, Foucault, passa a considerar que as resistências ao poder devem ser entendidas como aquelas que visam à defesa da liberdade. E aqui cabe chamar a atenção: nada mais diferente daquilo que comparece em suas fases iniciais, em que os indivíduos pouco ou nada têm a fazer nas lutas de transformação do mundo social e político (ibid.,id.).

Neste momento Foucault restaura o lugar e o papel dos indivíduos, dos indivíduos éticos, sensíveis e racionais, no quadro das lutas políticas. Em todo caso, é o indivíduo, ontologicamente considerado, que “é livre porque sente, pensa e age: a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida que a liberdade assume” (FOUCAULT In Branco, 2001). O índice da liberdade, todavia, não é para ser entendido como uma petição de princípio meramente teórica; deve ser elucidado no plano das lutas sociais, precárias, contingentes, móveis.

O campo da liberdade é o da práxis, é o da ética encarnada: o que eu quero analisar são práticas, é a lógica imanente à prática, são as estratégias que

¹⁵⁸ Última fase do pensamento de Michel Foucault, principalmente no que se refere a década de 80 (VEYNE, 1985).

¹⁵⁹ Disponível em: < <http://is.gd/bnti5A> > Acesso em: 18 out. 2009.

sustentam a lógica dessas práticas e, por conseguinte, a maneira pela qual os indivíduos, livremente, em suas lutas, em seus afrontamentos, em seus projetos, constituem-se como sujeitos de suas práticas ou recusam, pelo contrário, as práticas que se lhes são propostas. Eu acredito solidamente na liberdade humana (ibid.,id.).

Aqui, Foucault se mostra interessado em contribuir para o processo criativo das lutas de resistência que constituem uma nova economia das relações de poder, pois tudo isto está diretamente ligado a uma prática e a estratégias que são, por sua vez, móveis e se transformam (BRANCO, 2008, online). A criatividade das estratégias e das lutas, portanto, decorrem das artimanhas da liberdade. Sua investigação, a partir desse contexto, “consiste em tomar as formas de resistência aos diferentes tipos de poder como ponto de partida” (FOUCAULT In Branco, 2008). Os termos da oposição entre resistência, liberdade e relações de poder são postos por Foucault, de maneira bastante evidente: quando se define o exercício do poder como um modo de ação sobre a ação dos outros, quando caracterizamos pelo ‘governo’ dos homens uns sobre os outros, inclui-se, nesse caso, um elemento importante: a liberdade.

O poder não se exerce senão sobre “sujeitos livres” e enquanto são “livres” – entendamos por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades no qual muitas condutas, muitas reações e diversos modos de comportamento podem ter lugar. Onde as determinações estão saturadas, não há relações de poder: a escravidão não é uma relação de poder quando o homem está acorrentado (trata-se, então, de uma relação física constrangedora), mas somente quando o homem pode movimentar-se e, no limite, fugir (FOUCAULT, 1995, p.244).

Não existe luta possível entre liberdade e poder num regime de terror, designados por Foucault, de maneira genérica, como os regimes autoritários e burocráticos. A força pode impedir, mas não constituir uma impossibilidade para a liberdade, por sua condição ontológica, ela é insubmissa e por dizer sempre não as forças que procuram, senão aprisioná-la, formatá-la e controlá-la.

A liberdade somente pode se externar em um espaço público no qual estejam garantidas as condições mínimas para seu exercício, e estas somente podem ser dadas num ambiente explícito de tolerância político-social ao exercício da liberdade (BRANCO, 2008).

Neste sentido, as lutas de resistência, em particular a da individuação, são lutas pela autonomia e emancipação, exigindo para tal um trabalho contínuo e “sem descanso de

afrontamento dos processos de autonomização contra as técnicas de individuação e normalização” (BRANCO, 2001, p.246). Assim, a autonomia, tal como pensada por Foucault, deve ser considerada como uma esfera pública não restritiva, dependente apenas do grau de autonomia e liberdade de cada um dos membros da comunidade e da sociedade. “Espaço público, bem entendido, conquistado passo a passo pela recriação e reinvenção constantes de novas formas de sociabilidades e novos estilos de existência” (ibid., p.247).

Entendemos deste modo, que o poder¹⁶⁰ só se exerce sobre ‘sujeitos livres’, enquanto ‘livres’ - entendendo-se por isso “sujeitos individuais ou coletivos que tem diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 1995, p.245). Não há um confronto entre poder e liberdade ou uma relação de exclusão (onde o poder se exerce, a liberdade desaparece); mas um jogo muito mais complexo: “neste jogo a liberdade aparecerá como condição de existência do poder ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça (...)” (ibid., id.). No centro da relação de poder, provocando-o incessantemente, encontra-se a resistência do querer e a intolerância da liberdade.

Ao partirmos da premissa que a internet proporciona uma importante plataforma para autonomia política quando da utilização de canais de comunicação independentes e, fundamentalmente, “pelo surgimento da autocomunicação e pela possibilidade dos movimentos sociais construírem sua autonomia ao fazer frente às instituições da sociedade impondo seus próprios projetos” (CASTELLS, 2008, p.02). Retrocedemos ao surgimento da internet a fim pontuarmos que, nas quatro últimas décadas, o uso das atuais tecnologias de comunicação passou por três estágios distintos: a automação de tarefas, as experiências de usos e a reconfiguração das aplicações, sendo que nesses dois primeiros estágios, o progresso da inovação tecnológica baseou-se no ‘usando’. No terceiro estágio, os usuários aprenderam a tecnologia fazendo, os conhecidos hackers ao descobrirem novos aplicativos e aplicações acabaram reconfigurando a rede. Podemos perceber que o ciclo entre a introdução de uma nova tecnologia, seus usos e seus desenvolvimentos em novos domínios tornou-se muito mais rápido. Em 2000, Castells chamava atenção para o índice de penetração da internet em

¹⁶⁰ Segundo Deleuze (2005), Foucault desenvolve uma concepção de poder baseada em três afirmações: “o poder não é essencialmente repressivo (já que ele incita, suscita, produz); ele se exerce antes de se possuir (já que só se possui sob uma forma determinável – classe – e determinada – Estado); passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes (já que passa por todas as forças em relação)” (p. 79).

comparação com qualquer outro meio de comunicação na história: “nos Estados Unidos, o rádio levou trinta anos para chegar a sessenta milhões de pessoas; e a TV alcançou esse nível de difusão em 15 anos; a internet o fez em apenas três anos após a criação da teia mundial” (CASTELLS, 2003, p.439).

No ambiente da primeira web vimos surgir o Zapatismo que culminou com a marcha a cidade do México, as grandes manifestações contras as redes globais de regulamentação iniciadas em Seattle, os Fóruns Mundiais iniciados no Brasil, que tiveram sua apoteose em 2001 na cidade de Gênova. Sem esquecer, claro, que John Arquilla e David Ronfeldt, pesquisadores militares ligados à RAND Corporation¹⁶¹, em 1993, designavam um modo emergente de luta e conflito surgido na sociedade contemporânea a partir da revolução tecnológica com a construção do ciberespaço. A guerra em rede seria o oposto correlato ao conceito guerra do controle (cyberwar), também gerado por eles na mesma ocasião, ambos constituindo grande parte do campo da guerra da informação (infowar) no mundo atual (ANTOUN, 2004, p.210).

Muitos acreditaram, dentre eles publicitários, marketeiros e empreendedores, que com o estouro da bolha das empresas ponto.com em 2001, a internet iria sucumbir. Os usuários se transformariam em sócios das empresas através de sua cooperação interessada, na mesma medida em que as empresas reconhecessem o valor da livre expressão e participação. A cooperação, a colaboração e a livre expressão seriam instrumentos desta nova web, que uniria empresários e usuários através da livre comunicação em um poderoso ambiente de negócios cooperativos e integrados (ANTOUN, 2008, p.19).

Para além desta visão de transformação mercadológica, em 2003 essa nova web foi capaz de mostrar seu poder político, auxiliando os movimentos contra a guerra do Iraque ao promoverem a primeira manifestação internacional descentralizada através do blog MoveOn (ibid.,id., p.22). Pouco depois, ela mostra novamente sua força, arrecadando através do blog ‘Dean for América’, milhões de dólares provenientes de pequenas contribuições para o candidato a indicação do partido democrata, Howard Dean, em 2004. Tal como vimos ao longo desta pesquisa, vários foram os exemplos de movimentos que demonstraram força

¹⁶¹ O Projeto RAND Corporation surgiu após a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de dar continuidade as pesquisas desenvolvidas durante a guerra. Em 1948 a RAND foi criada para ser uma empresa independente, sem fins lucrativos, com o intuito de promover pesquisas científicas para ajudar os indivíduos, as famílias e as comunidades de todo mundo a ficarem mais seguros. Disponível em: <<http://www.rand.org/about/glance.html>> Acesso em: 05 jan. 2011.

política ao utilizarem as plataformas disponíveis na atual web. Não esquecendo de apontar que Castells, ao analisar a repercussão do caso Wikileaks, considera que estamos vivenciando não uma ciberguerra entre Estados como esperado, mas sim uma guerra entre Estados e os cidadãos conectados, ou seja, uma guerra da informação (infowar).

Finalmente no quarto e último capítulo, desenvolvemos nossos estudos de caso a fim de explorarmos a hipótese de que as atuais tecnologias de comunicação transformam a relação entre o poder institucionalizado e a política emergente de organização e manifestação dos movimentos sociais contemporâneos. A informação disseminada ou distribuída permite a construção de uma narrativa própria que ajuda a coordenar a ação comum coletiva. Deste modo, podemos conjecturar, que a liberdade, a criatividade e a disseminação do conhecimento e da informação através da internet podem determinar uma mudança na estrutura dos padrões estabelecidos. Ao invés de criar proibições, deve-se estimular as possibilidades e a responsabilidade de cada cidadão cultivando sua atuação no mundo, empreendendo projetos, imaginando o que não existe, subvertendo a ordem, construindo e reconstruindo.

Em linhas gerais, enquanto na década de 60 assistimos a constituição de novos sujeitos na história, identificados como prisioneiros, loucos, gays, jovens e estudantes que inauguravam novos discursos e projetos ao romperem com uma sociedade tradicionalmente hierarquizada, atualmente estamos assistindo a constituição de novos sujeitos sociais que utilizam a experiência do ambiente em rede não só para se reunirem mais também para expressarem seus anseios (CAVALVANTI e SCHIECK, 2008).

“Vocês me dizem que isso é utópico, eu peço a vocês que me digam precisamente por quê? (...) Utopia não é a invenção do que não existe mais, é uma forma de ver alternativamente o que pode existir, de concebê-lo previamente” (MOSCOVICI, 2007, pg.79).

Referências Bibliográficas

ALEXANDER, Jeffrey C. **Ação Coletiva, Cultura e Sociedade Civil** – Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, vol.13, n.37, 1998. Licença Creative Commons.

Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200001&script=sci_arttext&tlng=en>

Acesso: 03 abr. 2010.

ALONSO, Angela. **As Teorias dos Movimentos Sociais**: um balanço do debate. Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009.

Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a03.pdf>> Acesso: 05 ago.2010.

AMADEU, Sérgio. **Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública**. In: PRETTO, Nelson e AMADEU, Sérgio (org.) Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

Disponível em: <<http://rn.softwarelivre.org/alemredes/wp-content/uploads/2008/08/livroalemredes.pdf>>

Acesso em: 28 ago. 2008.

ANTOUN, Henrique e MALINI, Fábio. **Ontologia da liberdade na rede**: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XIX Encontro da Compós, na PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010. Disponível em:

<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=14&mmenu=6&gm=int>i=arql&ordem=3&grupo1=9D> Acesso em: 10 jun. 2010.

ANTOUN, Henrique. **As transformações da participação na sociedade hiperconectada**. In:

ANTOUN, Henrique (org.). Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

_____. **De uma teia à outra**: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa. In: ANTOUN, Henrique (org.). Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

_____. **Democracia, multidão e guerra no ciberespaço**. In: PARENTE, André (org.). Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia**. Revista Famecos, (16), PUC-RS, Porto Alegre, 2001. p.135-148 Disponível: <www.pucrs.br> Acesso em: 30 abr. 2004.

ARQUILLA, John e RONFELDT, David. **Networks, Netwars, and the Fight for the Future**. First Monday, volume 6, number 10, October 2001. Disponível em:

<<http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/889/798>> Acesso em: 28 set. 2004.

_____. **Cyberwar is coming!** Comparative Strategy, 12 (2): 141-65.

Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR880/MR880.ch2.pdf> Acesso em: 05 out. 2004.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BATALHA, Marcelo. **Política na Internet e controle digital**: notas sobre uma rede ativista. *In*: Anais do Simpósio Interdisciplinar na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. Vigilância, Segurança e Controle Social na América Latina, 04 a 06 de março de 2009. Disponível: <<http://www2.pucpr.br/sssccla/anais.htm>> Acesso: 10 mai. 2009.

BRANCO, Guilherme Castelo. **Estética da existência, resistência ao poder**. Revista Exagium - Revista Eletrônica de Filosofia, vol.I, abril 2008. Disponível: <<http://www.revistaexagium.com/1/1.html>> Acesso: 15 out.2009.

_____. **As Resistências ao poder em Michel Foucault**. Revista Trans/Form/Ação, Unesp, São Paulo, 24: 237-248, 2001. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732001000100016> Acesso: 18 out. 2009

BRANT, J. (2008) **O lugar da educação no confronto entre colaboração e competição**. *In*: PRETTO, N. e AMADEU, S. (org.) Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA. Disponível: <<http://rn.softwarelivre.org/alemdasredes/wp-content/uploads/2008/08/livroalemdasredes.pdf>> Acesso em: 28 ago. 2008.

CASTELLS, Manuel. **Anatomía de una revolución**: no fue una revolución por internet, pero sin internet esta revolución no se hubiera producido. Artigo publicado no jornal La Vanguardia.com, em 19 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.es/opinion/articulos/20110219/54117604837/anatomia-de-una-revolucion.html>> Acesso em: 20 fev. 2011b.

_____. **O poder na ponta de uma antena**. Entrevista ao portal de informação 'Esquerda.net', Lisboa (Portugal), em 04 de abril de 2011.

Disponível em: <<http://www.esquerda.net/artigo/%E2%80%9C-redes-sociais-ajudam-democracia%E2%80%9D>> Acesso em: 06 abr. 2011.

_____. **La ciberguerra de Wikileaks**. Artigo publicado no Jornal La Vanguardia.com em 11 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.es/opinion/articulos/20101211/54086305259/la-ciberguerra-de-wikileaks.html>> Acesso em: 16 dez. 2010.

_____. **'Se um país não quer mudar, não é a internet que irá mudá-lo'**. Entrevista publicada no Jornal Folha de São Paulo, Caderno Eleições, em 21 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/801906-se-um-pais-nao-quer-mudar-nao-e-a-internet-que-ira-muda-lo-diz-sociologo-espanhol.shtml>> Acesso em: 25 out. 2010.

_____. **Communication Power**. United States: Oxford University Press Inc., New York, 2009.

_____. **Comunicación, poder y contrapoder en la sociedad red (II)**. Los nuevos espacios de la comunicación. Cuadernos de comunicación, tecnología y sociedad, ISSN 0213-084X, Nº. 75, 2008. Disponível: <robertoigarza.files.wordpress.com/.../art-comunicacion-poder-y-contrapoder-en-la-sociedad-red-ii-castells-2008.doc> Acesso em: 10 out. 2009.

_____. **Communication, Power and Counter-power in the Network Society**. International Journal of Communication, volume 1, University of Southern California, 2007. Disponível: <<http://ijoc.org>> Acesso em: 10 jul. 2008.

_____. **El poder tiene miedo de Internet**. Entrevista publicada no Jornal El País – Madri (Espanha), em 06 de janeiro de 2008b.

Disponível em:

<http://www.elpais.com/articulo/reportajes/poder/tiene/miedo/Internet/elpepusocdmg/20080106elpdmgrep_5/Tes> Acesso em: 30 jun. 2008

_____. **A era da intercomunicação**. Le Monde Diplomatique – Brasil, ago. 2006b.

Disponível em: <http://dipl.uol.com.br/2006-08,a1379> Acesso em: 20 de outubro de 2006.

_____. **A Galaxia da Internet**: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. **A sociedade em rede**. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **O Poder da Identidade**. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAVALCANTI, Cecília e SCHIECK, Mônica. **O sujeito e a história**: os movimentos sociais e a organização em rede. Verso e Reverso – Revista da Comunicação. Ano XXII - 2008/1 - Número 49. Disponível: <<http://www.versoereverso.unisinos.br>> Acesso em: 25 jul. 2008

CAVALCANTI, Cecilia C. B. **O conhecimento em exposição**: Novas linguagens da comunicação como construção multidirecional de conhecimento e de percepção do mundo contemporâneo Tese de Doutorado defendida na UFRJ/CFCH/ECO, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

COHN-BENDIT, Daniel; SAUVAGEOT, Jacques; GEISMAR, Alain; DUTEUIL, Jean-Pierre. **A Revolta Estudantil**. Editora: Laudes, Rio de Janeiro, 1968.

COSTA, Rogério. **Por um novo conceito de comunidade**: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. In: ANTOUN, Henrique (org.). **Web 2.0**: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad, 2008b.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 2000.

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERNBACK, Jan Fernback e THOMPSON, Brad. **Virtual Communities**: Abort, Retry, Failure? A versão original deste texto intitulado “Computer-Mediated Communication and the American Collectivity: The Dimensions of Community Within Cyberspace”, foi apresentado no encontro anual da International Communication Association, Albuquerque, New Mexico, May 1995. O resumo foi editado e disponibilizado por Howard Rheingold com autorização dos autores. Disponível em: <<http://rheingold.com/texts/techpolitix/VCCivil.html>> Acesso em: 20 ago. 2004.

FORNATALE, Pete. **Woodstock, quarenta anos depois**: o festival dia a dia, show a show, contando por quem esteve lá. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Outros Espaços**. In: MOTTA, Manuel Barros da (org.). Ditos e escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2006b.

_____. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. **Uma estética da existência**. In: Dits et écrits, vol. IV. Paris: Gallimard, 1994. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/esthetique.html>> Acesso em: 25 jul. 2007
- _____. **As Técnicas de Si**. In: Dits et écrits, vol. IV. Paris: Gallimard, 1994 b. Disponível: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/techniques.html> Acesso: 25 mai. 2007
- _____. **O que são as luzes?** (1984) In: MOTTA, M. (Org.) Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento, Coleção Ditos & Escritos, vol. II, Rio de Janeiro: Forense, 2005.
- _____. **História da Sexualidade II – O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984 b – 7ª edição.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979
- GALLAGHER, B. e WILSON, A. **Michel Foucault, uma entrevista: Sexo, poder e a política da identidade**. The Advocate, nº. 400, 7 de agosto, 1984. p.26-30 e 58. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexpodident.html>> Acesso em: 27 de jul. de 2007.
- GHON, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- _____. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina**. CADERNO CRH, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, Set./Dez. 2008
- GILMORE, Mikal. **Ponto Final: crônicas sobre os anos 1960 e suas desilusões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GILL, Rosalind – **Análise do Discurso**. In: BAUER, W. Martin e GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Manual prático. 5ª ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.
- GOFFMAN, Ken e JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2009.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos – o breve século XX: 1914- 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HONEYCUTT, Courtenay e HERRING, Susan C. **Beyond Microblogging: Conversation and Collaboration via Twitter**. In: Proceedings of the Forty-Second Hawai'i International Conference on System Sciences (HICSS-42). Los Alamitos, CA: IEEE Press. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/honeycutt.herring.2009.pdf>> Acesso em: 15 jun.2009

IANNI, Octavio. **A crise dos paradigmas na Sociologia**. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 32, Junho, Coimbra (Portugal), 1991. Disponível em: <<http://is.gd/xym2Uy>> Acesso em 10 dez. 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KARNAL, Leandro [et al.]. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2010.

LEMOS, André e LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010. - (Coleção Comunicação)

LEVY, Steven. **Hackers**: Heroes of the computer Revolution, Anchor, 1994.
LAZZARATO, Maurizio. As Revoluções do Capitalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MACHADO, Juremir da Silva. **A natureza da sociedade do conhecimento** – Disponível em: http://www.maristas.org.br/sites_especificos/maristasul/img/file/juremir_machado.pdf Acesso em: 10 jan. 2011.

MELUCCI, Alberto. **Acción colectiva, vida cotidiana y democracia**. El Colegio de México, 1999. Capítulo 1. Teoría de la acción colectiva. Disponível em: <<http://is.gd/JNNRKN>> Acesso: 20 set. 2010.

_____. **Challenging codes**. Colletive action in the information age. Cambridge: University Press, 1996. Disponível em: <<http://is.gd/K7UTRy>> Acesso em: 08 jul. 2010.

MONTEIRO, J. D. B. 2007. **1968**, “Tudo já”. Núcleo de Estudos Contemporâneos – NEC do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/secXX.html>, acessado em: 17 de dezembro de 2007.

MORIN, Edgar. **O Método**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MOSCOVICI, Sergio. **Natureza, para pensar a ecologia**. Rio de Janeiro: Mauad X, Instituto Gaia, 2007.

NARVAZ, Martha G. e KOLLER, Sílvia H. **Metodologia Feminista e Estudo de Gênero**: articulando pesquisa, clínica e política. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v.11, n.3, p.647-654, 2006. Licença Creative Commons. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-3722006000300021&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 15 jul. 2010.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. **Imagens do Tempo**. In: DOCTORS, Marcio (org.). Tempo dos Tempos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60**: rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo: Editora Ática, 1997.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. On the Horizon, MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. Disponível em: <<http://is.gd/rrz4Uw>> Acesso em: 16 ago. 2006.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. In: E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>. Acesso em: 29 de agosto de 2007.

QUEIROZ, Imar Domingos. **As ações coletivas na sociedade contemporânea**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003. Disponível em: <<http://www.emtese.ufsc.br/resenha.htm>> Acesso em: 01 abr. 2010.

RHEINGOLD, Howard. **Smart Mob**. The next social revolution. Cambridge: Perseus Publishing, 003. _____ . **A comunidade virtual**. Lisboa. Portugal: Gradiva, 1996.

SÁEZ, V.. **De las banderas al viento a las redes Multiformes**: tecnologías de la información, movimientos sociales y cambio social. In: FERNANDEZ, F.Q. e CABELLORO, F.S.. *Crítica de la Economía Política de la Comunicación y la cultura*; Sevilla Comunicación Social ED, 2001.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2009b. _____ . **Das ações coletivas às redes de movimentos sociais**. UNB, 2009. Disponível em: <<http://is.gd/U5RPEc>> Acesso em: 25 ago. 2010.

SCHIECK, Mônica. **Os gorjeios que ganharam o mundo ou a importância do Twitter na #iranelection**. Trabalho disponível nos Anais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0711-1.pdf>>

_____ ; CAVALCANTI , Danielle; CAVALCANTI, Cecília. **Informação em saúde pública através de sites de museus de ciência**: uma nova dinâmica social. In: Revista TEXTOS de la CiberSociedad , Número 16, Monográfico, 2009: Internet, sistemas interativos e saúde. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=213>> Acesso em: 28 abr. 2009.

_____ . **Ciberativismo**: um olhar sobre as petições online. In: BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schieck-monica-ciberativismo.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2009.

_____ . **Flash mobs e Smart mobs**: uma análise do cenário das metrópoles contemporâneas. 404nOtFound (UFBA), v. 1, p. 1-14, 2008. Disponível: <http://www.andrelemos.info/404nOtFound/404_65.htm>

_____ . **Mobilizações em Rede**: Interatividade e Novos Desafios. II Simpósio ABCiber, realizada na PUC-SP, em outubro/2008. Disponível em: <<http://is.gd/HIDWNI>>. Acesso em: 30 out. 2008.

_____ . **Flash Mob: uma experiência dos meios de comunicação como suporte para novas práticas subjetivas e sociais**. Dissertação de Mestrado apresentado ao PPGCOM-ECO/UFRJ em 2006. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/mestrado/dissertacoes_2006.html#10>

_____ . **Flash Mob: da interação em rede à intervenção urbana**. Trabalho disponível nos Anais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ/Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0812-2.pdf>>

SCHILLING, Voltaire. **1968, a Revolução Inesperada**. Memorial do Rio Grande do Sul, Caderno de História, n.47, Porto Alegre, 2008.

SILVA, Jorge E. **1968**: O ano em que a utopia desceu às ruas. Coleção Canto Libertário, UNESP de Assis. Disponível em: <<http://www.cedap.assis.unesp.br/cantolibertario/textos/0005.html>> Acesso: 15 dez. 2007.

SITUACIONISTAS: **teoria e prática da revolução** / Internacional Situacionistas. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002 (Coleção Baderna).

SOLIDARITY. 2003. **Paris: maio de 1968**. São Paulo: Conrad Livros, Coletivo Baderna.
Tradução: Leo Vinicius. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/maio68.pdf>.,
acessado em: 12 de novembro de 2007.

TARROW, Sidney. **El Poder en Movimiento**. Madri: Alianza Editorial, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. (8ª ed.). São Paulo: Cortez, 1998.

TUCHERMAN, Ieda. **Navegar é preciso**. Viver é impreciso. Revista E.Pós. 2005.1. Disponível em:
<<http://www.pos.eco.ufrj.br/revista/modules/wfsection/article.php?articleid=6>>. Acesso: 14 out. 2005.

_____. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Vega, 1999.

UGARTE, David de. **El poder de las redes**. Manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo, 2007. ISBN 978-84-611-8873-4 / dominio público
Disponível em: <<http://www.deugarte.com/manual-ilustrado-para-ciberactivistas>> Acesso em: 10 jan. 2009.

VALENTIM, Júlio. **Emergência e Controle nas Cidades Cibernéticas**: as smart mobs e o futuro dos ambientes urbanos. In: LEMOS, André (org.). Cibercidade II: Ciberurbe. A cidade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2005.

VAZ, Paulo. **As esperanças democráticas e a evolução da Internet**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 24, julho 2004.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

WELLMAN, Barry e GULIA, Milena. **Netsurfers don't ride alone**: virtual communities as communities. In: WELLMAN, Barry (org.), Networks in the Global Village, CO: Westview Press, 1999.

WOOD, Adrian e RAJGURU, Nutan. **Partido Panteras Negras pela auto-defesa**. Combate Classista Edições 2009 – combateclassista@gmail.com
Disponível: <<http://www.scribd.com/doc/22588999/Partido-Panteras-Negras-Pela-Auto-Defesa#>>
Acesso: 20 set. 2010.

ZIBAS, Dagmar. **A Revolta dos Pinguins e o novo pacto educacional chileno**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v.13, n.38, p.199-220, 2008.

Outras referências:

Ação Coletiva

Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_coletiva> Acesso: 02 mar. 2010.

A Marcha de Washington

Disponível no YouTube: <<http://www.youtube.com/watch?v=HbQC9ikiKII>> Acesso: 04 jun. 2010.

A Revolução no Nilo. A queda do último Faraó.

Caderno especial publicado no Jornal O Globo, sábado, 12 de fevereiro de 2011, Rio de Janeiro/RJ.

Disponível em: http://www.magazinedown.com/Jornal-O-Globo---12-de-fevereiro-de-2011_41900.html Acesso em: 12 fev. 2011.

Ataque de negação de serviço (DDoS)

Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ataque_de_nega%C3%A7%C3%A3o_de_servi%C3%A7o> Acesso em: 05 fev. 2011

Bebop

Disponível: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bebop>> Acesso: 05/06/2010.

Big science

Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/Big_Science> Acesso em: 08 fev. 2011

Castells, sobre Internet e Rebelião: “É só o começo”.

Entrevista de Manuel Castells publicada no Outras Palavras - Comunicação compartilhada e Pós-capitalismo, em 01 de março de 2011.

Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco/>> Acesso em: 03 mar. 2011.

COINTELPRO

Disponível: <<http://en.wikipedia.org/wiki/COINTELPRO>> Acesso: 21 jun. de 2010.

Festival de Woodstock

Disponível: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Woodstock>> Acesso: 03 ago. 2007.

Geek

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Geek>> Acesso em: 30 jun. 2009.

Global Internet Freedom Consortium – FreeGate

Disponível em: <<http://www.internetfreedom.org/>> Acesso em: 18 jun. 2009.

The Suffragettes - History Learning Site -

Disponível: <<http://www.historylearningsite.co.uk/suffragettes.htm>> Acesso: 10 mai. 2010.

Lembra o 'flash mob'? Fui eu que inventei

Jornal Folha de São Paulo, Ilustrada, São Paulo, 20 de Julho de 2006.

Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/inde20072006.htm>> Acesso: 20 jul. 2006.

Movimento Social

Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_social> Acesso: 02 mar. 2010.

MUGGIATI, Roberto. **O Som da Fúria** – o rock foi a trilha sonora dos movimentos de protesto que varreram o mundo nos anos 1960. Revista Cult, São Paulo, n. 152, ano 13, p.67-69, novembro/2010.

National Organization for Women (NOW)

Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/National_Organization_for_Women> Acesso: 16 mai 2010.

O poder na ponta de uma antena

Entrevista de Manuel Castells disponível no portal de informação 'Esquerda.net', Lisboa (Portugal), em 04 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www.esquerda.net/artigo/%E2%80%9C-redes-sociais-ajudam-democracia%E2%80%9D>> Acesso em: 06 abr. 2011.

Pew Research Center – 'Blacks Upbeat about Black Progress, Prospects' - Social & Demographic Trends Pew Research Center

Disponível: <<http://pewsocialtrends.org/pubs/749/blacks-upbeat-about-black-progress-obama-election>> Acesso: 15 jun. 2010.

POWELL, Jim. Biografia: Martin Luther King, Jr.

Disponível: <<http://www.ordemlivre.org/node/482>> Acesso em: 29 mai. 2010.

Protesto na Praça da Paz Celestial em 1989

Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Protesto_na_Pra%C3%A7a_da_Paz_Celestial_em_1989> Acesso: 10 nov. 2008

Rodríguez, Delia. Anonymous: los enemigos de los enemigos de Wikileaks.

Artigo publicado no jornal El País.com, na editoria Trending Topics, em 08 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://blogs.elpais.com/trending-topics/2010/12/quien-es-anonymous.html>> Acesso em: 10 dez.2010.

SCHILLING, Voltaire. A luta pelos Direitos Civis: De Abraham Lincoln a Martin Luther King

Disponível: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/martin_king7.htm> Acesso: 05 jun. 2010

'Se um país não quer mudar, não é a internet que irá mudá-lo'.

Entrevista de Manuel Castells publicada no Jornal Folha de São Paulo, Caderno Eleições, em 21 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/801906-se-um-pais-nao-quer-mudar-nao-e-a-internet-que-ira-muda-lo-diz-sociologo-espanhol.shtml>> Acesso em: 25 out. 2010.

Southern Christian Leadership Conference (SCLC)

Disponível: <<http://www.sclcnational.org/>> Acesso: 06 jun. 2010.

STARHAWK

Disponível em: <<http://www.spectacle.org/0100/starhawk.html>> Acesso em: 14 out. 2004

Stone wall Inn

Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/Stonewall_Inn> Acesso: 27 jul. 2010.

The Feminine Mystique

Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/The_Feminine_Mystique> Acesso: 15 mai. 2010.

The Great Good Place - Ray Oldenburg

Disponível: <<http://www.montclair.edu/pages/ics/Oldenburg.html>> Acesso: 25 jun.2005

Youth International Party

Disponível: <http://en.wikipedia.org/wiki/Youth_International_Party> Acesso: 22 out. 2010.

Web Server Survey. May 2010

Disponível: <http://news.netcraft.com/archives/2010/05/14/may_2010_web_server_survey.html>

Acesso: 28 jan. 2011

Web 3.0

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_3.0> Acesso: 12 jan.2011.